A Saga Magister-Auctor

Arrogância & ignorância

Pablo Márquez

Sayeri Quispe

Versão 2.06

Título: *A Saga Magister Auctor 10. Arrogância e Ignorância*
Título Original: *De Magister-Auctor Sage 10. Arrogantie en ignorantie*
Co-autores: Pablo Márquez e Sayen Quispe
Título Original: *De Magister-Auctor Sage. 10 Arrogantie en Ignorantie*
E-book em páginas com *fonte Charter 14*
Versão de 122.25 de Maria Liber

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Commons BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

Neste livro, mencionamos às vezes comunidades de aprendizagem que subscrevem a *Carta do Aprendente*. O conteúdo da *Carta* pode ser encontrado no Volume 9 *A Era do Aprendente*.

Para facilitar a leitura, utilizei os nomes posteriores à Refundição neste volume. Lembro:

Zona 1	Alkebu-lan (Alkebulan)	Africa
Zona 2	- - - - -	Eurásia
Zona 2 Este	Waçúm	Ásia
Zona 2 Oeste	Erebúm	Europa
Zona 3	Abya Yala	América
Zona 3 Norte	Vineland	América Norte
Zona 3 Sul	Anahuac	América Sul
Zona 4	Okeanos	Austrália / Oceania
Zona 5	- - - - -	Antarctica

A Saga Magister-Auctor

Arrogância & ignorância

Pablo Márquez

Sayeri Quispe

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

O nascimento de Bloomcamp (2056-2059)

Greta encontra-se no comboio de alta velocidade de Paris para Madrid. Sergio já está com quase um ano e dorme ao lado dela. Dá trabalho viajar de Londres a Lisboa de comboio, mesmo sem bebé. Felizmente, o pessoal do comboio é muito prestativa. Ela saiu de Londres ontem à tarde. Agora tem um coupé confortável para ela e o seu filho no comboio noturno para Madrid. Lá ela tem transferência para o comboio com destino a Badajoz. Na cidade fronteiriça espera-lhe a ligação para Lisboa por Évora. Lembra-se do avô Paulo. Há pouco mais de vinte anos, ele queria tanto que a ligação direta Lisboa-Madrid-Paris estivesse efetivamente pronta em 2034, como o então governo tinha dito dez anos antes. Ele sempre sonhou em apanhar o comboio noturno para Paris e de lá o *Eurostar* para Londres. Ele nunca teve a oportunidade de o fazer.

Greta ri sozinha. Como teria ficado incomodado com os diversos transbordos. De resto, o comboio continua a levar pouco mais de seis horas para percorrer os 500 km entre Madrid e Lisboa. Já representa metade do tempo que era necessário durante a década de 2020, mas os atrasos para a construção da ferrovia para comboios de alta velocidade continuam a acumular-se. Faz cinquenta anos que se fala em transporte menos poluente. Mas no *Far West* da Erebúm (Hoje Erebúm) isso é aparentemente difícil ou inviável. A maioria dos residentes nessas regiões ainda vê o individualismo e as deslocações rápidas como auge do desenvolvimento humano e continua a apostar em carros e aviões. Os decisores políticos gostam de voar e estão muito

relutantes em fazer investimentos que criem concorrência para a aviação. Significaria de certa maneira o fim dos privilégios para viagens pessoais e profissionais de avião. O tempo de viagem ferroviária entre as duas capitais ibéricas deve portanto permanecer significativamente superior ao tempo de viagem mais o tempo de espera nos aeroportos regionais e internacionais. A propósito, estes tempos de espera quase não para VIP's.

As cimeiras sobre clima e a mobilidade, para as quais os primeiros-ministros voam de um lado para o outro em jactos privados, servem principalmente para apaziguar activistas com planos futuristas. Além disso, os viajantes mais ambientalmente conscientes têm a mentalidade '*viver devagar*' e se um mortal tão consciente não tiver tempo, é melhor não viajar, observou recentemente o ministro da mobilidade do país. Foi durante um debate com a sua homónima, hoje com 43 anos. A conhecida activista climática escolheu Lisboa como paragem do seu tour de bicicleta por Erebúm. Ela quis chamar especialmente a atenção para as opções de viagem usando comboio, métro e elétrico urbano rápido de superfície, complementadas com bicicletas para distâncias curtas.

Os pensamentos de Greta voltam para o avô Paulo. Certa vez, falando do pai lembrou que disse um dia em como envelhecer não é uma coisa má, mas de ser difícil em ver gradualmente a sua própria geração desaparecer. Ele fez essa observação no dia em que o seu grupo de *tertúlia* se tornou mais uma vez mais pequeno após a morte de um de seus membros. Hoje a sua geração desapareceu quase por completo. No início de junho do

ano passado, a tia Joana e a mãe estiveram em Oostende no funeral da tia-avó Anne, junto com Sebastiaan, Alan e família. Como o irmão antes, ela também quis as suas cinzas espalhadas no mar.

Greta sabe como a tia-avó Anne e o avô lidavam cada um à sua maneira com a comunicação e a aprendizagem dialogada. Ela lembra-se de outra viagem que fez há mais de quatro anos. O primo Alexandre acabara de encontrar algumas cartas de uma certa Cathy Braydune na correspondência do avô. Os seus dois primos e ela mesma estavam muito curiosos em quem poderia ser a tal Cathy. As suas respectivas mães não conseguiram dizer-lhes nada. Logo, Greta consultou Anne. Os seus pensamentos deambulam para aqueles anos anteriores ao nascimento do pequeno Sergio…

... ela acaba de chegar a Oostende quando Anne fica recebe a notícia que morreu Marta Lacour.

"Marta era uma daquelas boas amigas do teu avô", começa Anne. "Eu também tive contacto regular com ela. A tua avó Maria que nunca conheceste correspondeu com ela por algum tempo quando ela trabalhava numa Escola Superior de Formação de Professores."

"Conte-me sobre isso, tia", pede Greta.

"A Marta era colega turma de Paulo na então Escola Normal. Ambos ficaram muito fascinados pela Pedagogia Institucional e fizeram estágio com Fernand Oury."

"Sim, encontrei cartas com ele e também tenho uma pasta inteira com cartas digitalizadas entre o vosso pai e Fernand Oury. O avô organizou tudo num pequeno livro mais ou menos

legível."
Anne sorri: "O meu irmão e o meu pai eram grandes admiradores daquele professor francês. Às vezes eu o achava um pouco pedante, mas acho que quase todos os homens o são!" Ela ri. "A minha experiência com homens não tem sido muito feliz. Talvez seja por isso que às vezes exagero um pouco. Talvez não tenha sido o próprio homem, mas alguns de seus seguidores. Sabes, aqueles seguidores que colocam uma espécie de auréola na cabeça de seu líder. Se for muito sincero, devo dizer que ele próprio nunca procurou reconhecimento. E sempre insistiu na cooperação, também quando escrevia sobre experiências práticas. Ele nunca quis ficar como o primeiro autor dos livros nos quais participou."
"E o que isso tem a ver com Marta?" Greta pergunta.
Anne ri de novo: "Sim, ajuda-me a não me desviar muito. Faço isso com mais frequência hoje em dia. Então Marta. Quando Paulo e Marta acabaram de se formar como professores de ensino primário, o teu avô fez umas tantas voltas no país e no estrangeiro. Deves ter encontrado vestígios disso na biblioteca dele. Esteve envolvido numa experiência de criação de escola na Flandres originalmente liderada por um grupo de jovens pais, incluindo vários migrantes políticos a quem na altura chamávamos de refugiados políticos. Pouco depois partiu para os Países Baixos, onde trabalhou por um curto período num movimento Freinet local. Esteve em Espanha, depois de uma pequena pausa na França. Dois ou três anos mais tarde regressou por um tempo à Bélgica. De seguido mudou-se definitivamente para Portugal com a tua avó. Mas Marta ficou

na Bélgica. Ela conheceu Claude Azuará. Lembras-te falei dele quando me entrevistaste para a tua tese. Ela trabalhou por um tempo com Claude e a sua esposa. Quase sem saber, foram responsáveis pelo alargamento do conceito de Pedagogia Institucional para o de Antropogogia Institucional. Marta trabalhou durante anos num modelo de formação de professores, auxiliada por professores que se identificavam como membros de um Movimento Freinet ou um Movimento da Escola Moderna. Crianças a aprender e adultos a aprender trabalhavam juntos nos seus respectivos projetos. Claude fez o mesmo na França, e a tua avó Maria experimentou-o em Portugal com alguns amigos intimamente ligados ao Movimento da Escola Moderna local."

"É estranho encontrar tão pouco disso", observa Greta.

"Poderás encontrar mais vestígios disso nalguns grupos de reflexão locais. Pergunta à tua tia Joana. Ela ainda trabalha naquela instituição universitária que aborda psicologia, comunicação e aprendizagem dialogada, certo? Mas este modelo específico de formação de professores sempre ficou à margem da formação universitária. Na altura, havia bastante liberdade de acção para os supervisores da prática, mas isso não alterava o facto de os decisores políticos, tanto a nível governamental como académico, já desconfiarem de modelos institucionais de longo alcance e com excessivo envolvimento dos estudantes no seu próprio processo de aprendizagem."

"Hoje em dia, as pessoas seriam rápidas em salientar que este tipo de comunidade de aprendizagem é boa para os trabalhadores de base que vivem à margem da sociedade,"

suspira Greta.
“Oh querido, não era muito diferente antes. Quem falava em ensinar as pessoas a pensar criticamente fora da retórica democrática comum era imediatamente visto com suspeita.”
“A mãe e a tia Joana conseguiram fazer com que investigadores se interessassem por esse tema para *Ignarysis*. Aparecem cada vez mais artigos na revista de autores críticos das mais diversas disciplinas das ciências humanas, exceto talvez… a mãe fez recentemente o comentário de que há poucas contribuições vindo das ciências políticas.”
“Tenho a impressão de que a análise ignométrica está em ascensão entre os pensadores críticos. As ciências políticas provavelmente seguirão a tendência, mesmo se for apenas para fundamentar contra-argumentos.”
Greta olha para Anne, abanando a cabeça, e depois diz: “E talvez haja jovens estudantes nesta parte das humanidades que estejam realmente se interessando por ela. A mãe e tia Joana não descartam uma atualização da *matriz* nos próximos anos. De momento elas estão a sistematizar muita informação.” …

… A tia-avó Anne não está mais connosco para analisar a atualização da matriz ignarométrica, pensa Greta, quando um travar do comboio traz seus pensamentos do passado para o presente. Ela teria chegado à conclusão que talvez tivesse sido um pouco otimista demais. Novos tipos-ideais estão a emergir nas zonas de mais arrogância e mais ignorância e nas zonas positivas combinadas. Mais do que um desses tipos representa a esfera política. Ela própria contribuiu para a atualização. Ela conhece muito bem os exemplos dados pelos estudantes das

comunidades de aprendizagem que ela orienta com a tia na universidade de que a tia-avó Anne falava então.
O pequeno Sérgio acorda. Greta tira o aquecedor de biberão do saco de viagem e aquece o leite para a refeição da tarde. Ela fala baixinho com ele enquanto o alimenta. Depois ela estende um pano sobre a cama bastante larga ao lado do banco e deixa-o rastejar. Quando ele tenta levantar-se usando o candeeiro de leitura na parede, ela dá-lhe a mão. Ele agarra a outra mão e, puxada, tenta dar um passo na direção dela. Ele cai no rabo. Ele gatinha. Ela sorri-lhe e tira alguns livros do saco. Ela leva a sua pequena mão para um dos livros que apresenta uma orquestra. Como o som do instrumento correspondente é ouvido quando toca a sua imagem, o bebé ri. Greta coloca os outros livros ao seu alcance e começa a brincar com ele.

Desde que Joana e Catherine propuseram o quadro ou a matriz ignarométrica, há um quarto de século, o panorama político mudou bastante. Após a morte de Putin, o antigo Império Russo tornou-se muito rapidamente numa espécie de reedição do Sacro Império Romano da Nação Alemã (Zona 1 - sobretudo Waçúm). O *Sacro Império Ortodoxo da Nação Russa*, tal como o então Império Alemão mais a oeste, tornou-se uma versão mais moderna da enormidade de principados sob forma de pequenas repúblicas oligárquicas na vasta Nação Russa. E todos os oligarcas estão constantemente em guerra uns com os outros.
Na Grande Erebúm dos antigos Estados-Nação, a oeste da Rússia, ainda existem nações, mas os estados estão cada vez mais a desaparecer sob o jugo dos grandes grupos económicos

que têm a sua base na Erebúm. Cada vez mais, estão a ser impostas regras pan-europeias que beneficiam a economia capitalista. À medida que o Estado desaparece, os serviços sociais públicos também o fazem gradualmente. O sector da saúde foi completamente privatizado em toda a Grande Erebúm, tal como o foram todos os serviços básicos: o fornecimento de água, de electricidade e das infra-estruturas de comunicações. As unidades de produção foram transferidas para a Waçúm (hoje Waçúm), a Alkebulan (hoje Alkebulan), a América Central (hoje Abya Yala) e do Sul (hoje Anahuac) e o desemprego aumentou rapidamente na Grande Erebúm, no Império Russo e na União de Estados Americanos. Os imigrantes pouco qualificados deixaram todas estas regiões e regressaram à sua própria terra, muitas vezes no trilho das empresas fornecedoras de emprego onde já trabalharam e que transferiram as suas unidades para mais perto da matéria prima. Os trabalhadores locais pouco qualificadas seguiram-nos e tornaram-se por sua vez migrantes. Os que ficaram aceitam empregos mal remunerados em empresas privadas locais sobreviventes, geralmente financiadas através de impostos: a recolha de lixo, a manutenção de infra-estruturas. Os trabalhadores manuais também ainda encontram trabalho no setor de serviços. A economia paralela floresce em todo lado. Desempregados tornam-se faz-tudos.

A maior fatia da economia mundial está nas mãos dos governantes do Império Chinês. Esses governantes continuam a reivindicar partes de Anahuac. A vastidão do próprio território e a enorme população sob uma oligarquia dominante faz com que

aqui as unidades de produção estão localizadas dentro das próprias fronteiras. Além disso, o governo central juntamente com os governantes do Império Indiano, dividem entre eles o controlo sobre áreas adjacentes, graças a uma espécie de pacto de não agressão. As duas unidades geográficas mais populosas do mundo ambos sob uma forte administração centralizada controlam entre si não apenas o próprio território, mas também todas as regiões a leste da China e a oeste da Índia (Waçúm).

Os vários Estados insulares a leste da China estão cada vez mais dependentes desse gigante económico e vizinho. Taiwan, a Coreia e as Filipinas são forçadas a manter relações comerciais com o Império Chinês. O Japão de hoje consiste principalmente de uma sociedade de idosos. Marcas aqui sediadas transferiram as suas unidades de produção. Os jovens que não desejam emigrar e que tem meios para o fazer retiram-se para pequenas comunidades e aldeias. Assim, como o era tradicionalmente, o cuidado dos idosos permanece nas mãos da família e das pequenas comunidades.

As grandes áreas ao sul do Império Ortodoxo da Nação Russa, entre a Índia e a Erebúm, são terra de ninguém, ou melhor, *terra de todos*. Em toda a região, que os egocêntricos europeus continuam a chamar de Médio Oriente, só em alguns casos podemos falar de Estados independentes. A Turquia e o Paquistão são exemplos. Os territórios ainda ricos em recursos permanecem sob controlo apertado pelos principais blocos de poder económico, China e Índia.

A guerra de desgaste religioso durante a década de 2020, que começou no que os líderes europeus chamaram de Próximo

Oriente, causou o desmoronamento de áreas inteiras. Como resultado, grupos de senhores da guerra reuniram-se por em toda aquela área. Muitos entre eles têm uma interpretação específica por vezes pessoal do dogma de uma das três religiões abraâmicas sendo esse o pretexto para formar os seus próprios exércitos, milícias ou grupos terroristas. Estes senhores da guerra foram originalmente financiados através de esquemas obscuros originados dos blocos de maior poder no século XX. O financiamento destinava-se principalmente ao enriquecimento próprio graças à indústria militar. Ao longo deste século os grupos foram cada vez mais abandonados à sua própria sorte. Os governantes russos mas mais tarde também líderes americanos e europeus, perderam gradualmente o interesse nessas áreas e nos seus auto-proclamados governantes, quando se tornara claro que nos próximos cinquenta anos outras zonas do planeta teriam de ser explorados em busca de recursos. O fluxo de dinheiro para a indústria controlada pelos verdadeiros proprietários do mundo teve de ser ajustado. Os líderes moderados das religiões abraâmicas continuam a proclamar que a sua própria religião é de paz e não de guerra. Eles parecem ter desistido de todos os lugares sagrados conjuntos. Uma nova mancha branca - ou antes encarnada - apareceu no mapa mundial. Após a sangrenta guerra de exaustão entre fanáticos, a região está agora entregue aos fanáticos que sobreviveram. Famílias amantes da paz de todos os credos religiosos e não religiosos emigraram em massa nos últimos dez anos. Os únicos novos imigrantes na região são os mercenários de um dos inúmeros senhores da guerra. A diplomacia parcialmente

pública e parcialmente secreta dos líderes da Grande Erebúm e do Império Chinês trabalha arduamente para concentrar o maior número possível de conflitos armados aí. Por interesse próprio permitem a imigração controlada enquanto leis rigorosas expulsam os desordeiros ou discretamente lhes permitem desaparecer das suas prisões rumo às zonas de conflito. Lá tornam-se mercenários radicalizados.

Gradualmente o governo central da União de Estados Americanos retirou-se do tabuleiro de Stratego de Steven Bird. Hoje, os nativos desses Estados estão virtualmente confinados dentro das fronteiras quase hermeticamente fechados pelos seus próprios líderes para qualquer pessoa que não tenha nascido dentro delas depois de 2025. E mesmo antes, cada vez menos mão de obra barata vinha do Sul. Nos últimos vinte anos o número de entradas ilegais caiu quase para zero. Já não há mais quem queira correr o risco de ser baleado na entrada em troco de quase nada. As marcas europeias têm unidades de produção na América Central e lá também são finalizados os produtos provenientes da China. O Panamá (Abya Yala) é a plataforma das exportações de mercadorias para Este e para Oeste. Os migrantes do sul permanecem naquela zona. Os migrantes vindo do México mais ao norte também preferem se estabelecer nas áreas de língua espanhola. A indústria nos Estados Americanos (hoje Vineland) está cada vez mais em declínio. Com a maior degradação do sistema escolar e os movimentos religiosos e seitas muito activos, o fundamentalismo contra seja o que for relacionado com a ciência aumentou muito. As pessoas voltam para comunidades rurais fechadas. Lá, liberdade

tornou-se muitas vezes sinónimo de individualismo. Os conflitos entre comunidades fechadas voltam a ser combatidos de forma imediata, com armas de fogo.

Nas áreas rurais de quase todo o mundo emergem líderes autocráticos. Eles se assemelham cada vez mais aos tipos-ideais inseridos na matriz ignométrica como *'líder partidário'*, *'líder de culto'*, *'líder fascista'* e *'líder autoritário'*. Eles fazem 'limpezas' nas áreas que controlam, em parte fechando os olhos aos civis armados que agem em seu próprio nome, em parte encorajando convenientes banimentos internos ou externos.

Em todas as áreas ainda controladas centralmente, incluindo a União de Estados Americanos (Vineland), a Grande Erebúm (Erebúm), o Império Chinês (Waçúm) e as áreas controladas regionalmente no Sacro Império Ortodoxo da Nação Russa (Erebúm e Waçúm), líderes arrogantes estabeleceram-se como governantes, cegamente seguidos por grupos cada vez maiores de pessoas implacáveis e de ignorantes.

Por outro lado, a vontade de conhecer, de investigar, de aprender e de colaborar continua intrínseco ao ser humano. Os proprietários cegados pela riqueza, filhos do sistema económico global com os seus aspectos desumanos, são incapazes de destruir essa vontade. Pessoas que aprendem organizam-se e encontram-se.

As comunidades de aprendizagem crescem rapidamente nas áreas abaixo da cintura amazónico sul-americana. Depois de um longo hiato, os estados do sul do Brasil (Anahuac) são hoje mais uma vez o ponto de encontro de grupos de base que lutam por um mundo pluralista. Muitos encontros aproveitam técnicas de

realidade aumentada. Salas específicas são construídas para promover encontros a distância. Aqueles que não têm a possibilidade de viajar ainda podem participar na maioria das plataformas de discussão. Uma nova rede parece ter surgido nos últimos anos. Muitas vezes os membros dessa rede utilizam tecnologia já existente deixada para trás em muitos lugares. Os líderes autocráticos não o sabem e os seus seguidores ignorantes não o entendem. Grupos de base da Anahuac, Alkebulan do Sul, Grande Erebúm, Vineland, Okeanos, Sibéria, China, Índia, (Waçúm) e assim por diante, conseguem partilhar experiências entre si. Novos pontos de comunicação estão a ser criados com a ajuda de cientistas que se reúnem a nível internacional — ou deveríamos usar a palavra mundial ou planetária, perante o gradual desaparecimento do conceito de nação? — em estruturas de como os laboratórios da Zona 5, as Estações Espaciais, a base lunar. Até mesmo a colonização de Marte às vezes envia um sinal. De momento, e por razões práticas, a Estação Espacial em Marte, e mais ainda a de Ganímedes, não são de grande ajuda para a rede de encontros digitais. Os sinais levam muito tempo para ir e voltar.

Muitos intelectuais e cientistas conseguem financiamento para as suas viagens. Desde há um década as universidades canadenses atraíram habilmente uma nova geração de investigadores e cientistas de todo o continente de Vineland. Os cientistas da União de Estados preferem estabelecer-se com os seus vizinhos do norte, onde experimentam mais abertura. Contudo laços importantes permanecem com algumas universidades na Califórnia, em Nova Jersey e Massachusetts. Aí a investigação

ainda é possível conduzindo para a criação de empresas originais com um carácter humanístico e não exclusivamente económico. Entre si, os investigadores e cientistas falam sobre o *quadrilátero intelectual Valobomo* Vancouver - Los Angeles - Boston - Montreal. Existe um fluxo contínuo de correspondência e de viagens entre esses quatro pólos.

Na Erebúm pode-se falar de uma espécie de triângulo intelectual entre as universidades de Londres, Paris e Berlim. Esse triângulo é complementado por um arco que se estende de Granada a Milão, passando por Madrid, Toulouse, Lyon e Zurique. Na região de Bruxelas, as universidades livre e católica ainda são um tanto reconhecidas respectivamente pela sociologia e pela teologia. De resto, as principais universidades da Erebúm englobaram as outras faculdades. O polo universitária de Lisboa, por exemplo, onde Greta e Joana trabalham, depende do Instituto de Educação da Universidade de Londres. Outras faculdades lusitanas foram quase todas assumidas por instituições de Paris e Toulouse.

Também na Erebúm existe um farto intercâmbio entre estas diferentes unidades universitárias. Aos poucos surgiu o hábito de se reunir através de avatares, em zonas privadas de plataformas como a Minecraft. Esses encontros acontecem num cenário de jardim aí construído e hoje conhecido como *Horta Literária Virtual Público.* A referência à *Res Publica Litteraria* é óbvia e hoje em dia todos que conhecem o sítio referem-se a ele como *A Hortública*. Além dos encontros nesse espaço, realizam-se reuniões presenciais mais restritas em determinadas universidades o que envolve deslocamentos físicos. A sua

organização resulta de uma espécie de paranóia desenvolvida por investigadores independentes e críticos. O modo de publicar nas revistas científica como por exemplo *Ignarysis* está na sua origem. Muitos artigos nessas publicações são submetidos sob pseudónimos coletivos, tendo em mente Bourbaki. Os colegas mais críticos de Vineland retomaram também esta cultura de viagens. No início faziam-no de avião, mas hoje em dia cada vez mais de comboio. A Amtrak tem construído alo longo dos últimos dez anos linhas de alta velocidade, endireitando rodovias existentes que atravessam áreas rurais. A população fundamentalista anti-ciência prefere estabelecer-se no interior. Lá, grupos extremistas atacam 'estrangeiros' que passam. Em suma, é mais fácil proteger um comboio de alta velocidade do que um autocarro. Cada vez mais viajantes estão a optar pelo comboio de alta velocidade deixando o carro e o autocarro como resultado desta crescente insegurança ao longo das auto-estradas de Vineland. Cidadãos mais conscientes e menos ignorantes fazem o mesmo. Eles preocupam-se com as alterações climáticas resultantes do desperdício desenfreado e da poluição provocados por quem viveu no século XX nas zonas mais ricas do planeta. Tal como na Erebúm, os comboios americanos estão cada vez mais confortáveis. Parecem escritórios móveis com serviço de refeição. Além disso, é possível desfrutar de uma boa noite de sono em percursos que duram mais de um dia.

Em todo o mundo, viajar de comboio e de avião está a tornar-se mais caro rapidamente. Viagens de longa distância de carro individual torna-se uma não-opção. Fora de certas áreas

europeias e chinesas, uma viagem assim facilmente é fatal. Hoje quase todos os veículos individuais são elétricos. Isto significa que os viajantes têm de incorporar tempos de espera para recarregar as baterias, muitas vezes em pontos de paragem pouco atrativos. Estações de serviço de combustíveis fósseis são hoje quase inexistentes. Não, os lobbies do transporte individual promovem a posse de um automóvel mas só para viagens curtas e férias na própria região. Eles respondem de forma inteligente às mensagens que aparecem cada vez mais nas redes sociais, dizendo que alguém corre grande perigo assim que visita locais onde se fala uma língua diferente ou onde prevalece uma cultura diferente, mesmo na Grande Erebúm!

Os lobbies ainda têm o papel a desempenhar para manter o consumo de massa, mas as maiores estruturas de lobby perderam muito do seu impacto. Veja o G7, por exemplo. Em última análise, este grupo é um remanescente do *boom* económico após a Segunda Guerra Mundial do século passado. O grupo agora se reúne de dois em dois anos, mas tem pouca importância. Por outro lado, o Fundo Monetário Internacional ou *FMI*, continua a ter poder. Formalmente, este fundo ainda é um departamento das chamadas Nações Unidas. Mas com o fim da época à qual se referia como de Guerra Fria, as guerras locais e os massacres em muitas partes do mundo mostraram cada vez mais a impotência de tal órgão. Figuras com valor alto na escala Bloomberg [Ver o volume 09: *A era do aprendente*] assumiram o controle desse fundo monetário para seu próprio benefício. Ninguém mais fala em estabilizar economias nacionais. O FMI nunca o fez antes, mas o auto-enriquecimento já não é um

objectivo oculto. Hoje a principal preocupação do grupo director é preservar alguns lugares no mundo onde os trabalhadores possam produzir de forma relativamente tranquilo e lugares onde o sector dos serviços garante que os padrões de consumo possam ser mantidos. Por isso que o FMI também contribui discretamente para a preservação dos territórios em conflito. Todas as armas excedentes são enviados para lá. Dessa forma, os lucros deste sector são ainda apetitosos. Como resultado, a arrogância balística desloca-se para áreas onde os líderes militares e paramilitares podem continuar o a jogar Stratego. E tem a vantagem adicional de poder enviar quando necessário soldados arrogantes e menos ignorantes para proteger as regiões onde a produção deve ser garantida.

O revisor do comboio toca à porta. Ele pergunta se a Greta prefere jantar ali mesmo ou se quer ir para o vagão-restaurante. Ela prefere ficar na couchette com o filho. Pouco depois, o jantar é-lhe servido. Sergio adormeceu novamente e uma hora depois ela também prepara-se para dormir.

Na manhã seguinte, Greta tem tempo para tomar o pequeno almoço e alimentar e vestir o Sergio antes que o comboio chegue à estação de Madrid, por volta das nove horas. A ligação a Badajoz está prevista para 45 minutos depois. Greta recebe ajuda de um jovem casal com quem começou a conversar na sala de espera. Eles apresentaram-se como Bianca e Gabriel. Greta logo descobre que Bianca Horta y Valls é de Barcelona e que Gabriel nasceu perto do Porto. Vão também para Lisboa, onde Bianca quer consultar os arquivos da universidade. Ela é historiadora e atualmente faz pesquisas antropológicas sobre

costumes populares ibéricos e sua difusão nos séculos XVI e XVII, numa altura em que toda a Península Ibérica estava sob a mesma monarquia dos Habsburgos.

Os jovens viajantes acomodam-se num compartimento do comboio, após serem assegurados pelo revisor de que o comboio só está ocupado pela metade. Podem facilmente mudar de assento para permanecerem juntos. Com a ajuda do mesmo revisor, reservam electronicamente lugares adjacentes no comboio Badajoz-Lisboa. A viagem em alta velocidade até Badajoz demorará duas horas. O comboio para Lisboa aguarda a ligação de Madrid e a partida está prevista para pouco depois do meio-dia.

O pequeno Sergio aparentemente gosta de ter três adultos à sua disposição. Eles revezam-se cuidando dele até que ele adormeça. Em breve a conversa passa a abordar a política educativa na Grande Erebúm. Bianca está convencida de que pertencem à última geração de uma classe média para quem subir na escala social e ingressar em estudos superiores é um passo bastante óbvio após a conclusão do ensino secundário obrigatório. Agora que os governos nacionais estão cada vez mais a ser substituídos por autoridades locais sob o Governo Central da Grande Erebúm, rapidamente uma nova tendência torna-se visível. Na maioria das regiões já se fala em eliminar progressivamente a escolaridade obrigatória para crianças com mais de 14 anos durante os próximos cinco a dez anos. Para o trio, a primeira consequência é bastante evidente: a ignorância aumentará rapidamente. Os influenciadores ganharão ainda mais controle sobre seus seguidores.

“Parece que estamos a voltar à estaca zero”, observa Gabriel. “Os mágicos foram substituídos por influenciadores em algum tipo de aplicativo de mensagens. Os aplicativos populares da nossa infância eram brinquedos inocentes em comparação.”
“Brinquedos inocentes?” pergunta Greta um tanto surpresa. “Lembro-me de pelo menos dois que foram amplamente utilizados para assédio e *bullying* entre os jovens. E os aplicativos mais populares da época dos nossos pais já eram usados sistematicamente para, com mensagens duvidosas ou falsas, persuadir pessoas a votar em figuras autocráticas com traços de ditadores.”
“O que quero dizer”, continua Gabriel, “é que esses aplicativos eram então, até certo ponto, monitorados por humanos. Havia ainda regimes mais ou menos democráticos que poderiam impor algumas restrições aos proprietários ou desenvolvedores desses tipos de aplicativos, caso fossem muito negligentes com a desinformação. Mas à medida que esse tipo de desinformação se tornou útil para desacreditar qualquer pessoa que criticasse o modelo de mercado orientado para o lucro em constante crescimento e com elevada pressão sobre os consumidores, o controlo sobre as aplicações diminuiu. Hoje é inexistente. Se reduzires cada vez mais a estrutura na qual as pessoas podem aprender a pensar criticamente, então os influenciadores se tornarão uma espécie de solucionadores omniscientes de problemas e por isso adorados. Ou seja, diferem pouco dos mágicos da época dos representantes divinos na terra.”
Bianca ri. “Gabriel iguala bloggers, *vloggers* e influenciadores com os sumo-sacerdotes dos faraós egípcios.”

Gabriel ri também. “Sim, parece divertido, mas entretanto ouço das crianças com quem trabalho, e especialmente dos seus pais, as histórias mais incríveis. O misticismo e a credulidade dominam completamente a lógica e a ciência. E o pior de tudo é que muitos dos meus colegas acabam por apoiar essas histórias.”
Agora é a vez de Greta rir. “Então”, diz ela, “se colocares as coisas dessa forma, é realmente bom reduzir o número de anos de escolaridade obrigatória. Dessa forma, as crianças ficarão menos expostas à ignorância dos seus próprios professores.”
Gabriel imediatamente fica sério. “Não sei até que ponto estás ciente das rotinas escolares atuais. É claro que, mais uma vez, se espera que a formação de professores apenas os prepare para serem proponentes de manutenção de rotinas de aprendizagem servil. A escola certamente não é o instrumento para ensinar as crianças a pensar criticamente. Mas deitar fora o instrumento não resolve o problema, é claro. Infelizmente, essa tem sido frequentemente a reacção daqueles que olham criticamente para os sistemas escolares. Muitos estão a pressionar pela abolição da escola que escraviza. Parece um pouco com ‘*prefiro não comer e morrer*’ em vez de ‘*comemos alimentos não saudáveis por enquanto, mas continuamos a nos esforçar por alimentos saudáveis*’. E hoje a solução daqueles perigosos fanáticos ‘*livremo-nos-de-tudo*’ parece andar de mãos dadas com os ainda mais perigosos defensores do ‘*dividir e conquistar*’ que estão actualmente a dirigir as autoridades regionais. O resultado é mais ignorância, aparentemente entre duas elites antagónicas. Mas, no final, trata-se de uma elite monetária bem formada e informada e de uma pequena elite intelectual bem formada que

talvez despreza um pouco o dinheiro, mas no entanto o utiliza para se isolar do poço da ignorância, tal como faz a elite monetária. Essa elite intelectual quer proporcionar aos seus filhos uma educação crítica. Na Grande Erebúm hoje tal educação ocorre quase exclusivamente em escolas privadas com modelos de educação cooperativa. E é preciso pagar por isso. As escolas públicas que adoptam um tal modelo são rapidamente colocadas sob suspeita fazendo com que muitas pessoas ignorantes, cujos filhos seriam mais beneficiados, evitem essas escolas em vez de as procurarem. Assim, essas escolas servem uma parte residual da população de pais menos abastados que ainda possuem capacidades de pensamento crítico suficientes para enviarem os seus filhos para lá. Poderíamos dizer que quanto menos pessoas ignorantes fizerem uso delas, maiores serão as chances de que uma educação crítica quase gratuita ainda seja possível para alguns. Proteger as escolas e o seu ambiente é, na minha opinião, uma espécie de guetização por interesse próprio, diferente da guetização imposta por outros. Mas do ponto de vista social, o resultado é praticamente o mesmo: há um fosso crescente entre os diferentes grupos da sociedade. Isto também aumenta a desconfiança e os sentimentos de ódio de um grupo em relação ao outro."

Greta pensa um pouco antes de responder: "Sabes, a a minha mãe e minha tia fizeram de o que era uma ideia na família há várias gerações uma ferramenta de trabalho para análises no campo do estudo das interações humanas. Nos círculos sociológicos a ferramenta ficou conhecida com o nome de *análise ignométrica*. O instrumento é especialmente útil para

uma abordagem fenomenológica da realidade. Mas os antropogogos também costumam usá-lo. O que descobrimos é que…"

"Espere um minuto", interrompe Gabriel. "Estás a dizer que és filha de uma das irmãs Demeester? Sou um leitor ávido de *Ignarysis*, mais especificamente dos casos de estudo relacionados com a formação e a educação."

Greta sorri. "Sim", diz ela, "sou filha da Catherine e trabalho regularmente com a Joana".

"Tenho prestado muita atenção à *Carta do Aprendente*", diz Gabriel.

Bianca diz agora: "Sabes, quando Gabriel me mostrou pela primeira vez uma edição de *Ignarysis*, pensei que a ignarometria era especialmente útil para sociólogos e antropogogos. Mas à medida que me aprofundei na história da cultura popular como antropólogo, descobri que algumas das nossas pesquisas beneficiam de uma abordagem ignarométrica. Mas interrompemos-te."

"Não faz mal", responde Greta. "Eu só queria dizer que enquanto pesquisava a biblioteca do meu avô, de facto percebi como a ligação entre ignorância e arrogância tem sido uma abordagem de análise há algum tempo nas gerações anteriores da nossa família. Mas mesmo sem esse traço familiar… se olharem para a história da generalização do acesso ao conhecimento e à ciência, o que Gabriel observou há pouco não é um fenómeno novo. Tanto entre a elite monetária como entre a elite intelectual, como ele disse, encontramos ao longo da história indivíduos que preferem

manter-se isolados de quem dizem com condescendência serem *plebe*, pessoas comuns. Alguns proprietários adoptam uma atitude caritativa para com os trabalhadores, enquanto alguns intelectuais adoptam uma atitude paternalista protetora para com aqueles que não estudam. E ainda é assim. Aqueles que estão conscientes dos seus privilégios raramente estabelecem parcerias com aqueles que não possuem esses privilégios. Portanto, os nossos modelos modernos de sociedade tendem mais uma vez para uma espécie de sistema de castas na qual a mobilidade social se torna mais difícil e, assim, obscurece cada vez mais o carácter complementar da diversidade humana."

Bianca então diz: "Li no último número do ano passado, no qual é proposto uma matriz ignarométrica mais detalhado, a descrição dos quatro quadrantes com quatro modelos utópicos de sociedade. O meu primeiro pensamento foi que infelizmente a utopia totalitária parece ser o modelo menos utópico e que estamos a avançar rapidamente nessa direção."

"Essa é uma das razões pelas quais a tia Joana insistiu em propor a *Carta à* qual Gabriel se referiu. Esperamos, e digo o no plural porque trabalho com a Joana, sermos mais claros sobre o que significa para nós uma comunidade de aprendizagem. Gostaríamos também de chamar a atenção daqueles que ainda trabalham na educação existente. Achamos importante enfatizar o papel do grupo de aprendizagem e cooperação. Quanto tempo pretende ficar em Lisboa?

"Ainda não sabemos exatamente", diz Bianca. "Mas já

reservamos um estúdio de estudantes no campus para um semestre letivo. Devemos dar indicação até o final de novembro se queremos usá-lo por mais tempo. Porquê?"
"Gostaria de sugerir o Gabriel de se inscrever no curso de pós-graduação que a Joana e eu co-lideramos."
Greta explica como o curso foi idealizado. Ela também fornece a Gabriel as informações administrativas necessárias.

Pouco depois das quatro da tarde o comboio chega à estação do Oriente, em Lisboa. Alexandre e Francisco aguardam a sobrinha e o filho dela. Eles dão instruções a Gabriel e Bianca em como chegar à sua residência temporária no campus universitário com a promessa de voltarem a contatar-se em breve. A família viaja de metro e eléctrico de superfície até ao bairro Lisboa Oeste, onde Alexandre e Manuela ainda vivem na casa biblioteca Paulo Demeester. Greta continua a arrendar um estúdio na mesma rua.

Naquele outono de 2046, Greta e Joana organizam pela terceira vez a pós-graduação de curta duração sob forma de uma comunidade de aprendizagem. Devido ao nascimento de Sergio e a subsequente licença maternidade de Greta, Joana decidiu não ministrar o curso no semestre de primavera do ano letivo anterior. Mas dado o interesse demonstrado, este ano o curso é oferecido duas vezes, um em cada um dos semestres. Graças a esta dupla oferta, Greta pôde propor Gabriel para participar na primeira das duas comunidades de aprendizagem do ano. Os estudantes inscritos neste semestre de outono são um grupo bastante diversificado. Três deles foram indicados por Hypolite d'Ailleurs a partir de Londres. São antropogogos da

antiga área palestino-israelense. Após o fim de uma guerra de quase uma década no que antes era uma área densamente povoada, tudo o que restou foram escombros e ódio. Não restou uma única escola em toda a região. Quem nunca deixara a área entrincheirou-se em pequenas comunidades fechadas. Com a falta de infraestrutura, as viagens físicas são quase impossíveis. Mesmo os caminhos no deserto continuam intransitáveis devido ao número absurdo de minas, fornecidas durante anos pelas indústrias de guerra americanas, europeias e chinesas. Os três membros da comunidade de aprendizagem do Hypolite, que como no passado examina colectivamente projectos locais, estão envolvidos numa primeira tentativa intermunicipal para tornar novamente possível a educação estruturada. Dadas as circunstâncias, esta seria apenas digital, baseado numa plataforma de aprendizagem interativa. Tal como outros reconstrutores em zonas de conflito e de guerra recentes, os três antropogogos têm dúvidas acerca da efectiva vontade dos administradores locais de realmente dar uma oportunidade a este projecto intercomunitário. Além de Gabriel, há outro estudante espanhol. Alguns vêm da Erebúm Central. Outro vem de uma das muitas repúblicas russas. Pouco antes do início do curso, aparecem três jovens do Noroeste de Erebúm. Durante a breve ronda de apresentações na primeira sessão, quase todos os relatórios práticos trazidos expressam uma preocupação com as atitudes invasivas dos governantes locais. Há uma grande preocupação entre os estudantes com a eliminação progressiva da educação pública em geral. A educação esta cada vez mais a ser substituída por redes privadas de estudo remoto. O grupo

concorda em fazer dessa sua preocupação o foco do exercício de pensamento crítico que a comunidade de aprendizagem propõe.

Os participantes de fora da Grande Erebúm têm testemunhos muito reveladores. Durante anos, as pessoas foram continuamente caçadas e abusadas, tanto por milícias nas mãos de falastrões ignorantes como por soldados loucos integrados nos chamados exércitos regulares apenas porque dependem de uma linha de comando que reporta a um líder estatal eleito. A população sobrevivente na cidade e no campo relata matanças indiscriminadas. Em todas estas áreas, todos os sobreviventes viram irmãos, irmãs, pais, filhos ou outros familiares pisoteados, assassinados, violados e transportados como gado. As crianças foram incitadas ao ódio desde tenra idade e depois usadas como crianças-soldados implacáveis. Os sobreviventes são ignorantes perigosos, tanto para si como para os outros. Durante anos, líderes cegos por um dogma qualquer, pelo poder e pelas posses levaram até o seu próprio povo à loucura. Qualquer pensamento de paz sempre foi cortado pela raiz. O dedo era constantemente apontado para o comportamento apocalíptico do outro. O pessoal de enfermagem foi sistematicamente assassinado. Líderes de jardins de infância e professores de todos os níveis também foram constantemente alvo de abusos, tiros e enforcamento. As infra-estruturas educativas e militares têm a mesma prioridade quando se trata de as destruir. Sob ataque mais facilmente protegem quartéis do que escolas. Dentro das suas próprias fileiras, os intelectuais envolvidos na educação e formação foram os que sofreram mais perseguições, geralmente

acusados de espionagem ou traição.
Greta fica muito impressionada com essas histórias. Ela refere-se a elas a Hypolite durante uma video-chamada: “Lembro-me de te ter achado pessimista quando te entrevistei para a minha tese. Mas hoje ouvi verdadeiras histórias de terror, inclusive dos antropogogos que nos enviaste.”
Ela faz um breve relato da sessão, ao que Hypolite diz: “Acho que observas a realidade demasiado com olhos de quem sempre viveu na Europa (Erebúm). Isto dá-te uma imagem optimista quanto ao que alcançamos através da comunicação, da educação e da divulgação da ciência. Qualquer pessoa nascida naquela parte do mundo que sistematicamente fez tudo para controlar, escravizar e usar a outra parte do mundo ao longo dos últimos dez séculos, tem pouca percepção da extensão do ódio e da ignorância instalados. Não se pode sequer culpar os críticos por denunciar um sistema educativo tal como o conhecem. Apesar das guerras locais, algumas infra-estruturas sobreviveram ou foram reconstruídas. Eu diria que na Grande Erebúm, na China (Waçúm), em partes da Anahuac, no Canadá (Vineland), e também em partes dos Estados Americanos (Vineland), alguém ainda pode dar-se ao luxo de discutir o conteúdo e a concepção do sistema educativo. Pode-se até apontar os perigos da ignorância sem levar um tiro na rua. Mas o que ouviu dos nossos amigos da costa oriental do Mediterrâneo, e também do seu estudante da Waçúm Ocidental, é o que observo quando analiso muitos projectos em partes do continente de Anahuac ou Waçúm. Muitas vezes as cenas de assassinato e destruição são ainda mais horríveis.”

“Estás a dizer-me que se olhar para a população mundial, é mais provável encontrar pessoas ignorantes do que não-ignorantes?”
"Sim. Vejo cada vez mais ignorância hoje. Por si só, ser ignorante sobre alguma coisa não constitui um problema. Sei que sou ignorante em muitas áreas e, desde que esteja disposto a trabalhar, conversar e agir com outras pessoas que sabem que são ignorantes em outras áreas que não a minha, poderemos realizar projetos que valham a pena para todos. Hoje, graças à ignarometria, podemos facilmente demonstrar que este tipo de ignorância, com pouca ou inexistente arrogância, não é uma ameaça. A ameaça reside na ignorância, resultando no seguimento apático de líderes arrogantes. Mesmo pessoas ignorantes e apáticas podem causar muitos danos quando sentimentos de ódio são cultivados nelas.”
“Mas isso significa que estamos realmente a ser algo ingénuos e tolos ao continuarmos a enfatizar as comunidades de aprendizagem, ao promovermos uma *Carta do Aprendente*, ao pensarmos que conseguiremos reduzir a ignorância global e também a arrogância?”
“Eu não diria que isso é ingénuo ou tolo. Eu diria que é uma das quatro utopias que a tua mãe e a tua tia descrevem em *Ignarysis*. O pluralismo cooperativo é actualmente apenas um foco para muito poucos. A utopia nacionalista era o modelo que estava impresso na população. Penso que hoje caminhamos para uma utopia totalitária. Líderes agressivos fazem uso de pessoas agressivas e ignorantes. De certa forma, eles também contam com a utopia do gato de apartamento. Ela é apresentada às pessoas ignorantes e menos agressivas.”

“Mas não podemos simplesmente ficar sentados e desistir,” suspira Greta.
“Certamente que não,” responde Hypolite. “A tua tia perguntou-me uma vez se não seria uma espécie de desistência duvidar da vontade dos decisores políticos em generalizar propostas que promovam uma consciência e uma autodeterminação eficazes. Penso que é de bom senso duvidar da boa vontade da elite governante e proprietária, mas isso não significa que deixaremos de criar comunidades de aprendizagem. Eu diria que continuamos mais conscientes do alcance limitado que temos, justamente para não prejudicar a nossa saúde mental!”

Durante o semestre de outono, os participantes de Grande Erebúm partilham também as suas experiências de trabalho com comunidades de aprendizagem dentro do contexto escolar. Em quase toda parte sente-se resistência dentro da estrutura educacional. Às vezes nem fica claro se ela é inconsciente. O que é surpreendente é como nos Estados cujos governos afirmam ser democracias parlamentares os projectos da OCDE são aparentemente integrados nas estruturas educativas. Por outro lado regimes mais nacionalistas ou totalitários consideram hoje a OCDE um perigoso grupo de intelectuais. O departamento de educação é até acusado de extremismo porque continua a aderir a propostas de um quarto de século de Andreas Schleicher relativas a *agência do aprendente* e de co-autoria entre professores e estudantes no desenvolvimento do currículo. Por outro lado, é surpreendente como nas democracias parlamentares alguns decisores políticos estão apaixonados por nomes com mais de um século de idade, como Dewey e Decroly, mas também Freinet,

Freire e os seus seguidores críticos contemporâneos. Alguns responsáveis utilizam até termos como construtivismo, abordagem sociocultural e pluralismo, cujo contexto conceptual mal conhecem. Pessoas ignorantes e arrogantes também aqui estão cada vez mais a assumir o controlo da política educativa. Eles gradualmente conseguem fazer com que as escolas e agrupamentos escolares existentes retornem às regulamentações Lassallianas. Entretanto, responsáveis de marcas e investidores criaram em torna dos processos de produção actuais uma nebulosa cada vez mais evasiva para impostos nacionais ou regionais. As receitas dos Estados têm vindo a diminuir de ano para ano e os relatórios constantes e geradores de medo fizeram com que essas receitas alimentassem principalmente à indústria do armamento e da segurança. Apenas o ensino primário está ainda organizado em verdadeiros edifícios com as crianças em turmas e com professores. Mas o número de alunos por turma é cada vez mais numeroso. Outros níveis de ensino dependem do dinheiro que foi injectado nas ofertas da rede privada para educação a distância. Além disso, parece que mesmo o grupo de decisores políticos paternalistas que ainda afirmam apoiar a educação para todos está a empobrecer e a reduzir essa mesma educação geral. Poder-se-ia argumentar que não são apenas invisíveis as crianças mantidas no extremo esquerdo da curva de Gauss graças a uma fantasia de ciência, para os actuais sistemas educativos. Hoje em dia parece que o lado direito também ficou invisível. As crianças de quem se diz terem elevado potencial desaparecem do sistema. Elas só recebem formação especial se pertencerem à elite ou quando a elite beneficiar dela.

Para implementar as suas reformas, os lobbies do poder dependem de meios de comunicação social e redes sociais impulsionados para manipular a classe média. Influenciadores populares ignorantes ou mal informados criam o grupo de Novos Ignorantes de classe média. Comentários entusiásticos muitas vezes servilmente e incompreendidos citados sobre pedagogos inovadores são apenas um exemplo. Os pais convencem-se de que as crianças não devem ficar contrariadas ou frustradas e deturpam o construtivismo ou as abordagens socioculturais como um anti-autoritário *deixe estar*. Depois, outros influenciadores, com políticos no seu encalço, declaram que remar contra a corrente não é má ideia quando a corrente nos levar à cascata. Como se a inovação educacional fosse mainstream, imagine... E isso acontece simplesmente porque as pessoas geralmente dão mais crédito ao que espíritos esotéricos dizem acerca de comunidades de aprendizagem em vez de se esforçar para investigar ou mesmo apenas observar como uma comunidade de aprendizagem pluralista e bem estruturada tem o seu trabalho organizado.

De certa forma, é irónico. O autoritarismo e a mediocridade dos sistemas educativos são criticados. Mas qualquer ignorante pode criticar e, portanto, encorajar a oposição a qualquer inovação. Não é apenas o caso da educação. O mesmo acontece em relação à economia e também em situações de guerra ou quando se trata de alterações climáticas. Em última análise, influenciadores ignorantes e superficiais, formam involuntariamente uma força obscura que está a diminuir rapidamente a capacidade de pensamento da classe média em geral, enquanto os ricos ficam

muito ricos e os pobres ficam cada vez mais empobrecidos.

Nos anos seguintes, Joana e Greta continuam a organizar um curso por ano letivo durante o semestre da primavera. Greta organiza a sua estadia de seis meses em Lisboa, do final de fevereiro ao final de agosto. De setembro a meados de fevereiro ela permanece em Londres e supervisiona alunos no *Instituto de Educação* acompanhando estágios de professores estagiários que preferem ficar na rede de iniciativas escolares democráticas. Essa rede está a tornar se cada vez mais pequena, mas enquanto houver estágios disponíveis, Greta deseja continuar a apoiar comunidades de aprendizagem críticas. Ela encontrou uma solução para Sergio assim que ele completou dois anos. De Setembro a Fevereiro pode frequentar uma comunidade de crianças em Londres, e de Março a Agosto participa numa iniciativa comunitária em Lisboa. O rapaz explica que às vezes está com seus amigos ingleses, às vezes com outros amigos.
"Quem são esses outros amigos?" pergunta Francisco um dia.
"São os amigos que falam o nosso inglês e não aquele outro inglês", responde o menino prontamente.
Greta ri. "Ouviste isso do Alexandre. Não existe o nosso inglês e o outro inglês. Em Londres falas inglês com os teus amigos, certo, aqui falas português com os teus amigos."

Sempre que está em Lisboa, Greta e os seus dois primos discutem as descobertas que fizeram e fazem lendo as notas do e sobre o avô. Uma nova publicação parece estar a caminho induzida pela correspondência entre Paulo Demeester e Cathy Braydune. Greta viu-a só uma vez em 2041, quando visitou a sua tia-avó para juntar informações para a sua tese. Cathy era

amiga de infância de Paulo. Eles frequentaram a mesma escola primária, mas não a mesma turma. Perderam se de vista para apenas se reencontrar durante a adolescência.

A tia-avó Anne já faleceu entretanto. Ela tinha encontrado Cathy por acaso uns doze anos antes da visita de Greta. Esse reencontro, por sua vez, deu origem a muita correspondência entre Paulo e Cathy na década de 2030. Francisco encontrou essa correspondência num dos discos rígidos com todo o correio eletrónico de Paulo quando procurava a correspondência com o compositor Frank Nuyts, cujas composições muitas vezes o inspiraram. Pela natureza das cartas, Greta e os seus primos deduzem que Paulo e Cathy tiveram um namorico na adolescência. Mas as cartas trazem principalmente lembranças de ações que realizaram em conjunto com a associação juvenil de estudos ambientais de que ambos fizeram parte. Assim como os pais e os primos, Greta Campos tem uma grande consciência ambiental. Por isso entusiasma-a a correspondência entre o avô Paulo e a sua amiga de infância. Ela pega nalguns diários de Cathy que recebeu de presente na única vez que se encontrou com ela, quando a tia-avó Anne a apresentou como sendo a neta de Paulo. Nesses diários, Cathy descreve com mais detalhes as suas aventuras na Associação Juvenil. Ela relata discussões com agricultores que muitas vezes autorizaram os jovens para usar os celeiros para aí deixar os sacos de cama durante os acampamentos de verão e outono. Eles falavam sobre os pássaros limpando o gado de parasitas e por isso se deslocam com o gado e os mal-entendidos sobre isso. Essas aves não prejudicam os rebanhos quando picotam os animais. Os diários

revelam discussões acaloradas acerca dos os gansos forrageiros que pousam nas pastagens durante a migração. Ela também descreve as dificuldades que os jovens encontram na hora de proteger os pássaros que nidificam nos campos de trigo. Não foi fácil ajustar o tratamento com as maquinas dos campos de cultivo intensivo para não destruir todos os ninhos. Muitas conversas abranjam a superstição. Os jovens encontravam regularmente gralhas e até mesmo os raros corvos pregados às portas de celeiros para afastar os maus espíritos. A dieta das aves de rapina e corujas mais comuns também era muito discutida na época. Muitas vezes, o desaparecimento de coelhos e do pequeno aviário foi atribuído a estas aves, enquanto elas caçavam principalmente pequenos roedores, como ratos. Falava-se de custo-benefício quando uma coruja ou um peneireiro se empoleira num celeiro ou moinho. Aves e coelhos jovens são fáceis de proteger. E as reservas de comida ficam com menos ratos. Há também notas sobre observações de caçadores de pássaros capturando espécies protegidas. Muitas vezes era difícil encontrar as pessoas certas para multar as atividades ilegais. Muitas histórias envolvem o cuidar de aves marinhas com asas manchadas de petróleo devido a derrames de navios e a dificuldade de manter essas aves vivas. Quando eram encontrados na praia, já se tinham envenenado pelas tentativas de se limparem com o bico. E mesmo que podiam ser limpos com intervenção humana, deviam depois ficar em cativeiro porque não conseguiam mais manter a sua plumagem repelente à água. Aparentemente, o livro de Ward Ruyslinck *In naam van de beesten* induziu muitas conversas. Cathy critica especialmente

os psicólogos que implantam eletrodos nos cérebros de primatas e outros mamíferos e os submetem a experimentos às vezes bastante agressivos sem anestesia. Ela fala do desejo pelo saber, de ética e moral e da responsabilidade pela condução de determinadas investigações científicas. Ela discute também a ganância, especialmente quando se trata de pesquisas financiadas por empresas farmacêuticas. Outras notas dizem respeito ao efeito perturbador sistemático e potencialmente letal nos ecossistemas de plantas e animais, incluindo seres humanos, quando se implantam certas indústrias. O documentário *Bij de beesten af* de Bert Haanstra de 1972 parece ter sido um filme muito discutido. O filme estudava o comportamento animal com a ajuda da etologia e focava principalmente os mamíferos, incluindo os humanos.

Greta e os seus primos tomam como ponto de partida as cartas entre Cathy e Paulo. Fazem uma ligação com as aquisições de Paulo para a sua biblioteca entre os anos 2000 a 2030. Tal como ele próprio fez, ligam novamente livros. Relacionam Carl Sagan, António Damasio, Max Bennett, Edward Wilson, explorando o desenvolvimento da inteligência e discutindo as consequências em vários ecossistemas ao longo das épocas da Terra. Também contam com livros mais antigos, como *Pleidooi voor de aap* de Johan Van Dongen, em que o autor fala sobre o perigo das infecções virais emergentes. Alexandre lê parte de *Riscos Imorais. Experimentos secretos do governo em humanos,* por Jonathan Moreno. Esclarecedor para os primos é um livro escolar de 1923 com o título em tradução livre *Livro conciso de zoologia* de O. Schmeil, vindo da biblioteca do avô de Paulo. Este

livro traça uma clara linha divisória entre animais e humanos. Os seres humanos são uma classe separada no livro didáctico sobre a *zoologia*. Na verdade, nesse livro os humanos nem sequer fazem parte do reino animal. Na escola neerlandesa secundária de 1923, sessenta anos depois das publicações de Darwin sobre as origens e a evolução, os animais são animais e os humanos são humanos. Greta pergunta-se como os pedagogos do movimento da escola nova abordaram o assunto. Ela também pensa no uso atual da linguagem. Para humanos atualmente usa-se a palavra homem e mulher, mas para todos os outros animais fala-se de macho e fêmea. Ela conversa sobre isso com seus primos. Francisco ri: "À medida que as pessoas se projectam em animais, o lobo macho alfa pode tornar-se o lobo homem alfa. A avozinha seria a mulher-alfa. O lobo tornava-se talvez menos arrogante para o capuchinho vermelho."

"Sobre ser arrogante", diz o seu irmão. "Há menos de cem anos, havia dois grandes blocos de poder que tinham a sua linha de demarcação a atravessar Erebúm, se bem me lembro das aulas de história. As pessoas falavam de Ocidente e Oriente e de Guerra Fria. Entre os dois territórios havia uma faixa de '*no man's land*' – não é de terra sem macho, Francisco – fortemente vigiada em ambos os lados da fronteira. Quando o modelo económico capitalista se expandiu por todo o planeta, a Guerra Fria na Erebúm desapareceu. Mas entretanto, quase meio século de terra de ninguém criou uma estranha cintura verde de Norte a Sul. Durante os quarenta anos seguintes, essa cintura verde foi mantido e estudado em ambos os lados. Torres de vigia militares tornam-se postos de observação da natureza. Não é

maravilhoso? Uma ameaça de guerra entre dois blocos armados até aos dentes deu origem a uma faixa de milhares de quilómetros de natureza em regeneração. A cintura verde tornou-se até uma base para a reintrodução de herbívoros e pequenos predadores que há muito tinham desaparecido da natureza. E os lobos voltaram também."

"Sim, cinturas verdes", diz Greta. "Na parte norte do continente de Alkebulan foi criada outra cintura verde para impedir o avanço do deserto para sul. Se não me engano, isso foi por volta da viragem do século ou um pouco mais tarde. E mesmo na região tropical da Anahuac houve muito reflorestamento, assim como em certas regiões da Waçúm. Mas, entretanto, o impulso imposto ao consumismo nas partes mais ricas do mundo continua a criar um modelo baseado na sobreprodução. As cinturas verdes podem representar a mudança de ideia sobre a finitude do planeta para que os seus habitantes humanas possam ter mais cuidado com ele, mas para mim muito disso é só aparência. Ainda hoje, a elite na escala de valores de Bloomberg continua a enriquecer e a pacificar as coisas aqui e ali com doações e espectáculos. Os pobres continuam a serem representados como os malfeitores destrutivos. Mas quando se toca mesmo nos pontos sensíveis, o establishment se agita. Greta Thunberg tem hoje quarenta e cinco anos e continua a ser alvo de autocratas arrogantes e os seus seguidores ignorantes."

"Falando de autocracia. Aparentemente, a transição imparável da partidocracia para a oligarquia na política de Erebúm é terreno fértil para dotar o território da Península Ibérica a sul dos Pirinéus com um único governo regional que depende

diretamente do Governo Central Europeu (Erebúm)."
"Ouvi falar disso na universidade," diz Greta. "Aparentemente, a crescente concentração da população em apenas uma dúzia de grandes megacidades em toda a Península Ibérica torna essa mudança ainda mais provável. Mas divagamos novamente. Estávamos a discutir as cartas do avô Paulo e da Cathy Braydune. Vejo uma pequena publicação da Casa Biblioteca Paulo Demeester intitulada *Formas de inteligência em animais e humanos… ou talvez não*. O que acham?"
Um livro eletrónico gratuito com esse título fará parte do catálogo de publicações no início de 2050.

***

"Mãe, vou brincar com o Manuel. Vamos construir um castelo," anuncia Sergio agora com cinco anos.
Greta sorri. As crianças ainda constroem castelos e ainda levam cavaleiros de e para o castelo. Ela pensa nos próprios dias de brincadeira com os primos, há anos, quando se encontravam na casa do avô Paulo. Eles também tinham na época um grande castelo e uma espécie de quinta.
Os dois meninos abrem as caixas contendo blocos de plástico e iniciam a construção. Alexandra tem agora sete anos e prefere passar o tempo com Paulo, o primo mais velho. Juntos lêem livros infantis. Ele ajuda-a quando tem dificuldade em decifrar alguma palavra.
Greta e Alexandre estão a prepara o próximo ciclo de *Encontros na Biblioteca*. Este ano pretendem chamar a atenção para a Nova Ignorância. Eles vão dar especial ênfase para estimular pequenas comunidades de aprendizagem aqui e em outras

bibliotecas e querem encorajar as pessoas a manter blogs e trocar mensagens baseadas em informações verificadas. Sabem que continuam a remar contra a maré.

É difícil reunir dois grupos entre os quais a distância aumenta. Por um lado, os próprios intelectuais deixam se influenciar por partes interessadas, especialmente ao fazer concessões para obter fundos para os centros de investigação universitários. É uma tendência crescente. Por outro lado, aumenta rapidamente a população de *Novos Ignorantes*. Os sociólogos usam o termo para descrever a população tendo por mais estranho que possa parecer hoje menos oportunidades de aprendizagem do que há cerca de cinquenta anos, quando ainda se presumia que *a Era do Aprendente* finalmente tinha chegado. Muito resulta da forma como a escola primária foi gradualmente substituída por uma espécie de instrução básica. Há menos estímulos para as crianças contactarem fisicamente umas com as outras. Os pais têm de estar muito bem informados sobre a forma como o cérebro de uma criança em crescimento se desenvolve, a fim de se oporem à ideia de que as crianças aprendem melhor individualmente apoiando-se em jogos electrónicos e puzzles.

Nem todo mundo lê autores como Harari, Bennett ou Damasio, por exemplo. Os livros desses investigadores e de toda uma nova geração de escritores que popularizam a ciência são procurados por cada vez menos pais e educadores leitores. Cientistas são ridicularizados fruto de preguiça ou por razões económicas. Não são apenas os influenciadores locais que contribuem para tal. Os líderes populistas baseiam-se em pesquisas de mercado sobre os conteúdos mais commumente

distribuídos pelas principais redes sociais. Isto mostra que é fácil ganhar influência e votos através de mensagens de ódio e ridicularizando aqueles que insistem no estudo e no diálogo na educação das crianças. Infelizmente, a mensagem para acabar com as escolas e a educação é mais simples do que defender a construção de um sistema escolar amigo da criança baseado na cooperação entre adultos e crianças e onde as crianças tenham uma palavra a dizer.

Não, pelo que se ouve na rua, para a maioria das pessoas hoje ir à escola é uma perda de tempo. A escolaridade obrigatória, que ja foi reduzida para catorze anos de idade, aparece agora cada vez mais como obrigação instrutiva. E as crianças podem instruir-se online. É a tendência geral. Hoje em dia existem cada vez mais jogos didáticos. Diz-se que a leitura e a aritmética obrigam ao trabalho individual. Um pai acompanhante só precisa explicar aos filhos como ligar e desligar computadores e tablets. Basta criar um perfil de utilizador para a criança e os alunos terão acesso ilimitado a programas baseados em inteligência artificial que os orientem e forneçam feedback imediato sobre respostas boas e más. Os custos de licença de utilizador deste tipo de plataformas de aprendizagem são inferiores às despesas normais de uma criança que frequenta a escola ainda mais agora que as escolas públicas gratuitas estão a tornar-se cada vez mais escassas. Além disso, os pais assim já não perdem tempo levando os filhos de e para a escola. O entretenimento e o passear das crianças é mais barato do que as atividades extracurriculares ou os acampamentos de verão. Hoje, em todas as grandes cidades há muitos passeantes de

crianças disponíveis para acompanham de 2 a 10 crianças a um parque ou para dão uma volta ao quarteirão a preços muito baratos. Devido a uma epidemia canina ainda em curso, não é mais permitido passear cães em grupo e os passeantes de cães rapidamente se reciclaram para passeantes de crianças.

Mas não são apenas aqueles que optam pelo auto-estudo com a ajuda da informática que tornam os seus filhos menos assertivos para aprender a pensar criticamente e se deixar levar mais facilmente pela rede cada vez maior de informações curtas e não verificadas produzidas por redatores vindo do mundo publicitário.

Desde a década de 2030, os apoiantes das comunidades de aprendizagem gratuitas provocaram um enorme aumento neste tipo de grupos. O que começou por ser uma resposta de intelectuais críticos após uma análise humanista à escola da instrução rapidamente se degenerou num amálgama de comunidades fechadas, formadas por adultos, simplesmente em protesto, por falta de vontade de estudar ou por própria ignorância. Muitas destas comunidades de aprendizagem não levam muito a sério o conhecimento e a transferência de conhecimento e fecham-se umas em relação às outras. Pregadores do ódio, extremistas e populistas vêem-nas como um meio para espalhar a sua mensagem destruidora da sociedade. Os fanáticos religiosos também fazem grande uso da sua renúncia e aproveitam para caluniar toda e qualquer ciência secular. Além disso, existem os inocentes e até mesmo os ingénuos humanos. Criam comunidades de aprendizagem para a felicidade e excluem cada vez mais os seus filhos daquilo que

consideram uma sociedade corrupta e sem escrúpulos.

"Gostaria de discutir em alguns dos nossos *Encontros* o trabalho de Hypolite", diz Greta. "Como sabem ele faleceu recentemente. Ele frequentemente apoiava as nossas mães. Podemos considerá-lo uma espécie de cooperante anónimo na construção da matriz ignométrica."

"Isso não será difícil", responde Alexandre. "Acho que podemos esclarecer a forma como ele organizou as comunidades de aprendizagem, contextualizando assim *Carta do Aprendente*. A propósito, porque não perguntar à minha mãe como chamar melhor a atenção para essa carta, e não apenas entre os visitantes da nossa Biblioteca. Seria bom ter também alguns dos *Encontros* remotos e partilhar experiências com outros iniciadores de comunidades. Tanto em *Ignarysis* como em *Learners Review*, existem testemunhos bastante perturbadores sobre a crescente intolerância para com aqueles que subscrevem a Carta."

"Sim, o Gabriel, sabes, aquele amigo que participou no nosso curso há alguns anos atrás contou-me o que viveu recentemente durante o nosso encontro semanal na *Hortública*. Ele trabalha em Barcelona agora. A Catalunha foi durante bastante tempo uma região onde os intelectuais humanistas se sentiam em casa, mas ele observa como a interpretação populista das comunidades de aprendizagem também está a causar tensões crescentes entre quem tomam a *Carta* como orientação e quem considera qualquer grupo não-tolerante uma comunidade de aprendizagem. Ele diz que está a tornar-se cada vez mais difícil manter uma conversa construtiva com grupos que não

conhecem ou conhecem mas não subscrevem a *Carta*. Muitas vezes afirma-se erroneamente que a *Carta* constitui apenas uma tentativa de fanáticos para marginalizar todas as comunidades de aprendizagem que não a assinam."

"Bem, só podemos concluir que aqui a desinformação também está a fazer o seu trabalho. É muito fácil espalhar mensagens sobre o gangue Demeester…"

"*Gangue Demeester????*"

"Sim, também fiquei chocado quando o vi escrito pela primeira vez, mas já circulam bastantes boatos sobre a análise ignométrica. Atacaria ilicitamente os fundamentos do sistema capitalista."

"Então a ignorância também passa por aqui," suspira Greta. "Creio que a análise ignométrica não ataca sistemas económicos. Acho que a análise aponta os limites de cada sistema. A ignarometria mostra como certas relações entre pessoas numa determinada comunidade levam a que essa comunidade perca o controlo sobre o seu próprio sistema."

"Tenta explica-lo a quem segue cegamente os grandes falastrões…"

"Falastrões. Achas que faz sentido voltar a discutir na nossa tertúlia como a inteligência electrónica pode ajudar a analisar informações e separar rumores de fatos testados?"

"Bem. Na década de 2020, um conversa sensata acerca do assunto parecia uma tarefa bastante impossível. Tal como agora, existiam teorias da conspiração, não só as espalhadas por ditadores e regimes totalitários, mas também por aqueles que viam toda a inteligência electrónica como um perigo. Um dia o

meu pai contou como teve uma longa conversa com a tua mãe sobre inteligência. Isso foi há muitos anos. Mas já então eles estavam a ver a interação entre inteligência biológica e electrónica. Aliás, sei como o meu pai aborda a auto-aprendizagem electrónica baseada na auto-aprendizagem biológica nos seus projetos de robótica. Muitos anos depois daquela conversa com a minha mãe referiu-se ao livro de Max Bennet *Breve História da Inteligência*, quando conversou com avô Paulo acerca da evolução da inteligência."

"E pensas que a complementaridade biológica *e* electrónica pode ser interessante para analisar informações. Esta interação ajuda a distinguir a verdade da fantasia?"

Greta ri. "Não largas o osso Alexandre! Agora estás provavelmente a pensar naquele livro de Harari que causou grande rebuliço há mais de vinte anos. *Nexus* era o título, penso. Não posso dizer que estou mais otimista hoje do que o escritor era então."

"Por que dizes isso?"

"Penso as pessoas, dotadas de inteligência biológica, que utilizam a inteligência electrónica a partir de uma posição hierárquica apenas o fazem em função da sua própria verdade. Quando nós ainda estávamos no jardim-de-infância, surgiu o projeto *Smartschool* nalguns países europeus. Na prática, o projeto envolveu inteligência artificial — que, como o meu pai, como já percebeste, prefiro chamar inteligência electrónica — incorporada numa plataforma digital com esse nome. Os professores podiam utilizá-la para detectar e corrigir rapidamente as crianças com potenciais dificuldades de

aprendizagem. Houve muitas críticas em relação ao uso da plataforma. Mas acho que a crítica não foi suficientemente longe. A inteligência electrónica servia principalmente para reunir todas as informações sobre os alunos e avaliar o risco de falha na aprendizagem a partir daí. O tempo que a criança passa naquela específica plataforma de aprendizagem era um factor importante. Isto era criticado. Mas como é frequentemente o caso quando se analisa um sistema educacional, a crítica não abordava de modo algum o facto de a dificuldade dum aluno ser vista como um problema pessoal e não como uma falha do sistema. Infelizmente, hoje vemos em como em quase todos os lugares as escolas estão a ser substituídas pelo auto-estudo orientado. As plataformas de auto-estudo utilizam em grande parte a mesma inteligência electrónica de então para notificar os pais sobre os problemas de aprendizagem e os atrasos dos seus filhos. Quão irónico é isso! Ainda hoje, o desempenho individual de uma criança no auto-estudo é comparado com médias baseadas num programa para grupos de crianças organizados por grupos etários em turmas que já não existem."

"Mas essa não é apenas a solução de conveniência de quem patrocina esse tipo de educação? Isso não culpa as ferramentas analíticas integradas."

"Concordo. Mas ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar uma inteligência electrónica compreensiva. Acho interessante a ideia de como a inteligência eletrónica pode analisar de forma mais rápida e fácil grandes quantidades de dados e, juntamente com a inteligência biológica, chegar a conclusões sobre a veracidade das informações fornecidas. É

uma parceria certamente complexo. Mas o problema em si é-lo ainda mais. Ao conhecer uma 'verdade' uma comunidade como um todo não se torne necessariamente mais empática. A mãe mencionou ainda recentemente uma declaração de um ex-presidente eleito dos então EUA (Vineland). Mesmo quando as medições mostraram que as informações sobre o aumento do nível do mar estavam correctas, ele gritou: "*E daí*?". E foi aplaudido com entusiasmo pelos seus apoiantes. Além disso, ainda hoje vemos como uma verdade é rapidamente ofuscada pela fantasia, se essa fantasia soa mais agradável para quem quer acreditar nela.

Por outras palavras, penso que a inteligência electrónica desempenhou e continuará a desempenhar um papel importante na investigação e nas instituições científicas, e que os cientistas podem esperar dela muita ajuda. Não creio que será só por isso mais fácil entrar em diálogo com a crescente massa de ignorantes ou arrogantes ignorantes."

"Mas estás a dizer que a inteligência electrónica consegue detectar mensagens falsas mais rapidamente do que a inteligência biológica?"

"Algo do género. A minha mãe contou-me recentemente que o avô Paulo dava às vezes como exemplo a evolução do telemóvel. Segundo ele, a pressão comercial e social para a utilização de tal dispositivo foi muito grande devido à possibilidade de personalização da publicidade em larga escala. Como utilizava pouco o seu próprio telefone ele percebeu rapidamente que mais de três quartos das mensagens recebidas eram tentativas para recomendar-lhe novos produtos. Mas, quando por outro

lado precisava contactar uma empresa ou serviço para obter uma informação, era recebido por um chatbot que segundo ele raramente respondia à sua questão específica. E mesmo um interlocutor humano tinha por norma diante de si um procedimento padrão que muitas vezes não atendia ao seu pedido. Ele ficou muito feliz por conseguir filtrar e bloquear quase toda a publicidade no seu último telemóvel munido de inteligência electrónica auto-aprendente. Considerava claro toda a publicidade que não tinha pedido como '*mensagens falsas*'. Mas ele era um pouco especial…"

"A mãe nunca me contou isso", observa Greta. "Mas o que ele próprio me disse uma vez foi que estava feliz porque quase todas as mensagens indesejadas na sua caixa de entrada do correio electrónico eram filtradas, graças a um procedimento inteligente de auto-aprendizagem. Pelo amigo de nossos pais, Steven Bird, sei que algoritmos de auto-aprendizagem podem examinar grandes quantidades de dados para traçar perfis de probabilidade sobre o que será verdade e o será fantasia."

"Sim, e o teu pai contou-me algo engraçado acerca disso. Graças à quantidade de mensagens falsas relacionadas com verdades cientificamente clarificados, como a de que a Terra é redonda, ou o efeito das vacinas, os programadores podem facilmente desenvolver programas de auto-aprendizagem, traçando perfis a partir da análise de mensagens falsas."

"O que queres dizer com isso?"

"Bem, pelo que entendi, nas plataformas de informação e nas redes sociais a quantidade de todos os tipos de informações falsas é muitas vezes superior à quantidade de informações

verdadeiras acerca determinados tópicos. Uma inteligência electrónica pode rapidamente traçar um quadro dos diferentes tipos de informações falsas relativas a dados conhecidos, verificando todas as conexões que levam ao mesmo tipo de desinformação sobre esses mesmos dados. Isso, por sua vez, ajuda a tornar mais visível a menor quantidade total de informações correctas sobre os mesmos dados. A partir daí, o programa traça um quadro de o que é mais aceitável como informação verdadeira, utilizando essa informação."

"Portanto, pode dizer-se que nalguns casos um grupo bastante limitado divulga informações corretas e um grupo mais extenso divulga muito mais informações incorretas mas que diferem entre si. Isto é sociologicamente interessante, porque mostraria de outro modo como uma democracia baseada nos direitos da maioria é uma democracia fraca."

"Eu diria que o direito da maioria na democracia é uma fase, um passo intermédio na evolução de um modelo de sociedade baseado na lei do monarca ou da ditadura autoritária para uma sociedade baseada em relações cosmopolitas, empáticas e compreensivas."

"*Da ditadura da maioria eleita ao reconhecimento cooperativo de maiorias e minorias*... não é uma boa descrição para o conteúdo do nosso encontros no próximo ano?"

Ao longo dos anos, os *Encontros na Biblioteca* assumiram o caráter das reuniões de salão organizadas pelas *salonnières* da Paris do século XVIII (hectano 117). No entanto os encontros estão claramente muito mais abertos aos jovens que tentam escapar à ignorância em que o sistema político parece colocá-

los, muitas vezes ajudados por acríticos iniciadores de comunidades de aprendizagem que, em última análise, ajudam a aumentar a ignorância. Greta faz a maior parte do trabalho de preparação. Ela pode contar com os primos Alexandre e Francisco, sempre que estes se encontrem livres das obrigações inerentes à sua vida artística.

Não é por acaso que nos anos de 2053 e 2054 a Casa Biblioteca dá muita atenção ao que aos poucos se refere como *Epidemias Sociais*. Finalmente chegou a hora. Embora o Dr. Izzeldin Abuelaish não tenha vivido tempo suficiente para ver seu sonho tornar-se realidade, o *Instituto Abuelaish para o Estudo de Endemias Sociais* foi criado no início da década de 2050. Não na Universidade Católica de Leuven na Bélgica, onde o médico palestino pela primeira vez propôs publicamente o projeto. O Instituto ficou sob a responsabilidade do Laboratório Solvay de Ciências Sociais de Bruxelas, em colaboração com o Hospital Universitário. Por uma razão simples. O fundamentalismo está mais uma vez mais presente nas três religiões abraâmicas. Há quem queira perseguir todos os não-crentes. Essa tendência fez da agora mais conservadora universidade católica um lugar impossível para abrigar um instituto que estuda e aborda *doenças sócio-endémicas* como violência, ódio entre religiões, medo, incitamento e racismo.

A comunidade de investigadores que publicam em *Ignarysis* questiona-se se a iniciativa não chegou demasiado tarde. Pouco mais de metade da população mundial não professa qualquer dogma religioso. Entretanto o dogma do dinheiro e da propriedade largamente professado não promoveu nem a ética

nem a empatia. Pelo contrário. Também o ódio está amplamente difundido entre a população não religiosa, muitas vezes por influenciadores e políticos mal informados e até por decisores políticos bem informados que optam por incitar a população dentro dos limites da sua área administrativa contra todas as outras culturas e contra todos os outros dissidentes, dentro e fora dessas fronteiras, a fim de fortalecer o seu poder. A sociedade mundial está mais perturbada hoje do que quando o médico Izzeldin Abuelaish defendeu a criação do instituto durante a guerra israelo-palestiniano em meados da década de 2020.

Greta e os seus amigos veem a separação entre o *Instituto Solvay* berço da pesquisa sociológica em Bruxelas e as *Escolas de Ciências Políticas e de Negócios* como um acontecimento positivo. Segundo eles, este é um exemplo de como voltar para trás pode ser bom. Para o *Instituto Abuelaish* este berço da sociologia é a casa ideal. O Hospital Universitário parece um parceiro lógico. Desde as suas origens perfilou-se dentro de um amplo quadro humanista, apesar das campanhas de ódio, medo e condenação. O staff e os investigadores do hospital tiveram regularmente de lidar com a contestação conservadora durante discussões polémicas em torno da eutanásia, do aborto, dos cuidados paliativos e, mais recentemente, também em torno da vacinação e da abordagem a pandemias cada vez mais recorrentes.

O recém-criado Instituto investiga o amplo espectro da intolerância tanto do ponto de vista cultural-social quanto biológico-social. Existem bastantes interessados nas ciências da educação, na medida em que ainda existem.

Muitos intelectuais e alguns políticos partilham os valores de pluralismo e da ética cosmopolita e aplaudem iniciativas como o *Instituto Abuelaish*. Mas os grandes grupos de poder jogam normalmente com sentimentos de medo para fazer florescer autoritarismo e o totalitarismo. Eles habilmente envolvem políticos que são vantajosos para eles. Este tem sido o caso há algum tempo na União de Estados Americanos (Vineland), agora em declínio. A Federação Indiana e o Império Chinês (Waçúm) são governados por um pequeno grupo de políticos escolhidos a dedo, controlados por uma elite que respeita os necessários pactos de não agressão entre si. Os políticos a quem é permitido o autoritarismo e o populismo e que estão suficientemente acima do resto da população, há muito compreenderam terem maior interesse em trabalhar em conjunto para manter essa posição vantajosa. Revoluções palacianas causam-lhes mais danos do que ocasionalmente fazer parte da oposição política. A verdadeira elite assegura-lhes que, quer governem quer não, na prática defendem os mesmos interesses: restringir a riqueza, o poder e a grande propriedade ao menor grupo possível.

Há uma tendência clara: quanto maior a concentração de propriedade e riqueza num determinado bloco de poder, menos democrático ele se torna. Também é o caso no Grande Erebúm. Formalmente, o continente ainda consiste em estados independentes, mas independentes de quê? Sob a pressão de um Governo Central, ou, por assim dizer, de uma Oligarquia Central, todos os planos para um simples Conselho Federal abrangente foram há muito enterrados.

Em todos os Estados europeus (Erebúm) que estão sob este Governo Central, os políticos apresentam o voto como uma opção, não como um direito, muito menos como uma obrigação. No século XIX, o analfabetismo e os impostos limitavam o acesso à participação na política. Hoje todos podem votar mesmo aqueles sem dinheiro ou completamente ignorantes. Os políticos no poder não proíbem todas as escolhas individuais mas nunca incentivam a reflexão. O crescente desconhecimento deve-se sobretudo ao desaparecimento dos estímulos à aprendizagem. Por essa razão muitas pessoas não votam. A utopia do gato de apartamento funciona na maioria das regiões mais fechadas sobre si. A divisão entre *Eles* e *Nós* tem hoje menos a ver com migrantes e mais com dissidentes críticos. Os políticos apresentam-nos como um tipo diferente de pessoa, sem qualquer ideia do que a vida quotidiana envolve. Os populistas fazem bom uso disso. Desde o início do século, as campanhas eleitorais já não servem para determinar a melhor forma de representar um grupo de pessoas. Nos últimos vinte anos não foram sequer propostos programas, normalmente não há campanhas. Não se pede para votar, mas sim para considerar delegar o seu voto por procuração. É quase universalmente sabido: o grupo a conseguir reunir mais votos por procuração será quase certamente o grupo dominante. O jogo político acontece hoje em pequenos grupos. Em última análise, nem sequer é muito importante quem tem assento na Assembleia legislativa e quem no Governo. Os trabalhadores e os não-proprietários parecem ter esquecido completamente toda a luta em favor do sufrágio universal de há um século e meio atrás.

Convenientemente, os populistas arrogantes garantiram que o individualismo e o consumismo miserável mantivessem as pessoas afastadas da tomada de decisões colectiva.

Em grandes áreas terrestres do planeta – as chamadas América do Sul e África antes do Inverno Vulcânico e da Refundição – não existem blocos de poder. O consumismo nessas regiões é miserável, quase inexistente. A tendência registada desde a década de 2040 continua. Nessas áreas já dificilmente se fala de Estados. Pequenas comunidades organizam-se em torno de líderes que normalmente mantêm o poder porque possuem mais ou melhores armas. Isto, por sua vez, deve-se ao facto de eles serem mais astutos para negociar com as grandes corporações. Estes pagam-los com armas e produtos de luxo conferindo-lhes estatuto em troca da extração dos raros recursos minerais e naturais ainda disponíveis. Os centros de produção da região são outro meio de pressão. Aqueles que trabalham lá e, portanto, estão envolvidos no modelo consumista localmente empobrecido ao máximo, sofrem uma lavagem cerebral inteligente. É-lhes lembrado de que ainda têm direito ao dinheiro porque ainda estão a trabalhar. E o direito ao dinheiro é o primeiro passo para o bem-estar e o enriquecimento, continua a rezar a fábula, contada por quem monopolizou o Bezerro de Ouro.

Em várias regiões entre os trópicos, a natureza rapidamente recuperou vantagem, não apenas pela boleia que tiveram das cinturas verdes que apareceram em quase toda parte nas primeiras décadas do século. A mineração e o subsequente crescimento selvagem em zonas de extração abandonadas

criaram novas barreiras terrestres. Nestas regiões, a terra é agora pouco habitada. Com exceção de algumas cidades maiores, não há onde pousar helicópteros ou pequenos aviões. E não há interesse por parte daqueles que têm riqueza para explorar novamente essas áreas, porque já quase nenhum lucro pode ser obtido lá. Os pequenos potentados e líderes locais sabem muito bem que não é possível obter produtos vendáveis nas terras interiores entre os trópicos. A natureza recuperou. Pequenas comunidades parecem existir aqui e ali, vivendo em isolamento quase completo.

Em geral, não tem sido o apelo à agricultura sustentável proposta pelos críticos defensores da natureza, mas principalmente o rápido declínio do consumo de certos bens que influencia hoje o comércio agrícola mundial. Do grupo cada vez maior de pessoas pobres em grandes partes do globo governadas centralmente, especialmente no Hemisfério Norte, depende a obtenção de lucro por parte das empresas. Para o setor alimentar, isso hoje significa agricultura local. Café, cacau, óleo de palma e outros produtos para os quais grandes áreas de floresta e selva foram outrora transformadas em plantações são hoje em dia raros e caros. Chocolate, temperos naturais e frutas exóticas costumam ser produtos de luxo inacessíveis para a quase totalidade da população urbana. Os pobres só compram alimentos básicos. Este consiste em pão industrial ou substituto, peixe seco ou enlatado proveniente da aquacultura local e aves de criação. Outra carne vem de invertebrados industrialmente cultivados e triturados para carne picada e hamburgeres. As mudanças climáticas tornaram possível cultivar chá onde quer

que seja consumido. Outra bebida popular consiste numa mistura de café mutante cultivado localmente e misturado com chicória.

Os moradores das cidades que ainda têm trabalho e dinheiro gastam grande parte dos seus proveitos para pagar empresas privadas de transporte coletivo. Só quem ganha o suficiente consegue pagar uma casa alugada. Nas grandes aglomerações, a maioria da população vive em quartos. Gasta o resto do seu dinheiro em outros serviços colectivos, como lavatórios centrais e banhos colectivos. A economia global que continua a depender do consumismo centrou-se cada vez mais na venda de pacotes de serviços. Mesmo quem tem rendimentos modestos compra pelo menos o seguro para cuidados básicos de saúde. E quase todas as pessoas que vivem nas principais áreas metropolitanas gastam quantias fixas mensais ou anuais para aceder às redes de entretenimento.

Aproximando-se a sexta década do século, algo como uma democracia global consolidada parece cada vez mais um sonho distante. O crescente autoritarismo de grupos e líderes intolerantes não é a única causa. Sucessivos vírus têm devastado as aglomerações consumidoras mais ricas há mais de trinta anos. Os vírus contra os quais foram desenvolvidas vacinas funcionais há vinte anos adaptam-se muito rapidamente. Cada novo alerta de vírus é acompanhado por uma crescente psicose de medo. O medo da doença e o medo da violência são as duas razões mais importantes para manter dentro de casa a atual classe média ganhadora de dinheiro. E isso é novo. Durante as primeiras pandemias do século, a população foi frequentemente

mantida em quarentena obrigatória, o que rapidamente levou à desobediência civil. Hoje, quem teme ser suscetível a uma infecção opta por se isolar e permanecer voluntariamente em prisão domiciliar.
Em cada nova viagem de comboio de Londres para Lisboa, Greta nota o número decrescente de passageiros. Além dos vistos de entrada, o dossier médico de cada viajante é agora também um requisito padrão. Hoje em dia, o controle das fronteiras municipais substitui o controle das fronteiras estaduais. No ano passado Greta ainda pôde interromper sem mais a sua viagem semestral em qualquer cidade para visitar alguns colegas e conhecidos. Agora ela só poderá interromper a viagem se apresentar um visto de saúde válido na cidade a ser visitada ao descer do comboio. Pela primeira vez foi avisada antes de deixar Londres que esse é o caso na maioria das grandes cidades. Os passageiros sem conexão direta na estação de chegada são conduzidos para autocarros especialmente equipados ou para vagões extra no metro. Eles devem usá-los para evitar qualquer contacto de potencial contaminação com os residentes locais.

Nesse verão, Sergio pede à mãe não parar em Paris mas de obter a autorização para uma paragem em Barcelona enquanto viajarem para Lisboa. Gabriel e Bianca continuam a moram lá. Mas não é esse o motivo principal. Faz já alguns anos que os avatares de Inês Legendre e dele próprio se encontram na zona infantil da *Hortública*. Ele conheceu a Inês quando ele tinha dez anos e ela oito, durante uma visita a Paris. Na altura o pai da Inês já trabalhava com a equipa da *Ignarysis*. Greta e Joana

conheceram-no pessoalmente na capital francesa durante um encontro tendo como tema a criação de comunidades de aprendizagem nos subúrbios das grandes cidades. A mãe de Inês também participou nesse encontro. Como o casal sabia que Greta vinha acompanhado do filho, preparou-se um programa especial para as duas crianças deixadas ao cuidado da tia de Inês. Passaram juntos alguns dias maravilhosos. Visitaram um dos últimos jardins zoológicos existentes na Erebúm e a *Cité des Sciences et de l'Industrie*. Como os seus pais são investigadores em universidades europeias, foi-lhes permitido o acesso a este complexo onde crianças tomam contacto com a ciência experimentando-a.

No ano seguinte, Inês e os pais mudaram-se para Barcelona. O pai de Inês juntou-se a Gabriel. Eles são responsáveis pela publicação da versão franco-espanhol de *Ignarysis*. Ambos também orientam as comunidades de aprendizagem que subscrevem a *Carta do Aprendente* na Catalunha e nos Pirinéus Orientais, em colaboração com colegas de Toulouse.

A paragem anual em Paris sem estar lá a Inês tornou-se tedioso para Sergio. Ele está feliz por a mãe ter concordado com um encontro em Barcelona e não pela anual visita à universidade parisiense. Inês e ele próprio estão ansiosos por voltar a ver-se depois de quatro anos de conversa de avatares na *Hortública*.

Estranhados Sergio e Greta olham em volta quando descem do comboio na estação Sants. Apenas vinte passageiros caminham até os postos de controle que dão acesso à cidade. A maioria dos outros vai directamente para a plataforma, separada das plataformas para a população residente, onde irão apanhar o

comboio para Madrid e Lisboa. E esse grupo também não é grande. Estamos no início de agosto e mãe e filho esperavam mais visitantes para a cidade e mais viajantes em trânsito. Segundo Greta o número anual de passageiros em declínio está em processo de aceleração. Se assim continuar, observa Sergio, em breve poderá não haver comboios.

Sergio repete o seu comentário no ano seguinte. Assim que entram em Sants vêem todos os sinais da degradação incipiente da estação. Na zona que liga as plataformas internacionais aos postos de controle para entrar na cidade, não há ninguém à vista, excepto um punhado de viajantes. Os poucos pontos de venda e instalações sanitárias totalmente automáticos são mantidos por robôs humanóides.

"Aparentemente adotaram aqui a política de St Pancras," continua Sergio. Ele ainda esta bastante impressionado com a viagem deste ano. Tudo começou nos corredores quase vazios daquela estação de Londres que ainda fervilhava de vida há poucos anos. Eles caminharam entre persianas fechadas e suportes de publicidade vazios até uma plataforma sombria, tendo que passar por três unidades de controle equipadas apenas com inteligência electrónica antes de embarcar no comboio. Pela primeira vez também o serviço a bordo foi totalmente robotizado. No transbordo em Paris, eles foram conduzidos através dum túnel de vidro no meio dos corredores do metro até uma carruagem separada dos outros e depois transferidos para um comboio com apenas quatro carruagens. A deles continha unicamente viajantes para a capital catalã. O comboio parou pela primeira vez em Toulouse, onde

descobriram que as portas da sua carruagem não podiam ser abertas. Os passageiros a sair do comboio vinham da carruagem adjacente. Houve uma batida na janela e eles viram dois amigos parisienses, mas só puderam acenar porque a janela não podia ser aberta. Na mesma noite os seus avatares encontraram-se na *Hortública*. Eles ficaram a saber que desde este verão em toda a França os vistos de saúde só podiam ser obtidos para viajar para uma cidade francesa de cada vez. De Paris isso atualmente só pode ser feito para determinados lugares. Uma epidemia local, que já ceifou muitas vidas na metrópole, fez com que a maioria das cidades na rede de Alta Velocidade não fornecesse vistos de entrada, mesmo para pessoas com dossier limpo. Os amigos pelo contrário foram um tanto forçados em ir para Toulouse. Há algum progresso num novo programa de comunicação entre inteligência biológica e electrónica no Centro de Pesquisas Espaciais. Eles foram informados de que, se recusassem em participar, a Faculdade de Ciências da Educação da Sorbonne em Paris perderia todo o financiamento.

Antes de ter autorização para sair da estação, Greta e Sergio são guiados electronicamente por outras três unidades de controle. Após alguns minutos, um conjunto de luzes LED verdes acende num painel à esquerda da última unidade de controle. Uma porta de vidro desliza e abre. No visto de saúde eletrónico aparece um aviso informando que se a sua estadia em Barcelona durar mais de cinco dias, terão de solicitar um novo visto à chegada a Lisboa tendo de ficar em quarentena durante dez dias, apesar de todos os documentos de viagem previamente solicitados e recebidos.

Por insistência de Sergio, mãe e filho ficarão em casa dos Legendre e não com Gabriel e Bianca. Durante a última conversa, pouco antes da viagem, o avatar da Inês disse ao do Sérgio que Inês não ia ter com eles na estação de Sants porque existe de momento uma proibição de contactos entre distritos urbanos. Tal como todas as outras grandes cidades europeias (Erebúm), Barcelona está agora administrativamente dividida em distritos entre os quais mesmo os residentes da cidade só podem circular se tiverem documentos de viagem e prova de não carregar nenhuma doença assim que um alerta de vírus for ativado. O avatar do pai de Inês tinha explicado ao de Greta que enquanto preparavam a viagem deviam solicitar fazer acompanhar o visto de um documento dando-lhes acesso ao distrito *Montbau-Mundet* para poderem ficar com os amigos. O *Código de Resposta Rápida* (QR-code) anexado ao documento digital é reconhecido pelo olho eletrónico após passar pelo túnel de saída da estação Sants até as portas de acesso ao metro. Ambos recebem agora um cartão eletrónico apenas dando acesso à carruagem *Montbau-Mundet* do metro da linha 3. As diversas carruagens estão programadas para abrir portas apenas nas estações pertencentes ao distrito que servem.

Quando desembarcam em Montbau meia hora depois, uma Inês muito feliz espera-os à entrada de *Sant Jordi*. Juntos vão andando até a Carrer de la Poesia. Eles atravessam o *Jardins de Montbau* em direção à casa dos pais da Inês. Pelo caminho, Inês conta-lhes que Gabriel e Bianca também se mudaram para este distrito onde estão localizadas as respetivas faculdades. Para a maioria dos funcionários e investigadores permanentes, foi a

solução óbvia para evitar serem repetidamente proibidos de viajar para a universidade assim que o código laranja entrar em vigor devido ao aumento do risco de infecção. Eles podem passar cinco dias juntos, portanto, sem outras burocracias.

Durante a curta caminhada, Greta e Sergio notam como o aspecto das ruas lembra o Distrito Russell de Londres. A maioria dos bares e restaurantes estão fechados. Apenas os fornecedores de *comida rápida* vendendo sobretudo entregas a casa dispõem de salas de jantar suficientemente amplas para aceitar mais do que um grupo de fregueses simultaneamente. Os pequenos restaurantes muito exclusivos e terrivelmente caros ainda anunciam o serviço local mas apenas com hora marcada. Inês confirma que também em Barcelona as pessoas ficam quase sempre em casa. Os alimentos são obtidos por meio de entregas automáticas, por drones ou por veículos telecomandados.

Os três entram no espaçoso apartamento de dois andares. Os pais da Inês, Gabriel e Bianca recebem Greta e Sergio com muita alegria.

"Parece cada vez mais difícil dar um verdadeiro abraço as amigos que não moram porta ao lado," diz Bianca.

"Sim, Sergio observou novamente que brevemente não teremos mais comboios de longa distância. Parece que toda a gente está gradualmente presa e só tem liberdade de movimento em alguns quilómetros quadrados", responde Greta. "Em Londres, começaram a fechar completamente certas partes da metrópole, onde a pressão dos Novos Ignorantes se tornou demasiado grande."

"Ei", diz o pai da Inês, "isso é novidade. Mas não é uma

novidade isolada. Ouvi dizer que a mesma coisa está a acontecer em Paris. E também ouvi dizer como Bruxelas já foi dividida em duas partes. *EuroBruxelas* ficou completamente isolado de *LocalBruxelas*. Qualquer pessoa que vive e trabalha no distrito de EuroBruxelas é completamente desencorajada em visitar LocalBruxelas. A propósito, quem vive em EuroBruxelas evita viajar em toda a área entre Roterdão, Aachen, Luxemburgo, Lille e a costa franco-belga-neerlandesa."

"Por que?" pergunta Sergio.

"Para já, toda a zona costeira com grandes portos de abastecimento é hoje uma zona de população itinerante, desempregada, ignorante, que vive principalmente de assaltos a parques de contentores e armazéns. Além disso, toda a região é ponto de encontro para aqueles que querem escapar ao controlo dos nossos governos cada vez mais autoritários. Compreendi que, apesar do sistema de procuração, ou talvez por causa dele, ainda existem políticos locais brigando entre si tendo seguidores dispostos a provocar desacatos. Em algumas cidades, as negociações de partilha de poder prolongam-se até mais de metade do tempo entre duas eleições. Não é incomum que hoje em dia quase só os próprios políticos votem nestas eleições e, claro, tentem por isso recrutar o maior número possível de procurações. Como resultado quase todos acusam-se posteriormente de falsificar os resultados eleitorais. Ninguém parece ser capaz de perceber como eles próprios destruíram toda a sua estrutura. O seu poder, em última análise, só depende de quem os empurra para a frente nos bastidores. Entre os Novos Ignorantes, cujos filhos são cada vez mais privados de qualquer

educação adequada, existem, por um lado, aqueles grupos que se isolam de tudo e, por outro lado, aqueles grupos cujo único objectivo é destruir todas as estruturas."

"Explique um pouco mais", pede Greta.

"O *Instituto de Estudos de Endemias Sociais* conta hoje com um grupo de investigadores interessantes. Conhecemos alguns deles. Nós reunimo-nos regularmente na *Hortública*," diz Bianca ao entrar na conversa. "Muito trabalho faz-se para traçar o perfil dos Novos Ignorantes, mas também dos Ignorantes Arrogantes e dos referidos pelos investigadores como Enganadores Arrogantes. Aparentemente, esses últimos fazem parte de grupo inferior de indivíduos ricos, de acordo com a escala Bloomberg de valor pessoal.

Existem os Ignorantes que se isolam. Geralmente são grupos não violentos de pessoas cansadas de ficar em quarentena o tempo todo. Especialmente nas Ardenas, na região de Kempen e nas terras entre os rios *Maas* e *Schelde*, existem comunidades em aldeias e locais escassamente povoados nas quais os habitantes implementaram uma espécie de economia de sobrevivência local. Eles procuram tornar-se invisíveis à burocracia e à administração. A sua propriedade geralmente consiste na própria casa de aldeia e algum terreno para uma horta. Nos últimos vinte anos, diz-se que uma espécie de limpeza 'não violenta' ocorreu em muitos desses locais. Fofocas e conversas de vizinhança fizeram com que moradores menos ignorantes se sentiram forçados a mudar-se. Ao mesmo tempo surgiram uma espécie de agrupamentos intelectuais nas metrópoles, principalmente nos distritos onde ainda existem faculdades.

Poderia ser a LocalBruxelas, mas são sobretudo Gent, Leuven, Lille, Aachen e Luxemburgo a tornar-se uma espécie de distritos 'livres', sobre as quais tanto Euro-Bruxelas como as Autoridades Locais têm pouco controlo em tempos de crise.

No entanto, algumas comunidades de Novos Ignorantes e de Intelectuais mantêm facilmente contacto entre si. Ambos os grupos populacionais vivendo nos Países Baixos têm em comum a rejeição da violência".

O pai de Inês volta a falar: "Depois existem também os *Ignorantes Destrutivos*. Curiosamente, eles foram inicialmente os seguidores mais radicais de políticos populistas que agora parecem ter caído em desgraça. Muitos dos seus adeptos radicais aparentemente consideraram a sua política dos últimos vinte anos demasiado frouxa. Gradualmente, organizaram-se em grupos mais pequenos sob uma liderança mais agressiva. Revoltam-se tanto contra os seus antigos líderes como contra todos os indivíduos que os líderes do passado e do presente retratam como perigosos. Eles afirmam fazer justiça com as próprias mãos porque nunca receberam justiça. Eles lembram fortemente os *Ignorantes Americanos* (Vineland), às vezes até mesmo os grupos liderados por senhores da guerra em certas regiões do oriente mediterrâneo e de Waçúm inferior. Ainda fracamente armados por enquanto, entoam o mesmo tipo de slogans baseados em dogmas religiosos ou não religiosos. Geralmente possuem menos do que os Novos Ignorantes Não-Violentos, mas anseiam mais por símbolos de status. Consequentemente, eles vivem principalmente perto de edifícios e armazéns a saquear. A destruição de estruturas tornou-se um

meio para atingirem os fins. Por fim adoptam a diretriz dos antigos líderes populistas: os intelectuais são perigosos; afinal, são eles que inventam todo tipo de coisas para tornar impossível a vida das pessoas comuns. Diz-se que eles patrocinam, escravizam, ensinam moralidade, são a fonte de todos os males. É por isso que é muito mais difícil fazer contato com este grupo de Ignorantes."

"Os investigadores do *Instituto de Estudos de Endemias Sociais* estão preocupados", afirma a mãe de Inês. "Eles salientam que o que está a acontecer nos Países Baixos gradualmente se espalhe por Erebúm centralmente governada a partir de EuroBruxelas. De acordo com alguns cálculos, levaria apenas uma e certamente menos de duas gerações para que os grupos violentos de Ignorantes dominassem quase todos os lugares onde vivem grandes grupos de pessoas. Vemos o fenómeno na União dos Estados Americanos (Vineland), no Império Russo (Erebúm e Waçúm), no densamente povoado Norte e Sul do continente de Alkebulan e em toda a Waçúm. Estes grupos violentos manifestam-se mesmo onde, como em Erebúm, um governo central forte e autoritário utiliza as pragas de vírus para contrariar a livre circulação das pessoas. Esses grupos entoam o slogan '*Antes livres e infectados do que presos e vacinados*'. E assim transformam a dúvida de se estão ou não infectados numa arma, com a qual assustam cada vez mais os proprietários medrosos. A ironia de tudo isto é que a população rica – e com isto quero dizer a pequena percentagem que constituem os selectos níveis de topo da escala Bloomberg – está a começar a isolar-se em luxuosos condomínios fechados. Em EuroBruxelas

já é assim. Encontras condomínios do género na União de Estados Americanos, surgem as Novas Dachas no Império Russo, as Novas Cidades Proibidas na China e as Cidades-Palácio no Império Indiano."

"Parece tudo tão negativo. Ainda podemos fugir para nos divertir?" pergunta Sérgio.

"Sim", concorda Inês, "às vezes penso que me sentiria melhor se desaparecesse para uma daquelas comunidades não violentas de Novos Ignorantes".

"Entendo-vos muito bem", diz Greta. "Hoje não parece nada divertido ser um jovem adolescente com acesso ao conhecimento e à ciência. Nasci pouco depois de a juventude consciente das alterações climáticas ter começado a chamar a atenção pelos excessos do sistema capitalista destrutivo, como o fez Greta Thunberg. No geral, estávamos optimistas na época, como alguns de nós ainda estão hoje. Talvez confiámos demasiado naqueles economistas quando presumiam que o sistema capitalista iria gradualmente cuidar de si próprio depois de ganhar o domínio planetário. Os meus pais e o meu avô Paulo educaram-me com a ideia de que o sistema mundial capitalista talvez levasse mais em conta as propostas bregmanianas. Até hoje pouco ou nada disso aconteceu. As pessoas arrogantes que procuram poder são simplesmente poderosas demais. Ou talvez sejam demasiado impotentes para redirecionarem o que eles próprios criaram numa direção mais humana. Posso, portanto, acreditar que uma espécie de utopia de gato de apartamento, como dizem a mãe e a tia Joana, vos parece atraente."

Gabriel sorri. “Mas continuamos convencidos de que podemos prosseguir em prol da utopia pluralista cooperativa, certo Greta?”

Inês levanta-se e pergunta a Sérgio se ele quer acompanhá-la até o terraço. A tarde tinham combinado em ouvir música e fazer ouvir um ao outro as coisas novas que descobriram. Juntos saem da sala.

Os adultos continuam a conversa.

“Essa utopia parece hoje mais distante do que no início do século”, diz Greta. “Catherine e Joana Demeester representam o final do século passado fazendo a leitura seguinte da matriz ignarométrica: na parte verde, menos ignorante, menos arrogante, havia um grupo bastante grande de democracias em início de ciclo e um grupo mais pequeno em final de ciclo. Poucas pessoas lembram-se do nascimento da Pedagogia Institucional há exatamente cem anos. Este movimento cooperativo no âmbito da educação cooperada parecia ser o trampolim para a era da aprendizagem humana. O ser humano que aprende cooperativamente alimenta o canto inferior esquerdo verde da matriz ignarométrica. O pequeno substrato das utopias intelectuais, rumo ao pluralismo cooperativo, não era desejado pelos que estavam no poder, mas mesmo assim desenvolveu-se. A utopia ainda existe embora não ganha novos adeptos. A utopia das sociedades fascistas presentes na camada superior também existia na época e muitos pensavam que a aproximação a essa utopia era mantida sob controlo pelos regimes democráticos. As pessoas ainda acreditavam realmente na influência protectora de organizações como a OCDE ou as

Nações Unidas com o conselho de segurança, os fundos e as agências, dos quais ainda nos lembramos o fundo para as crianças, o fundo alimentar, a UNESCO, o Fundo Monetário Internacional. Mas o que aconteceu com o FMI mostra como as pessoas subestimam a eficácia dos Estados totalitários na fase de arranque, situados no lado direito do quadro ignarométrico. Estes absorveram por assim dizer as democracias em final de ciclo com muito mais facilidade do que a utopia pluralista conseguia fazer."

"Pensas que esta evolução para um Governo Central Totalitário é o resultado de erros cometidos por ignorância ou é uma manipulação consciente?" pergunta a mãe de Inês.

"Devo admitir honestamente não ter lido todos as publicações do *Instituto de Estudos de Endemias Sociais*," começa Greta. "Mas agora faço a ligação com as alegações de Steven Bird e com o que meus amigos parisienses em Toulouse me contaram através de conversa de avatar na *Hortública*. Há rumores crescentes de que a elite Bloomberg nos está a atirar areia aos olhos com os seus projectos de caridade e de financiamento associado de certas universidades e faculdades."

Gabriel concorda: "As epidemias em curso causaram graves perturbações sociais. Observando mais de perto pode dizer-se que a classe média moderna praticamente desapareceu. Ironicamente, a classe alta rica está a passar por um momento algo difícil porque obtém a sua riqueza através da venda de produtos e de pacotes de serviços consumidos pela classe média. É claro que o topo continua a atrair capital e activos, mas essa concentração de riqueza está a criar uma imagem distorcida.

Trata-se mais de uma ideia implantada, de uma crença abrangente do que de uma realidade tangível. A economia, os fundos e os projetos funcionam com base em transações monetárias digitais das quais não se sabe exatamente em que bens se baseiam. É cada vez mais uma construção culturalmente mantida."

Bianca então diz: "Parece-me haver uma procura cada vez maior pelo desenvolvimento de modelos de comunicação que liguem inteligência biológica e electrónica. Para conseguir o quê? Informações generalizadas baseadas nas opiniões daquela camada superior rica? Com a intenção de criar uma enorme inverdade social? Abolir as escolas e substituí-las pelo ensino à distância é apenas um aspecto desta manipulação contínua.

Greta retoma: "Steven informou-me sobre *Bloomcamp*. Trata-se de uma área repleto de luxo para aqueles cujo património líquido corresponde à escala de valor Bloomberg 8 a 11. Na realidade esta área de luxo consiste em vários condomínios fechados em diferentes partes do mundo entre os quais os seus habitantes viajam discretamente mas sem restrições utilizando veículos aéreos ultra-rápidos que voam na estratosfera ou mais alto. De acordo com Steven, existem persistentes tentativas de obter uma tecnologia — talvez extraterrestre — possivelmente descrita por Victor Hunt. Esta tecnologia regula a subida vertical como resultado de variações locais das leis da gravidade provocando até uma espécie de 'vácuo gravitacional'. Essa seria uma das razões para atrair especialistas em comunicação. Tem a ver, entre outras coisas, com o desenvolvimento de super cérebros electrónicos a trabalhar em conjunto com cérebros

biológicos humanos."
Os outros mostram alguma surpresa. Gabriel então diz: "Claro! Isso significaria que está a ser feito um verdadeiro trabalho em prol do isolamento de luxo. Sendo assim o outro isolamento, o confinamento do resto da população mundial, é uma correlação inevitável. A crescente divisão das grandes cidades em distritos promove naturalmente esse isolamento. Não digo com isso de fingirmos que as pandemias não existem, mas elas são úteis."
Greta continua: "Steven sempre fala de como a população rural está a tornar-se cada vez mais isolada da população urbana. A quase total automatização da agricultura local, o fornecimento de produtos básicos por equipas cuidadosamente verificadas e o cultivo do medo, juntamente com a proliferação de novos vírus, garantem a quase ausência de contacto entre os produtores rurais, portanto as comunidades rurais locais, e os consumidores urbanos. De resto os centros rurais são totalmente dependentes do ensino à distância, o que naturalmente os torna mais susceptíveis à manipulação. A informação gratuitamente disponibilizada tanto pela *Hortública* como outros grupos na rede global é de pouca utilidade se as pessoas não forem habituadas a pensar criticamente."

Cinco dias depois, Greta e Sergio despedem-se dos amigos. Inês acompanha-os até à mesma estação de metro onde chegaram. Os dois jovens têm dificuldade no momento do adeus. Eles não sabem se será possível ver-se novamente de aqui seis meses. Não está claro se Greta e Sergio terão facilidade em viajar de Lisboa de volta a Londres. E é ainda menos claro se terão novamente uma autorização para interromper a viagem

em Barcelona. No Hemisfério Norte, Fevereiro é frequentemente um mês em que prosperam vírus e bactérias causadores de doenças. E hoje em dia não é preciso muito para contaminar as redes sociais com informação não verificada. Com apenas alguns cliques, uma pequena epidemia local torna-se facilmente viral. Qualquer pandemia perigosa está hoje a apenas alguns '*posts*' de distância.

A 29 de julho de 2061, o quase invisível Cometa Halley aproxima-se da Terra a uma distância de 0,48 unidades astronómicas, causando a psicose de medo habitual e tornando as viagens completamente impossíveis para as pessoas comuns este ano. O cometa até influenciaria o andar dos comboios. Cancela-se todo uma serie entre junho e agosto. Não há nenhuma razão muito concreta mas o poder aproveita para reduzir ao mínimo as viagens de turismo ainda existentes. Alexandre e Catherine pensam naqueles dias em que se deitavam de costas a olhar as estrelas no sul de Portugal com Paulo Demeester e como ele se teria irritado com aquela interpretação mística de um corpo celeste morto que passava…

A consolidação das megapoleis (2060-2070)

Melancolicamente Inês Legendre termina a sua conversa de avatar com o avatar de Sergio Mestre. Eles acabaram de saber que poderá não ser possível de se encontrar pessoalmente no fim deste verão. Já foram três anos desde que passaram cinco curtos dias juntos em casa da Inês em Barcelona.
Sergio entra furioso na sala.
"Passa-se alguma coisa de errado?" pergunta Greta ao filho.
"A Inês está triste e eu estou farto de não a ver há anos. Entre os dois tínhamos planos de comemorar o meu décimo oitavo aniversário juntos. E se nos últimos anos não obtivemos visto para entrar em Barcelona em agosto, também poderemos não conseguir obtê-lo para setembro deste ano."

Greta suspira. Desde que começou a trabalhar para as Universidades de Londres e de Lisboa, foi o primeiro ano em que ficaram a residir um ano inteiro em Lisboa. Greta não teve mais oportunidades para se encontrar com seus estudantes ingleses a não ser por video-chamada nos canais oficiais do curso. Ela conta obviamente também com a *Hortública* para conversas mais informais. O Serviço Central de Saúde tinha desaconselhado veementemente a viagem para Londres em Fevereiro, apesar de ela continuar a gozar de um regime preferencial por trabalhar em duas universidades reconhecidas. Ela sentiu o tom arrogante subjacente: por que diabos deveria ela receber um crédito de viagem por causa de apenas alguns estudantes alem disso na faculdade de *educação* fazendo um estágio em escolas que em breve provavelmente serão fechadas!

Foi-lhe referido a chegada de um novo vírus no Reino Unido e o Serviço Central de Saúde não quer movimentos humanos de e para a grande ilha, para evitar a contaminação no continente.
Greta sentiu como as informações enganosas foram usadas sem hesitação. A comunidade da *Hortública* integra virologistas. Estes alertam frequentemente sobre as tácticas utilizadas pelo Governo Central e pelas Autoridades Locais. Já se sabe desde o século passado como os vírus utilizam animais hospedeiros para se espalharem. Até meados deste século não havia indicações em como as plantas estivessem diretamente envolvidas. Só alguns fungos pareciam ser portadores de patógenos humanos. Sabia-se também do papel intermediário de certos insetos na transmissão de vírus perigosos para os humanos e como estes insectos podem estar escondidas em plantas. Mas nos últimos dez anos têm havido indicações crescentes de que em alguns casos vírus presentes nos esporos das plantas passam directamente para os seres humanos. Uma ferida na pele pode então ser suficiente. O pior é que corpos enfraquecidos por outras doenças são presas fáceis para alguns desses vírus. A inalação de esporos de plantas transportados pelo ar pode ser suficiente. Em áreas densamente povoadas, uma pessoa infectada inicia facilmente uma epidemia local. Uma das consequências das alterações climáticas ao longo dos últimos cinquenta anos é o de haver ventos fortes e persistentes vindo da mesma direcção durante semanas. Os investigadores assumem cada vez mais que muitas das grandes epidemias emergentes nas grandes cidades não são trazidas por viajantes vindos de fora da área, mas têm a sua origem num único

paciente a viver na área após inalar esporos contendo o vírus. Os intelectuais mais críticos estão conscientes de que a proibição de viagens geralmente pouco tem a ver com saúde. Os encontros pessoais em conferências, universidades e reuniões científicas e as conversas informais associadas são mais difíceis de controlar do que o tráfego da Internet. A *Hortública* está bem ciente de em como pouco escapa à atenção das Administrações Centrais. Mesmo a utilização de avatares em áreas do mundos digital em rápido crescimento e protegidas por técnicas VPN não pode ser mantida completamente anónima. Existem espiões por toda parte. Mesmo as salas de conversação bem protegidas, nas quais se encontram apenas grupos limitados de avatares de colegas ou amigos que já se conheceram pessoalmente, não estão livres de invasões digitais e técnicas de escuta associadas. Os principais governos centrais do mundo estão constantemente à procura de cientistas úteis para os seus interesses. Infiltrar a *Hortública* é simplesmente mais barato e mais eficiente do que espionar reuniões de todos os tipos no mundo físico.

Mas apesar de tudo, ainda é possível obter autorizações de viagem em certos casos. As autoridades locais até usam conscientemente essas licenças para manter dentro dos limites a insatisfação entre os Não-Ignorantes ou como se diz frequentemente agora, os *Sabedores*. Os governos geralmente não se preocupam muito com os dóceis Novos Ignorantes. As campanhas de desinformação deixam-nos simplesmente demasiado assustados para sequer pensarem em viajar para fora do seu distrito. Para os Novos Ignorantes Destrutivos existe outra solução. São recrutados como mantenedores da ordem

pública ou preparados para voos de longa distância para Marte ou para uma das duas luas alcançáveis de Júpiter. Aqui e ali grupos relativamente pequenos de Ignorantes Não Violentes fogem da cidade. Eles acabam por alcançar alguma comunidade rural local. Os oligarcas e os governos autoritários ainda menos se preocupam com eles. São vistos como pessoas que escolheram excluir-se do sistema capitalista. Eles não se importam de viver uma vida pobre, sem dinheiro e sem grandes recursos. As autoridades locais até raciocinam que isso as torna mais suscetíveis a infecções. Ou vão de mal para pior se acabarem sob o jugo de algum autocrata rural. Essa é a opinião geral entre as classes privilegiadas e os governos. Vêem as suas opiniões confirmadas pelo processo inverso. Também há ainda quem deixa as áreas rurais para se estabelecer nas grandes cidades. Quem dá esse passo traz consigo verdadeiras histórias de terror sobre a vida fora da cidade. E tanto os residentes da cidade como os administradores mostram pouco interesse em investigar essas histórias para separar a verdade da mentira. O estilo de vida relativamente mais fácil dos gatos de apartamento significa que os imigrantes aceitam prontamente a situação de refém permanente no distrito onde vão parar. Geralmente são rapidamente contratados como empregados domésticos por um fornecedor de pacotes de serviços com o mínimo de trabalho externo possível. Eles recebem um salário modesto dando acesso ao consumismo básico. Em geral, as autoridades locais das grandes cidades asseguram a oferta de eventos gratuitos em número suficiente para evitar revoltas.

“Vou ver se consigo alguma coisa na faculdade.” Greta consola

assim o filho. “Posso não conseguir um visto alegando *Ignarysis*, e certamente não o consigo só para uma visita de amigos. Mas posso pôr os Reitores das Faculdades de Ciências da Educação de Lisboa e de Barcelona ao barulho para facilitar um encontro no âmbito de um novo projeto de comunicação. Bianca Horta Y Valls iniciou recentemente um *grupo de reflexão* com etólogos e especialistas em inteligência electrónica. A nossa universidade também foi contactada. Querem facilitar um encontro com especialistas em comunidades electrónicas de aprendizagem autónoma.”

Ao dizer isso, Greta não consegue deixar de sorrir. Às vezes é divertido atirar areia nos olhos daqueles administradores arrogantes que adoram termos que soam bem. Ela foi não sabe bem como foi recentemente reconhecida como *consultora para programadores de comunidades electrónicas de aprendizagem autónoma*, mas ao seu ver trata-se apenas de ar frito embrulhado num lindo papel de presente.

“Achas que podes fazer isso? O tio Alexandre contou-me que as vossas atividades com a Casa Biblioteca não são muito bem recebidas pelas Autoridades Locais. E são eles a conceder o visto.”

“No meu caso é mais provável o governo local bloquear um vista de *entrada*. Tem menos problemas para emitir vistos de saída, especialmente para alguém de quem preferem se ver livre. Caso o responsável pela faculdade de destino responda positivamente ou ser ele próprio a solicitar a viagem, o visto será emitido rapidamente. Barcelona não colocará obstáculos. O reitor da faculdade de Bianca faz questão de agradar o Governo Central

Europeu. Estamos ambos bem de saúde. Estivemos em Lisboa o ano todo e neste momento só Londres é 'zona vermelha' em relação ao continente. Sem um alerta de epidemia local, posso ter sucesso. E se Lisboa dificultar o nosso regresso, iremos para Londres, assim que este projecto de comunicação pareça suficientemente interessante aos olhos de mais autoridades locais. O pior que nos pode acontecer é não podermos sair da ilha durante algum tempo."

"Mas mãe, então também não poderemos viajar no próximo ano."

"Vamos isolar um problema de cada vez. Pensamos nos outros depois. Gostarias de comemorar o teu aniversário na presença dos nossos amigos e da Inês, em vez de aqui com a família, correto?"

Sergio cora um pouco: "Eu e a Inês queremos muito encontrarmo-nos novamente, mãe".

"Então cuidaremos disso primeiro. OK?"

E assim no início de setembro de 2063, Greta e Sergio embarcam na carruagem para Barcelona do comboio internacional de Alta Velocidade. Há também uma carruagem para Madrid, uma para Toulouse e outra para Paris. O índice de infecção é baixo, tanto em Lisboa como em Barcelona. Mãe e filho possuem o visto de saúde dando a autorização de sair do compartimento de almoçar no pequeno vagão-restaurante. São informados pelo revisor electrónico do comboio que existem apenas dez passageiros na sua carruagem, pelo que não será difícil respeitar a regra de receber apenas quatro passageiros em simultâneo no restaurante.

O comboio só faz uma paragem em Madrid antes de seguir para Barcelona. A viagem toda dura pouco mais de cinco horas. Não mudou muita coisa na Estação Sants desde há quatro anos. O percurso permitido está electronicamente vinculado ao visto de viagem e dá acesso à carruagem do metro para o distrito *Montbau-Mundet* como da última vez.

O parque é um oásis de paz e ar fresco no quente verão de Barcelona. Naquela manhã, Inês sugeriu a Sérgio para acompanhar Bianca e Greta e caminhar até o Colégio no Campus Mundet. Eles próprios podem depois continuar até ao *Parc del Laberint d'Horta* la perto.

Sergio entrou na biblioteca da faculdade enquanto Inês foi até o refeitório com a Bianca para buscar sandes e água. Pouco tempo depois ela encontrou-o diante as prateleiras da sociologia da educação. Ele tinha folhado por um momento as traduções espanhol-francês de *Ignarysis* antes de encontrar a tese de Abigail Blum, uma jovem vinculada ao *Instituto de Doenças Endémicas Sociais*. Não foi apenas o nome judeu da investigadora que lhe chamou a atenção. Ele lembrou-se que a sua mãe lhe contou a história do médico palestiniano Izzeldin Abuelaish dando o impulso inicial ao Instituto em resposta à morte de toda a sua família e à guerra de desgaste de quase cem anos entre milícias judaicas ortodoxas estritas e organizações palestinianas extremistas. Essa guerra, que resultou numa catástrofe tanto para a população palestiniana como para a comunidade pacifista da diáspora judaica, foi por sua vez o rescaldo de uma arrogante política de colonização europeia em toda a área entre as costas orientais do Mar Mediterrâneo e a

bacia do rio Jordão. Entretanto, a ideologia do nazismo originou um massacre em massa, matando milhões de judeus que viviam na Erebúm, bem como todas as outras pessoas consideradas subumanas de acordo com os então governantes nacionalistas germânicos. Infelizmente, descendentes sobreviventes tornaram-se mais tarde eles próprios nacionalistas agressivos tendo a mesma visão acerca de subumanos a exterminar.

Outra coisa chama a atenção de Sergio na contracapa da tese. Foi o nome Ester Langlauf. A tia-avó Joana falava muitas vezes da Ester e tinha dito repetidas vezes que ela havia sido a sua inspiração para redigir a *Carta do Aprendente*. Ele anota o título da tese pensando em mandar uma mensagem para sua tia-avó. Abigail Blum aparentemente fez uso da ignarometria para a análise dos dados que reuniu e Ester inclui na introdução uma breve nota sobre o desenvolvimento deste instrumento antes de falar acerca da importância histórica do trabalho de Blum. Um rápida olhar na base de dados *quem é quem* da biblioteca universitária informa Sergio que Abigail está hoje ligada à universidade londrina. Anota os dados dela com a intenção de visitá-la assim que tiver oportunidade.

Todo o passeio a partir da biblioteca universitária até ao *Jardí Romàntic* no parque Sergio fala sobre a matriz ignarométrica e as quatro utopias que as irmãs Demeester nela associam. Inês pergunta o que Sérgio sabe acerca de Ester. Ele fala de *Surdos ouvintes e ouvintes surdos ou a arte da comunicação* publicado por Ester e a tia-avó Joana há quase quarenta anos. Hoje, os investigadores costumam usar o termo *ouvinte surdo* quando falam da sempre crescente população ignorando todos os sinais

de que está a desenvolver-se uma relação cada vez mais totalitária entre a pequena elite de proprietários ricos e a classe média em extinção.

Eles se sentam para fazer um piquenique.

Inês explica como Gabriel, Bianca e os seus pais sempre arranjam tempo para discutir com ela os temas de estudo que lhe têm sido ministrados nas aulas digitais ao longo dos últimos dois anos. Providenciam também encontros com pares, agora que os contactos sociais escolares são praticamente inexistentes. Bianca, em particular, fala frequentemente sobre a necessidade de comunicar e como a comunicação é mais do que trocar notícias entre si. Sergio sorri e cora um pouco ao responder: "Sempre noto como fazes da comunicação um ponto importante quando os nossos avatares se encontram. Quando eu te conto alguma coisa, sempre fazes muitas perguntas e quando tu me contas alguma coisa, nunca é com poucas palavras. Muitas vezes sinto que estás mesmo preocupada se o que me dizes fica realmente claro para mim. Por outro lado, sei que tu também queres ter certeza de que realmente me entendeste."

Inês pega na mão do Sérgio e diz: "Às vezes ficas um pouco confuso nas tuas explicações. E és tão fofo quando começas a gaguejar sobre alguma coisa. Eu sei que estás a pensar em voz alta e é bom de ver que o teu avatar faz exactamente o mesmo sempre que se encontra com o meu. Mas gosto ainda mais quando me tentas explicar as coisas quando estamos mesmo juntos como agora."

"O tio Alexandre diz que sou parecido com ele. Em criança também repetia frequentemente parte de uma frase antes de

conseguir exprimir o seu pensamento. E nem todo mundo tem paciência para nos dar tempo. Mas tu, desde aquela visita a Paris com a tua tia, senti que tu esperavas pacientemente para dizer alguma coisa até ter certeza de que eu tinha acabado de falar... e sempre foi assim…"

"Sempre são oito anos…"

"Seria bom se sempre durasse muitos mais anos…"

"E por que não? O que estás a pensar?"

"É tão difícil saber com antecedência quando nos veremos novamente… Tenho muito medo de chegar o dia em que não será mais possível visitar quem amamos, se as pessoas não morar na mesma área ou no mesmo distrito."

"Falas deste medo em geral?"

"No geral estou preocupado, mas no particular estou com medo," diz Sérgio olhando para Inês.

"Então é melhor não deixarmos acontecer isso com nós dois," responde Inês. "Pelo que posso ver, Bianca e a tua mãe são boas em obter os vistos necessários. Por enquanto, não deves preocupar-te."

"Só por enquanto?"

"Menino tolo, por enquanto é por agora e o que vier depois virá mais tarde."

Inês levanta-se e puxa Sergio. Ela então põe os braços em volta do seu pescoço e coloca a cabeça no ombro dele. Ele toca suavemente o cabelo dela. Um momento depois ela levanta a cabeça e eles beijam-se. Depois olham-se por um longo tempo.

"Comunicar," diz Inês, "mas só com os olhos."

Sergio pega as duas mãos dela e a puxa-a na contra si. Acaricia-

lhe as costas. “E também com as mãos,” diz ele.
Inês afasta-se e começa a rir. “Ou então...”
Ela começa a correr. Ele corre atrás dela. Um pouco mais tarde sentam-se debaixo de uma árvore. Ela inclina-se contra ele. Ficam assim sentados em silêncio por um tempo. Beijam-se outra uma vez, levantam-se e começam a caminhar de mãos dadas. De repente, Inês volta a rir: “Vamos dizer aos nossos queridos pais que contamos com eles para ficarmos juntos?”
Sergio também ri: “Talvez tenhamos dizer isso de outra forma, senão vão pensar que precisamos de algum tipo de acompanhante. Ou pior, que acabamos de discutir.”
“Queridos, eu e o Sergio estamos um pouco apaixonados e por isso gostaríamos de morar na mesma cidade.”
“Um pouco apaixonados?”
“Oh, pequeno idiota, eu realmente gosto de ti e quero-te perto de mim.”
“E eu preferiria ter-te sempre por perto.”
“Então?”
“Então, queridos pais, vocês sabiam que nos amamos muito e que queremos ficar juntos?”

Num dos pequenas gabinetes da faculdade, Bianca informa Greta de todas as novidades desde o último encontro entre elas e do qual não quis falar em conversa na *Hortública*. Ambos sabem estar bastante protegidas pelo avatar, mas… O perigo de contaminação digital e espionagem é real.
“Tenho quase certeza da fidedignidade das minhas fontes de informação”, começa Bianca. “Tempos ainda mais difíceis estão para vir.”

“Então aqueles rumores em como pelo menos na Europa (Erebúm), na Índia e na China (Waçúm), as pessoas ficarão detidas em comunidades fechadas não são infundados?”
"Não. E é bom lembrar como a mobilidade em outras partes do mundo já está limitada por outros motivos.”
“Mas isso é mau, Bianca. Se esse plano realmente for adiante, a manipulação se tornará ainda mais fácil.”
“E ainda não é o pior. Ouvi recentemente no nosso departamento de antropologia que todos os dados relativos à investigação de ADN fóssil foram solicitados. Sabes, as investigações na paleontologia e na paleoantropologia recorrendo a este tipo de ADN vai já em sessenta anos. Houve por exemplo uma enorme recolha de dados para obter uma imagem precisa da disseminação dos genes Neanderthal nos humanos modernos.”
“E em que é que a solicitação desses dados é pior do que manipulação?”
“Os pedidos vêm de dois laboratórios farmacêuticos dos quais sabemos estarem envolvidos em investigações militares secretas. Hoje sabe-se que pessoas com genes residuais específicos do Neanderthal são mais suscetíveis a certas infecções virais com consequências fatais. Por outro lado, esse material residual de genes Neanderthal também pode ter um efeito protetor. Já havia indícios neste sentido aquando das primeiras grandes pandemias do nosso século causadas por uma variante da SARS.”
“Isso significaria que…”
“Podes pensar em duas vias… é possível imaginar infecções

virais com menos impacto sobre uma população com mais genes Neanderthal, mas também é possível o contrário."

"E vocês, antropólogos e paleo-antropólogos suspeitam que a requisição para obter os dados tem a ver com a produção de certos vírus? Haverá realmente quem pensa em infectar certas áreas deliberadamente?"

"Eu disse, vai piorar muito. Ouvimos de uma fonte muito segura que há especulações sobre como reunir partes da população e detê-las em determinadas áreas, longe dos condomínios onde vive a classe privilegiada. Lá os deportados podem ficar infectados ou pior."

"Pior ainda?"

"Sim. Nós temos informações…"

"Nós?"

Bianca sorri.

"A *Hortública* tem muitas ramificações, Greta, e percebe-se hoje como isso é necessário. Temos informações acerca de campos de treino para Ignorantes Destrutivos. Eles estão a ser preparados para integrarem um corpo de repressão ao mando dos Governos Centrais. Essas forças podem ser disponibilizadas nas principais áreas urbanas. Lá eles conseguem rapidamente implantar armas biológicas letais. A contra-informação usaria apresentará depois o argumento em como, por mais cruel que seja, matar os portadores do vírus de uma determinada zona seja a única forma para manter outras zonas livres da infecção."

Greta concorda: "Isso vai longe, de facto. Portanto, a elite está a concentrar a sua atenção nas zonas onde suspeita haver uma população ainda potencialmente perigosa, apesar das

campanhas de desinformação. As autoridades centrais e locais continuam a não se incomodar com pequenos grupos que de certo modo se excluem e criam uma espécie de comunidades cooperativas. As revoltas em detritos urbanos são mais perigosas. Mas revoltas lideradas por quem? Por *Sabedores*? Por membros da *Hortública*?"

"A elite rica continua a ter uma relação de amor e ódio com os Sabedores e os intelectuais em geral, sabes isso. Por um lado precisam de investigadores e de ciência, por outro estão-se bem consciente das constantes perguntas criticas que este grupo populacional coloca. Os governantes querem intelectuais nas universidades, mas intelectuais críticos são uma ameaça. Lembras-te como todo o império daquele menino maravilha entrou em colapso há trinta anos?

"O menino maravilha?"

"Sim, aquele que alcançou o nível Bloomberg 9 através da produção de carros elétricos e do fornecimento de aplicativos electrónicos e depois integrou um regime quase totalitário."

"Espere um momento. Ele não criou as bases para a comercialização do transporte espacial? Sim, Steven Bird, amigo da minha mãe, às vezes fala dele. O nome dele não era Muscle ou algo parecido?"

Bianca ri. "Algo parecido, sim," diz ela. "Bem, a história contemporânea mostra-nos como cometeu um dramático erro de julgamento. A riqueza dele baseava-se em parte nos padrões de exigência daqueles aos quais poderíamos referir de consumidores ambientalmente conscientes e críticos. Hoje pode parecer uma contradição em termos, mas até ao final da década

de 2030 existiam grupos de pessoas que se autodeterminavam como sendo consumidores conscientes. Eles continuavam no paradigma do sofisticado transporte individual, mas com carros eléctricos em vez de carros movidos a combustíveis fósseis. O argumento mais frequente era esta ser a única solução enquanto não houvesse uma eficiente rede de transportes públicos. Os grandes investidores aproveitavam-se destes consumidores ambientalmente semi-conscientes. Basta pensar em como a eletricidade produzida em parques eólicos se tornou uma espécie de hype. Naturalmente, os investidores beneficiaram mais rapidamente da venda de automóveis individuais implantados numa infra-estrutura de estradas existente do que do desenvolvimento de novas infra-estruturas para transportes públicos eléctricos rápidos. Até a venda de aeronaves para transporte individual ou de pequenos grupos continuava também mais lucrativa.

Tal como hoje, Ignorantes e Sabedores faziam uso extensivo das redes sociais naquela altura. Só tinham preferências pelos aplicativos em uso. Um dos aplicativos mais lucrativos e frequentemente usados pelos Sabedores foi comprado pelo mesmo investidor em carros eléctricos."

"E então as coisas deram pelo torto."

"Sim, foi aí que as coisas deram errado para ele. Sem mais. Quando se aliou ao tal regime quase totalitário com alguns traços fascistas, os consumidores em quem repousava grande parte da sua riqueza afastaram-se bastante depressa dele. Ele rapidamente desceu na escala de valor pessoal Bloomberg. Hoje, a sua ascensão e queda são um estudo de caso. Uma das

consequências foi a publicidade em geral ter abandonado completamente o slogan da escolha ambientalmente consciente. No curto prazo, o público sensível a estas questões tinha parecido ser uma boa fonte para obter lucros. Contudo aqueles slogans só eram úteis para chegar a quem fazia escolhas conscientes. Isso exigia senso crítico e a elite quer livrar precisamente dessa população com muito senso crítico. Não é esperável haver pessoas críticas a consumir a-criticamente por muito tempo."

"Isso está claro. E hoje constatamos como o desmantelamento dos sistemas escolares não tornou a elite rica mais pobre. Forçar as crianças a serem instruídas *on-line* rapidamente se tornou um negócio duplamente lucrativo após as pandemias da década de 2030. Pagam-se as licenças para a utilização de livros didáticos eletrónicos e plataformas didáticas. Ainda hoje os modelos mais recentes de todo tipos de aparelhos são objetos de status desejáveis para as classes pobres e médias. Adolescentes e adultos Novos Ignorantes gastam boa parte do seu rendimento disponível em dispositivos electrónicos e em transacções online de pacotes de serviços obrigatórios e opcionais de todo tipo. Hoje, o maior lucro pode ser alcançado com a venda massiva de produtos principalmente imateriais cujo logotipo tem um elevado valor de status entre a população urbana."

"Graças às comunidades de aprendizagem cooperativa com as quais trabalhas e que orientas desde há muito, ajudaste-nos a descobrir todo o mecanismo. Mas fico eu surpreendida por tu estares aparentemente surpreendida com tudo que está por trás desse projeto de concentração."

“Sabes Bianca, eu considero-me a mim próprio como sendo optimista. Mas o meu optimismo baseie-se talvez em parte na minha ingenuidade, é bem possível.”
“E eu estou feliz por ter alguém com o teu optimismo no meu círculo próximo de trabalho e de amizade. É com este optimismo que consegues fazer pequenas coisas com grande valor simbólico e que eu considero demasiado depressa impossíveis. A tua presença física hoje em Barcelona é só um exemplo.”

Sérgio e Inês estão ainda mais felizes com a esta estadia em Barcelona e por motivos completamente diferentes, claro. Naquela noite, sentam-se de mãos dadas entre os pais, contando-lhes o sonho de ficarem juntos. Greta olha com ternura para o filho e diz à mãe de Inês: “A Bianca atribuiu ao meu optimismo a minha capacidade de conseguir coisas por vezes aparentemente impossíveis. Se bem me lembro, a Inês pode iniciar estudos superiores daqui a cerca de dois anos, certo?”
Antes que a mãe tenha tempo de responder, Inês acena com a cabeça e diz: “Adoraria estudar comunicação, se possível contigo, Greta. E eu adoraria conhecer a avó do Sergio e a tua tia. Mas por isso terei de ir a Londres e a Lisboa, não é?” acrescenta com um olhar maroto.
“É um programa e tanto,” observa Greta rindo. “Ainda é um pouco cedo para começar a fazer diligências em termos concretos, mas se os teus pais concordarem, vou por as minhas antenas na escuta aqui e ali para investigar como fazer para poderes iniciar os teus estudos superiores desejados quando

tiveres os créditos necessários para tal."
Os pais de Inês acenam para Greta com um sorriso. Logo Inês dá um pulo, abraça os pais, abraça Greta para depois dar um beijo a Sergio.
"Estás a chorar, mãe?" pergunta Sergio.
"Sim", brinca Gabriel, lembrando um poema de *Willem Kloos*, "ela chora, não por flores quebradas em botão, mas por um amor que está prestes a florescer", desviando logo a seguir a cabeça de três almofadas a voar na sua direção.

Apesar de todas as promessas e perspectivas, caem lágrimas quando Greta e Sergio se despedem na entrada da estação de do metro da linha Montbau. O momento é especialmente difícil para os jovens, claro. Nos próximos tempos eles só poderão conversar através dos seus avatares digitais. Seguindo o conselho de Bianca, os pais explicaram aos jovens para não discutir planos futuros durante as video-chamadas normais. Todas as comunicações feitas por familiares de investigadores associados a uma universidade são regularmente verificadas pelos serviços de segurança das autoridades locais e centrais. E, claro, todo o staff de *Ignarysis* é conhecido como extremamente crítico. Ainda para mais Sergio é neto de Catherine Demeester e vai iniciar estudos de sociologia. Isso por si só faz dele um frequente alvo de escuta.
Tal como Greta tinha previsto, mãe e filho não conseguem visto para regressar a Lisboa. Eles só têm permissão para seguir para Londres. Greta retomará ali o seu trabalho de orientação, embora este ano envolva apenas seis alunos. Concorda com Joana contribuir remotamente para o semestre em Lisboa caso

não consiga regressar a tempo à Península Ibérica.

A imobilização em Londres dura já dois anos. Sergio está prestes a iniciar o terceiro ano universitário em setembro. Ele é conhecido entre os colegas como um apaixonado parceiro de discussão quando se trata de sociometria em geral e da ignarometria em particular. Desde a última visita a Barcelona não pôde sair de *Megaludein*. É esse o nome administrativo da grande cidade hoje que se estende bem além do que até o ano passado se chamava Grande Londres.

O Governo Central da Erebúm reforçou o seu controlo sobre todas as zonas com maiores concentrações populacionais. De repente, e num espaço de tempo muito curto, a saúde e a segurança tornaram-se motivo para cancelar todas as eleições directas para os Governos Centrais e Locais. Ao fazer uso inteligente de figuras decorativas, o Governo da Erebúm Central conseguiu, no ano passado, introduzir um sistema eleitoral de Grande Eleitores copiando o modelo dos antigos Estados Unidos na Vineland. Segundo um dos professores de Sergio, pode-se até considerar o sistema como um retorno ao sistema tributário. Somente quem tem Bloomberg número 8 ou mais pode ser Grande Eleitor. Os votos emitidos dão origem à composição de colégios de grandes eleitores. Os *Sabedores* críticos ainda votaram nas eleições do Verão passado mas sabiam antecipadamente que os seus votos seriam votos perdidos. Entre os Ignorantes havia duas tendências: como sempre, um grande grupo não exerceu o seu direito de voto. Um grupo ligeiramente menor seguiu fielmente as instruções dos líderes populistas autoritários. Como resultado, apenas ficaram Grandes Eleitores

para reconduzir os membros do Governo Central e das Autoridades Locais para cada *Megapolis*. Pela primeira vez, não foram instaladas assembleias de voto fora das megapoleis. As autoridades locais foram informados haver riscos para a saúde. Dizia-se que as pequenas comunidades rurais consistiam principalmente de indivíduos não vacinados e não examinados. Foi aberta uma exceção para os leais administradores de plantações controladas por robôs que abastecem as megapoleis. Eles vivem em locais fechados e podem votar eletronicamente. Quanto ao resto, praticamente não houve contacto com a população rural. O Governo Central de Erebúm faz bom e abusivo uso de estudos sociológicos para retratar uma parte da população como bandidos perigosos que não devem ser perturbados e outra parte como uma espécie de degenerados amantes da natureza tendo o movimento *flower power* no século passado como modelo. Foi considerado melhor mantê-los afastados. Imagine se eles fossem capazes de infectar a população urbana com algumas de suas ideias.

Imediatamente após as eleições do Verão passado tomaram-se medidas drásticas em todo o Grande Erebúm. De Norte a Sul e de Leste a Oeste, as megapoleis tornaram-se as únicas unidades administrativas regionais. As autoridades regionais passam assim a serem incorporadas nas autoridades das áreas metropolitanas. Verdade seja dita, há muito tempo que as fronteiras nas quais são exigidos os necessários vistos de saúde circundam as grandes cidades e não os estados. Agora passa a ser necessário apresentar um visto de moralidade juntamente com a permissão de entrada. Não é difícil sair de uma megapolis

para se juntar a uma comunidade rural algures, mas é virtualmente impossível regressar mais tarde a uma megapolis. Todos os dias fazem-se verificações de surpresa em quase todos os sítios de alojamento provisório. Em distritos próximos às fronteiras das megapoleis o sistema de detectores funciona extremamente bem. Os serviços de policiamento não têm nenhuma dificuldade nem escrúpulo em investigar qualquer pessoa cujo vizinho informou não ter estado em casa durante um longo período de tempo ou adquiriu repentinamente um local de residência no distrito. Esses indivíduos são então levados algemados e largados em áreas rurais mais remotas.

Hoje existem apenas quatro megapoleis na Península Ibérica. *Megalissipo* é o menor. Os dois centros urbanos maiores do centro-oeste de Erebúm são *Megaludein* e *Megaparisios*. Em cada um desses poleis existe um grande distrito com universidades ainda ativas. Nesses distritos o ensino primário e secundário ainda é ministrado em edifícios escolares.

Em tamanho a megapolis maior de Erebúm é *Megabelgium*. Estende-se da antiga Roterdão até Lille e da costa do Mar do Norte até ao antigo Luxemburgo. A Administração Central Europeia está localizada no distrito especial de *EuroBrussel*. É uma espécie de cidade proibida, como as dos impérios antigos. Cidades proibidas e bem guardadas deste tipo estão em ascensão em todos os continentes. As Autoridades Centrais encerram-se nele. São os únicos distritos com ligação limitada a *Bloomcamp*. Na Megabelgium, a atividade académica foi toda transferida para os distritos de Gent e Liège. Algumas faculdades optaram por se mudar para Megaludein ou Megaparisios.

As mudanças foram um presente inesperado para Inês e Sergio. A *faculdade de ciências humanas e da educação* ao qual estão associados os pais de Inês anunciou o encerramento. Quem quisesse continuar o seu trabalho de investigação tinha três opções: Megaparisios, Megaludein ou *Megandalusalgarb*. Os amigos escolhem Megaludein e no final de março de 2065 os Legendres podem se mudar para Russell District. Bianca e Gabriel seguem um mês depois para trabalhos de investigação. A partir desse momento, Inês e Sergio são inseparáveis. Sergio tem lugar permanente em casa dos Legendre e Greta brinca que os armários do apartamento deles contêm mais coisas de Inês do que de Sergio. No final do verão do mesmo ano, Inês inicia os estudos em ciências da comunicação.

Hoje em dia as reservas de hidrocarbonetos do planeta diminuíram de tal forma que os combustíveis fósseis quase não são mais utilizados. Reservas estratégicas de vários tipos de combustível ainda necessárias para protecção militar e algumas viagens espaciais são armazenadas em locais secretos.
Trabalha-se desde há muito em alternativas para todo o sector. Todos os movimentos para fora da Terra passaram a ocorrer em duas fases. Veículos relativamente pequenos transportam pessoas e mercadorias para estações espaciais menores em órbita geo-estacionária. De lá, segue-se para estações maiores na Lua e recentemente também em Lagrange 1 ou Lagrange 2 do sistema Lua-Terra ou para veículos espaciais temporariamente colocados em órbita geo-estacionária preparando-se para uma viagem a Marte. As luas de Júpiter, Ganímedes e Europa, são de momento apenas acessíveis a um grupo muito selecto de

investigadores e investidores protegidos por Ignorantes Destrutivos treinados enquanto soldados espaciais. Entre os pequenos veículos parece haver um modelo operacional baseado em propulsão eletromagnética, enquanto as *verdadeiras* naves espaciais, como diz Steven Bird quando fala das máquinas que nunca pousam em terra firme, estes obtêm o seu impulso de uma interação de fontes de energia eletromagnética, nuclear e íonica.

Algumas megapoleis autorizam a circulação de veículos de transporte colectivo com motores de combustão adaptados para funcionar com óleos vegetais recuperados. Veículos elétricos pessoais ainda são permitidos em quase todas as megapoleis. No entanto, as viaturas são altamente tributadas e atendem apenas a um grupo bastante limitado de clientes. O transporte coletivo consiste principalmente em metros subterrâneos e de superfície e comboios de levitação magnética. As viagens entre as megapoleis são agora muito limitadas e caras. As auto-estradas caíram completamente em desuso. Como em tempos fizeram os americanos, algumas estradas estão a ser convertidas para servirem de base para comboios de alta velocidade ou comboios *maglev* nas regiões sem ligações colectivas rápidas. As aeronaves com eficiência energética são hoje muito mais pequenas do que eram há cerca de quarenta anos. Longas distâncias terrestres são percorridas apenas por comboios. No entanto, continuam a circular aeronaves pessoais e helicópteros para todas as ligações entre os vários condomínios *Bloomcamp* e entre o *Bloomcamp* e as Cidades Proibidas.

Tal como no resto de Erebúm, a zona rural do arquipélago onde

se situa Megaludein está cada vez mais despovoada. A diferença mais importante continua a ser no Governo Central. O arquipélago continua avesso ao Governo Centralizado de Erebúm. Só integra o *Sistema Central de Defesa* que sucedeu à NATO e o *Instituto Europeu do Clima, das Catástrofes e da Alimentação*. As quatro autoridades locais da ilha continuam a reportar a uma casa real governante. O Governo Local principal ocupa-se exclusivamente de Megaludein. Esta megapolis estende-se no sul do arquipélago, fazendo fronteira das antigas localidades de Clacton-on-Sea, Colchester, Luton, Reading, Southampton e Portsmouth e por toda a costa entre *The Solent* e ambas as margens do estuário do *Colne*. Oito décimos de toda a população das ilhas vivem aqui. Em termos de área, Megaludein é a segunda maior megapolis da Erebúm depois de Megabelgium, mas tem mais habitantes. E mesmo nesta área sob o mesmo Governo Local, muitas pessoas quase nunca saem dos limites do seu próprio distrito.

Windsor é um exclusivo condomínio *Bloomcamp*. Algumas partes do antigo centro Londrino são agora a Cidade Proibida e acessíveis apenas ao governo local. Os detentores de valor Bloomberg 7+ encontram-se sobretudo no distrito Belgravia-Chelsea e no distrito Hampstead-Islington. Embora ainda existam paragens de metro com carruagens exclusivas para estes dois distritos, quase ninguém entra ou sai aqui. As plataformas em St Pancras para esses destinos permanecem geralmente completamente vazias. Porém, ambos os distritos dispõem de instalações de helicópteros para o único aeroporto activo do arquipélago. Segundo os analistas, os detentores de valores 5 e

6 tornaram-se tão escassos em Megaludein e desapareceram para os distritos habitados pelos grupo de valor 2 a 4.

Inês, Sérgio e a família raramente saem do Russell District. Não por estarem estritamente proibidos de fazê-lo, pelo menos durante os seis meses de duração de um visto de saúde, mas porque podem facilmente caminhar de casa para os locais de trabalho e de estudo. Há alguns anos, Alberto e Catherine também se mudaram para este complexo. Eles conseguiram trocar a casa por um apartamento na Frederick Street. Catherine ainda faz a supervisão de investigadores em sociologia educacional. A maioria das pessoas que ela orienta estão associadas ao *Instituto de Educação* e podem, portanto, visitar Catherine sem dificuldade sempre que desejarem.

O Russell District tornou-se gradualmente o lar e o local de trabalho da maioria dos analistas sociais críticos com residência em Megaludein e uma parte importante da *Hortública* também reside aí. Segundo Catherine, isto torna-os também mais vulneráveis. Um simples corte de energia no distrito é o suficiente para calar quase toda a filial britânica de *Ignarysis* e isolá-lo do resto do mundo. Sergio e Inês reconhecem o perigo, mas colocam os receios de Catherine um pouco em perspectiva. Embora o Governo Local aqui também apresente traços cada vez mais arrogantes, por enquanto é composto por membros de uma classe política entre os quais muitos estão discretamente em contacto com o mundo científico mais crítico, incluindo no domínio das humanidades. Eles não o fazem por considerações humanísticas, mas para evitar pôr em perigo o seu próprio poder. Querem evitar de entrar em alianças descuidadas com

líderes populistas demasiado arrogantes. Os *Sabedores* podem ajudar, sobretudo agora que os políticos dependem dos Grandes Eleitores. Segundo Sergio, confirmado pela mãe, Gabriel e Bianca, há uma situação delicada de ganho para todos ainda para algum tempo.

Inês avança nos estudos e passa cada vez mais tempo com os avós de Sergio. Ela não só fica sempre encantada ao ouvir Catherine sobre o desenvolvimento da ignarometria, como as histórias de Alberto a fascinam. O trabalho dele com a inteligência electrónica e todo o seu pensamento acerca da complementaridade entre cérebros eletrónicos e biológicos têm muito a ver com próprio interesse da Inês no campo de estudo em torno da comunicação. Eles costumam discutir como os dois tipos de cérebros analisam informação resultando na construção de hipóteses a partir de todos os dados revisados. Eles tentam principalmente compreender melhor as ações humanas e as ações biologicamente controladas em geral. Uma parte importante de suas conversas é sobre manipulação. O assunto é algo que evidentemente preocupa todos os ignarometristas: a manipulação é uma consequência de um fenómeno cultural ou é um facto cultural em si? Há fortes evidências de que levar outras mentes a adoptar uma ideia inicialmente diferente da sua é diretamente proporcional com manter essas mesmas mentes cientificamente ignorantes. Mas será isso em si uma evolução cultural? Será a mudança da tomada de decisão em grupo para um governo por representantes e deste para um governo autocrático uma evolução cultural? Ou é apenas uma consequência da evolução estagnada como resultado da

interação de cérebros biológicos e outros controlados electronicamente? Alberto suspeita de um paradoxo informativo quando se trata de cérebros electrónicos. Os cérebros electrónicos com auto-aprendizagem obtêm as suas informações de todas as fontes possíveis e o seu acesso aos dados armazenados ou recuperados não é motivado emocionalmente. Não é o caso dos cérebros biológicos com auto-aprendizagem. A interação entre cérebros electrónicos decorre principalmente de vias de comunicação abertas. O fluxo de informação pode ser interrompido por obstáculos, mas esses obstáculos não são de natureza emocional ou sentimental. Com cérebros biológicos, tais obstáculos emocionais ou sentimentais podem surgir mesmo sem haver impedimentos físicos à abertura dos canais de comunicação. Além disso, toda a informação mais básica e mais profunda dos cérebros electrónicos foi sempre disponibilizada por cérebros biológicos. E esse talvez seja o paradoxo. Quando Inês pede para desenvolver o assunto, Alberto usa como exemplo o projeto que juntou a sua equipa com a equipa de Steven Bird há muitos anos. Eles então queriam tornar o mecanismo de condução das naves espaciais mais seguro tanto para viagens locais como interplanetárias. Rapidamente chegaram à conclusão de que, tal como acontece com a aeronáutica terrestre, a medida de segurança definitiva é a transferência completa do controlo para o piloto humano. E mesmo assim esse piloto pode conscientemente realizar uma ação errada que ponha em perigo a aeronave e os seus passageiros ou a sua carga. Mas… enquanto um cérebro electrónico realiza ações numa grave emergência que com base

em todas as informações disponíveis terão consequências menos prejudiciais, um cérebro biológico pode, em alguns casos, ser mais criativo quando pensa lateralmente. Operações dessa natureza podem então ser inseridas em bancos de dados, o que dá aos cérebros eletrónicos a oportunidade de aprender a tomar uma decisão à primeira vista ilógica. É possível garantir que os cérebros electrónicos filtrem conscientemente as informações incorretas? Não poderá em algum momento um cérebro eletrónico baseando-se na análise de informações apenas colocar a nave em perigo? Nesse momento, não é melhor falar de paradoxo e não de erro consciente?

Inês vê surgir novamente a questão filosófica de saber se é possível falar de consciência em cérebros eletrónicos e, em caso afirmativo, se então existem ações conscientes com a intenção de causar danos. Um cérebro electrónico pode ser capaz de assumir um risco bem ponderado, mas apenas porque tem informação de que tal risco tem maiores probabilidades de sucesso do que uma operação de rotina, por exemplo, numa situação de crise. Será então o efeito adverso causado por informações manipuladas por um cérebro biológico ou pela análise do cérebro electrónico?

Alberto sorri e diz: "Então, na tua opinião, não existe equivalente electrónico para as tendências maquiavélicas presentes nos cérebros biológicos. Isso é algo para discutires com minha cunhada. Como já deves saber, ela ocupou-se mais da comunicação do que Catherine, no contexto da pesquisa ignarométrica."

Sergio recebe mais tarde um resumo desta e de outras conversas

entre Inês e Alberto e nota, entre risos como o seu cérebro biológico é capaz de esboçar um cenário em que o amor de alguém passa do neto para o avô.

A guerra de almofadas subsequente termina com uma agradável refeição em família. Durante a refeição, Inês volta a falar da evolução cultural. Catherine pega novamente nas quatro utopias sociais que traçou um dia com a irmã. De acordo com Catherine não são mais do que quatro cenários possíveis para evolução cultural. Alberto vê as quatro utopias como quatro caminhos abertos e não há por enquanto um caminho específico do qual se tenha desviado. Naturalmente, a evolução cultural do ser humano desenvolve-se mais rapidamente do que a evolução biológica em geral. Uma resposta acerca da habilidade ou não de um ecossistema pode surgir mais rapidamente do que uma adaptação biológica. Até agora, não temos um equivalente na evolução cultural que seja tão dramático como foi o surgimento do oxigénio na evolução biológica inicial causado pela própria atividade dos seres vivos. Outros momentos nos quais a existência da vida biológica foi ameaçada tiveram mais a ver com factores externos. A extinção dos dinossauros sem referir à evolução das aves, não é uma crise biológica causada pelos próprios dinossauros. Talvez a evolução biológica muito recente *Neanderthalis* e *Sapiens* como espécies coexistentes intimamente relacionadas do género *Homo* em direção a *Sapiens Sapiens* com herança genética neanderthal incorporada é aquele tipo de crise biológica causada pela espécie *Sapiens* e *Neanderthalis* eles mesmos. Mas talvez não. Talvez fatores externos tenham determinado o destino de *Neanderthalis* como espécie, fazendo

sobreviver geneticamente *Sapiens* com um nadinho de *Neanderthalis* como a única subespécie *Sapiens Sapiens*.
Atualmente *Sapiens Sapiens* parece estar a determinar culturalmente um dos quatro caminhos possíveis. Por enquanto, existem indicações claras para o lado direito do modelo ignarométrico. Cultivam-se sentimentos de medo, a ignorância é omnipresente, os líderes populistas tomam decisões no seu próprio interesse. A organização social deixa grande parte da população entregue à sua sorte, com ou sem liderança autoritária. Nas megapoleis e nos complexos, muitas pessoas vivem em grupos fechados. Tudo isto está em consonância com o modelo de uma evolução para sociedades totalitárias no início de ciclo. Depois de ouvir esta análise do seu pai, Greta observa que o futuro da utopia pluralista cooperativa aparentemente depende de uma certa incorporação genética de vontade de pensamento crítico na genética originando a ignorância geral.
"Portanto, deveríamos lançar um apelo na *Hortública* do estilo *ide e multiplicai-vos,*" brinca Sérgio.
Todos riem e Inês acrescenta: "Desde que tu penses bem para onde irás e onde te multiplicarás, Sergio Mestre!"

Até ao final de 2068, os Governos Centrais de todos os continentes tomam providências para em todo o mundo manter os proprietários de dinheiro separados daqueles que estão apenas a tentar sobreviver. A fronteira está algures no meio do valor pessoal número 2 da Bloomberg. De acordo com sociólogos manipuladores, há mais interesse em colocar essa linha separadora no meio do grupo de valor do que na linha a separar o valor 2 de 3 por exemplo. Dá aos ignorantes mais

pobres a ideia de que a mobilidade financeira ainda é possível. Essa retórica é frequentemente ouvida para dar uma certa legitimidade a regimes autoritários e autocráticos. Hoje as transações financeiras só existem electronicamente. As moedas e o papel-moeda desapareceram completamente. Nos últimos anos, na maioria das megapoleis, os cartões de cidadão e os cartões de transacções financeiras são gradualmente substituídos por um chip de identificação. Desde o início deste ano o implante é obrigatório em cada recém-nascido no primeiro dia de vida. No ano passado, todas as crianças e jovens puderam obter o chip gratuitamente por simples pedido. A partir do próximo ano, a implantação se tornará obrigatória em todos os adultos assim que expirar o prazo de validade de qualquer dos dois cartões. Os *polissinos* com mais de sessenta e cinco anos deverão optar entre pagar um novo cartão único na data de expiração de um dos cartões, que continuará válido até ao fim da vida, ou mudar gratuitamente para o chip. Nos próximos anos, as Autoridades Centrais pretendem substituir identificação pessoal completa por chip. Cada polissino em qualquer lugar do mundo já está incluído num imenso banco de dados. A informação pessoal de toda pessoa viva contém todas as informações administrativas, registros médicos completos, vistos de saúde, estudos e carreira e uma análise financeira pormenorizada caso houver posse de dinheiro. Todos os serviços e pontos de venda possuem dispositivos programados para obter os dados necessários para o serviço solicitado ou produto a adquirir no momento da leitura do chip ou cartão pessoal.

Desde que o dinheiro foi inventado, tê-lo determina se alguém

faz parte da população consumidora ou apenas pertence à população sobrevivente. Hoje, a mudança na capacidade de consumir é a única medida de mobilidade social. Os recursos financeiros disponíveis determinam o grau de polissania em qualquer megapolis.

Existem duas categorias entre os não proprietários.

Por um lado, os deambulantes da polis vivem nas ruas ou nas favelas mais pobres dos distritos periféricos. A maioria das congregações religiosas mantêm instituições de caridade nesses distritos. Alguns deambulantes costumam ter uma rota fixa para recolher restos de comida. Pequenos repositórios públicos estão disponíveis na maioria dos distritos para habitantes com valor Bloomberg 4 a 7. Alí qualquer pessoa pode deixar excedentes. Um sistema automático encaminha os alimentos recolhidos para pontos de entrega periféricos onde os deambulantes podem obtê-los por um valor simbólico ou gratuitamente dependendo das informações fornecidas através do chip.

Por outro lado, continuam a viver comunidades de não proprietários fora das megapoleis. Eles são completamente entregues a si mesmo. De modo geral os pequenos grupos vivem daquilo que cultivam para uso próprio. O trabalho manual é muito valorizado e a mútua prestação de serviços tornou-se habitual. Todos os grupos acolham deambulantes solitários. Geralmente, trata-se de detentores de baixo valor Bloomberg tendo-se afastado da megapolis a pé rumo áreas rurais. Ocasionalmente Não-Ignorantes de valor 4 ou mesmo Sabedores de valor 5 juntam-se a determinados grupos rurais. São pessoas que se sentiram sufocadas no distrito onde

moravam. Com um visto sanitário válido, eles utilizam o transporte colectivo para viajar até um distrito periférico da megapolis. À chegada há quem transfere o seu saldo electrónico para uma conta duma instituição de solidariedade. Outros convertem o saldo em bens eventualmente num meio de transporte pessoal. Com uma bicicleta de carga, uma bicicleta elétrica ou uma scooter com atrelado, eles saem da megapolis por atalhos pouco utilizados em busca de alguma comunidade fronteiriça. As autoridades sabem naturalmente deste tipo de desaparecimentos. Mas como nas décadas anteriores, ninguém impede os fugitivos. As autoridades locais preferem a saída desses não-ignorantes. Os controladores de fronteira prestam mais atenção a quem quer entrar numa megapolis. Assim, os atalhos conhecidos são vigiados à entrada, não à saída.

A comunidade da *Hortública* está obviamente bastante preocupada. O apertado controlo dentro dos limites de qualquer megapolis dá aos governadores uma imagem bastante precisa de quanto um indivíduo gasta e que bens e serviços adquire. Tornou-se ainda mais fácil rastrear as viagens. O pagamento por serviços de telecomunicação fornece indicações claras do tempo passado na realidade aumentada em diferentes plataformas. Por outras palavras, longas conversas entre avatares são passíveis de serem reconhecidas como conversas entre críticos, especialmente porque esses críticos já estão a ser monitorizados de outras formas. Alguns habilidosos de redes informáticas da comunidade da *Hortública* pensam em criar um sistema de mensagens totalmente independente. Isto significaria que as universidades interessadas terão de desenvolver a sua própria rede para o pessoal

universitário. Mas, na verdade, tal rede requer o uso de satélites. As universidades teriam de alugar partes de infra-estruturas existentes ou colocar em órbita satélites novos. De acordo com Steven Bird e os seus colegas mais jovens, é tecnicamente possível lançar clandestinamente pequenos satélites de comunicações electronicamente escondidos entre outros dispositivos. Quando um pouco incrédula a Greta ouve as propostas do velho amigo da mãe dela, o pai afirma não serem apenas os pilotos espaciais a pensar numa rede clandestina. Atividades clandestinas vão surgindo gradualmente em diversos lugares entre grupos de intelectuais e técnicos altamente especializados.

Enquanto tal sistema de comunicação privada totalmente blindado não estiver disponível, a maioria dos membros da *Hortública* opta por viajar e se encontrar por meio de novos avatares graças à constante melhoria da realidade aumentada. Aproveitando-se do novo jogo online extremamente popular *The White Whole* numa das principais plataformas oferecendo a possibilidade de criar um mundo virtual, eles formam uma espécie de novos *Illuminati*. Eles apresentam-se como *Os jogadores Whireless*. Programadores da *Hortública* criaram no *White Whole* o submundo *Acesso ao Reino Branco (the WHIte REaLm AccESS ou Whireless)* como ponto de encontro mais protegido. E o nome *Whireless Players* parece bastante inocente como um nome coletivo.

De repente o número de membros da *Hortública* aumenta. A estratégia *ide e multiplicai-vos* do Sergio nem foi necessária. Curiosamente, o gatilho foi uma medida financeira. Hoje em dia nove em cada dez pagamentos sem contacto é feito aproximando

o pulso com chip de um dispositivo receptor electrónico. Os pagamentos falsificados tornem-se assim quase impossíveis mas a verificação de dois factores continua a ser exigida para transacções maiores. Uma impressão digital é então necessária. O registo de impressões digitais está incluído no sistema para cada adulto a quem foi implantado um chip. As impressões digitais dos jovens são recolhidas assim que abrem uma aplicação financeira independente dos pais. Agora foi anunciado a introdução do reconhecimento por leitura do íris. Oficialmente esta nova medida é necessária para segurar uma transação de quantia muito elevada. Mas, de acordo com muitos críticos, há mais em jogo. O reconhecimento por leitura do íris é um novo símbolo de status ao qual apenas uma parte limitada da população terá acesso um pouco como era com os cartões de crédito ouro e platina do século passado. O número total de detentores de tal reconhecimento de íris estará sempre limitado a 10% da população de uma megapolis. Torna-se logo claro que uma identificação selecta por este reconhecimento abre as portas para outras exclusividades. Ja se fala da obrigatoriedade de reconhecimento de íris para determinados procedimentos cirúrgicos, para a inscrição em determinados estudos altamente qualificados, para viagens exclusivas e a lista não para de crescer.
Devido à sua arrogância desenfreada, o topo autocrático e rico desta vez cometeu um erro. Assumiu a ignorância tão generalizada e acreditou não dever temer qualquer resistência, observa Catherine. O mesmo topo também convenceu-se que os Sabedores os seguem sem restrições devido aos privilégios que mesmo assim são consideráveis. Durante muito tempo a elite de

topo teve a sensação de viver uma espécie de reedição do Antigo Regime. Catherine cita alguns escritos de François de La Mothe Le Vayer. No entanto, os investigadores e cientistas de hoje estão menos dispostos a imitar a elite *Bloomcamp* em comparação com os filósofos do tempo da corte dos príncipes absolutos.

Esta controversa introdução do reconhecimento de íris não deixa de ser um exemplo de como a elite continua a promover o valor simbólico e a propriedade do dinheiro. Quer-se claramente diferenciar ainda dos pobres. De facto, para uma pequena parte da população enriquecer mais, uma grande parte da população deve continuar a empobrecer. Ouro e bitcoins são os únicos garantes do valor do dinheiro expresso em números em registros electrónicos. Ambos têm limites, há muito ultrapassados, de resto. A natureza determina a quantidade de ouro existente no planeta, os sistemas criados por informáticos determinam a existência total de bitcoins. Logo, alguém só pode possuir mais se outro alguém começar a possuir menos. Os *Bloomcampers,* como Steven chama os moradores de *Bloomcamp*, sabem-no e por isso recorrem aos seus fantoches nas Autoridades Centrais e Locais. Eles, por sua vez procuram aproveitam-se daqueles Sabedores pelos quais afirmam terem sentimentos de simpatia. Mas é precisamente entre esses Sabedores que hoje floresce uma contracultura, dando origem a uma resistência subterrânea. Algumas autoridades locais suspeitam actos sediciosos. Mas de modo geral a elite está em paz: acredita manipular com bastante facilidade as massas ignorantes nas megapolis e controlar o suficiente as zonas fronteiriças para impedir a entrada de não ignorantes nas megapoleis sem serem notadas. As técnicas de manipulação

completam-se com ataques virais a uma população enfraquecida. Muitos organismos causadores de doenças são cada vez mais resistentes à medicação e à vacinação. Decide-se distrito por distrito onde intervir, favorecendo os distritos mais pacíficos.

Algumas autoridades locais aproveitam a localização geográfica para reforçar o isolamento da sua área de governo. A família e os amigos próximos das irmãs Demeester, incluindo Catherine ainda em Megaludein, tiveram conhecimento da aproximação da proibição definitiva de viagens físicas entre o continente e as Ilhas Britânicas. A partir de meados de 2070, diz-se, mesmo os Sabedores só poderão viajar electronicamente de e para o arquipélago e fisicamente só entre distritos. O movimento físico fora do seu próprio distrito será proibido para todo o resto da população. A grande maioria dessa população já não tem meios ou conhecimentos para se conectar através de avatares em áreas fechadas ou protegidas, como a *Hortública* ou o *Whireless Players*. E a inteligência electrónica cada vez mais eficiente torna cada vez mais difícil esconder essas áreas.

Segundo Inês, a matriz ignarométrica está pronto para uma nova atualização. Ela aborda a ideia com Greta, que por sua vez sugere à mãe de preparar uma atualização com a tia Joana. Segundo ela, hoje é o momento certo para solicitar o visto de saída em direção a Megalissipo. Há já uma espécie de política de limpeza disfarçada em curso em Megaludein. Qualquer pessoa que tenha parentes a viver fora desta megapolis é incentivada a deixar a área. Tem garantido o visto de saúde quando assim faz. Também é o caso para todos aqueles que não nasceram nas Ilhas Britânicas. Em nenhum lugar disse-se se uma vez deixado as ilhas

se poderá alguma vez voltar. No início de 2069, aconselhados por todos os colegas, o staff completo de *Ignarysis* ainda em Megaludein decide alienar todos os seus bens para se instalar na Península Ibérica, parte em Megalissipo, parte em Megabarça. Pouco depois dessa migração, Sergio Mestre e Inês Legendre casam em Megalissipo. Eles passar algumas semanas em lua de mel em Megabarça para onde regressaram Gabriel e Bianca.

Durante a sua estadia em Megabarça, o jovem casal conhece em casa dos amigos uma pessoa fascinante que, segundo Inês, quase de certeza tem actividade clandestina. Ele fala do labirinto de livros com o nome de *Cemitério de livros esquecidos*. Hoje este cemitério é gerido pelo Señor Zafónis. O homem é um ávido e entusiasta colecionador de tudo o que já foi escrito e hoje raramente é lido por alguém. A parte visível do seu comércio consiste numa das poucas lojas ainda existentes no distrito da *Sagrada Família* onde se pode obter objectos religiosos. Uma porta meio escondida na loja dá acesso a um enorme labirinto de corredores com infinitas estantes nas quais Zafónis tenta manter a ordem. O labirinto utiliza corredores e caves feitos por membros da resistência no século passado. Estende-se por vários quilómetros e liga entradas, geralmente em edifícios residenciais comuns ou em centros comerciais devolutos que foram convertidos em espaços de habitação colectiva. O amigo de Gabriel e Bianca fala de Zafónis com grande admiração e respeito. O homem decidiu preservar tanto conhecimento e literatura quanto possível. Ele formou também uma grande organização clandestina de voluntários. Histórias um tanto romantizadas acerca da organização circulam às vezes

na *Hortública*. Muitos não sabem bem se a organização é ou não é real. Zafónis naturalmente deixa as dúvidas existir. Inês e Sergio ficam surpreendidos ao saber que Gabriel e Bianca já fazem parte da organização há vários anos, retomando a sua actividade agora que voltaram a Megabarça. Eles estão especialmente entusiasmados porque o grupo consegue atrair muitos jovens ignorantes. Em troca do trabalho de manutenção nos corredores, estes recebem educação e apoio educacional gratuita, permitindo-lhes pouco a pouco de se especializar no conteúdo de uma determinada parte do labirinto. A Inês, em particular, está bastante impressionada.

Gradualmente, o sistema social de distritos transformou a ideologia nacionalista numa ideologia totalitária comunitária fechada. Há muito tempo que a oligarquia desvalorizou as fronteiras nacionais para glorificar a fronteira da megapolis. Fronteiras assim significariam realmente segurança e saúde para a população. A ideologia instala-se nas partes do planeta onde vive a população ainda com dinheiro. Essa ideologia comunitária tacanha ganha ainda mais espaço depois do fim generalizado da educação presencial e das escolas onde a discussão é possível. As bibliotecas são hoje os espaços de encontro e diálogo mais importantes, mesmo que são vigiadas de perto pelas Autoridades Locais. Como a maioria delas estão localizados em distritos onde ainda funcionam faculdades de universidade, faz-se centralmente tudo para dificultar o acesso daqueles que não vivem nos distritos com muitos intelectuais. Inês considera por isso o labirinto do *Cemitério de livros esquecidos* e a sua organização subjacente é uma iniciativa tão interessante. Mas há mais uma vez um

paradoxo. Ninguém pode escrever abertamente sobre a iniciativa, em *Ignarysis* por exemplo. Contudo, uma análise ignarométrica do fenómeno seria muito interessante. Mostraria como a utopia do pluralismo cooperativo não desapareceu, mas ao mesmo tempo chamaria demasiada a atenção para a iniciativa por parte dos leitores indesejados de *Ignarysis*. Talvez, diz ela a Sergio, devamos começar *Clandisarysis*. Sérgio ri. Segundo ele, não é necessário uma nova revista passar discretamente esse tipo de informação. Afinal, a informação passas de forma segura, como aconteceu agora com eles, graças ao contacto pessoal, mas também com outros, quando e onde ainda acontecem encontros de avatares bem protegidos.

Assim que regressa ao Megalissipo, Inês ontem uma confirmação do que Sérgio lhe disse rindo. Os dois jovens conversam com Greta e Alexandre N'Kondo acerca das suas experiências em Megabarça. Alexandre revela como a casa biblioteca Paulo Demeester foi abordada por companheiros de Zafónis há vários anos. Após uma série de conversas exploratórias, iniciaram uma comunidade de aprendizagem com a intenção de estabelecer uma rede semelhante de voluntários interessados em literatura e conhecimento armazenado em Megalissipo. Tais redes estão surgindo em outras Megapoleis, acrescenta Greta. Ninguém escreve abertamente sobre isso, é claro, mas pequenos grupos de trabalho de investigadores, como os da investigação ignométrica, são canais muito eficientes para a partilha de experiências.

A casa biblioteca continua a apresentar pequenas peças, principalmente escritas por Alexandre. Programa igualmente concertos de música de câmara de compositores dos últimos dois

séculos, criteriosamente escolhidos por Francisco. Ele tem hoje o hábito de apresentar as obras selecionadas com um pequeno prelúdio de sua própria autoria, com o qual faz uma introdução à obra selecionada. Joana está sempre muito satisfeita quando vê o interesse nos concertos de música de câmara. Não raras vezes é necessário acrescentar dias de representação para dar a todos os interessados a oportunidade de desfrutar desta música erudita moderna. Devido à sua deficiência auditiva ela não consegue vivenciar sozinha toda a riqueza das peças, mas Daniel e Francisco continuam a ajudá-la em compreender melhor a música. Alexandre envolve-se nisso. Muitas vezes consegue recriar uma performance com palavras escritas. Inês vê esta dupla abordagem para criar uma atmosfera, para pintar uma imagem, para contar uma história como exemplos maravilhosos de comunicação. Ao mesmo tempo ela passa a conhecer muito bem os primos e ex-companheiros brincadeira de Sérgio quando era criança. Ela iniciou com Manuel e Alexandra, que herdaram dos pais a paixão pela palavra escrita, a escrita de histórias infantis e juvenis.

Faz agora vinte anos desde que Greta e Alexandre vincularam um fundo à casa biblioteca Paulo Demeester. Originalmente, o fundo provinha do valor acrescentado obtido com a publicação dos trabalhos de Alexandre e Manuela e do investimento de doações vindo das comunidades de aprendizagem de Greta e Joana. O fundo cresceu bastante tornando-se um dos fundos editoriais mais populares entre os leitores de *Ignarysis*. Além da publicação de documentos tratados saídos da casa biblioteca de Paulo Demeester, surgiram imediatamente outras publicações

electrónicas na plataforma administrada pelo fundo.
Posteriormente decidiu-se financiar versões impressas em papel de algumas obras. Essas são vendidas a preço de custo na biblioteca, e podem ser obtidos por correio após encomenda. Porém, hoje em dia, no contexto da política de distritos, já não é tão fácil enviar correio de uma megapolis para outra. Os trabalhos científicos estão disponíveis apenas electronicamente. O smartphone continua a ser um objecto muito procurado, mesmo entre os Ignorantes mais pobres da população urbana, mas nem sempre é fácil consultar essas obras. O declínio na capacidade de leitura de muitos Ignorantes torna a leitura, especialmente de e-livros inteiros, uma tarefa árdua, quase impossível. Em cooperação com vários iniciadores privados da rede Zafónis, as famílias Mestre e N'Kondo lançam uma nova série consistindo em livros falados e dramatizados. Os documentos recebem o rótulo *Zafónis* para os distinguir dos muitos *docudramas* distribuídos por canais de redes populistas.
Greta e Alexandre propuseram agora usar a casa biblioteca Paulo Demeester para gravar o recontar parcialmente dramatizado de histórias infantis publicadas pela biblioteca. Eles procuram envolver pessoas interessadas para criar esse tipo de conteúdo.
Steven Bird coopera como consultor no contar e na escrita de histórias infantis falando da exploração espacial. Uma história fala da vida numa base lunar, outra da primeira colónia viável em Marte. Além disso e graças à sua rede com outros pilotos espaciais, ele junta informações suficientes em como os oligarcas autocráticos utilizam as viagens às luas Ganímedes e Europa para banir os críticos mais difíceis. Ele mantém contato regular com a

Fundação/comunidade James Hogan desde da década de 2050. Essa comunidade acompanha o trabalho científico de Victor Hunt e Chris Danchecker. Hoje ninguém sabe exactamente onde moram os dois homens. Segundo alguns, eles nunca saíram de Ganímedes, segundo outros, voltaram à Terra passando uma breve estadia na base lunar e vivem numa comunidade rural. Assim como em outras ocasiões, Greta e Alexandre desconfiam que Steven sabe mais mas não o quer revelar. Aparentemente existe algum tipo de acordo entre os amigos e admiradores dos dois cientistas para se manter deliberadamente vagos. Essa atitude os deveria proteger de possíveis futuras perseguições ou mesmo sequestro. Afinal, é quase certo eles terem tido contacto com uma inteligência extraterrestre. Não ficou claro se foi uma forma de inteligência biológica ou electrónica. O pai espiritual deles falava abertamente sobre esses encontros. Fê-lo numa altura em que a ascensão da aprendizagem humana parecia imparável e a democracia parecia evoluir rumo ao pluralismo cooperativo. Hoje tudo é diferente. Os detentores dos números de valor Bloomberg mais elevados estão sobretudo interessados no que ambos poderão saber sobre formas de viagens muito mais avançadas de avatares. Além disso, eles também teriam informações acerca de técnicas de propulsão muito avançadas fazendo dos comboios de levitação magnética e dos motores de iões e fotões quase técnicas do passado. No entanto, existe uma história de aventura para jovens, recomendada a todos os não totalmente ignorantes que ainda se encontram em comunidades de aprendizagem subscrevendo a *Carta do Aprendente*.

No verão de 2070, Greta, Alexandre e Francisco estão juntos

com os filhos no jardim da casa biblioteca Paulo Demeester. Sérgio e Inês dividem a atenção entre a conversa dos adultos e as suas filhas gémeas de quase seis meses. Elas acabam de acordar. Estão numa manta à sombra de uma oliveira e fazem todo o tipo de barulhos enquanto mexem com braços e pernas para rolarem e se aproximar uma da outra.

"Estamos muito felizes vocês todos terem decididos de deixar Megaludein para se instalar aqui", começa Alexandre. "Acho especialmente bom para a mãe e a tia Catherine. É bom vê-las juntas novamente."

"Podemos esperar uma nova versão do quadro ignarométrico muito em breve, tenho quase a certeza", observa Manuela. "Joana deixou cair alguma coisa acerca disso. Aparentemente elas têm conversas entusiasmadas às vezes até altas horas da noite."

"Sim", confirma Amy Matisse, a companheira de Francisco. "Recentemente ouvi Daniel a falar com Alberto. Parece, disse ele, estarem de volta à década de 2020, quando as irmãs trabalharam na primeira versão publicada da matriz."

"O pai até teve outra notícia", diz Greta. "A universidade de Megabelgium e a unidade de estudos superiores de Megabarça contactaram-no há algum tempo para informar que ambas as instituições estavam a considerar conceder um Honoris Causa à mãe e à tia Joana. A iniciativa é de Abigail Blum, lembras-te Sergio?"

Sergio surpreende-se. "Abigail, quem conhecemos quando Londres ainda existia e ainda viajávamos com bastante facilidade? Ela também deixou Megaludein?"

“Ela contou ao teu avô ter regressado a Megabelgium alguns anos antes de nos mudarmos para cá. Ela teve a oportunidade de escolher a sua própria equipa no *Instituto de Doenças Endémicas Sociais*. Ela foi um pouco vaga na sua explicação, mas o pai entendeu claramente que a sua equipa trabalhava de duas formas distintas. Fazem a investigação oficial e paga sobre Doenças Endémicas Sociais para a elite Bloomberg. Isto diz principalmente respeito às medidas de segurança a adotar à volta dos condomínios *Bloomcamp* contra possíveis ataques de Ignorantes mal manipulados. Mas a equipa realiza muito trabalho não oficial em distritos em crise de diferentes megapoleis. Lá procuram envolver Novos Ignorantes em comunidades de aprendizagem subscrevendo a *Carta do Aprendente*.”

Inês faz um sorriso um pouco triste. “Já vamos longe. Hoje só nos sentimos confortáveis ao ficarmos vagos nas conversas à distância. Estamos gradualmente a desenvolver novamente uma comunicação ambígua para nossa própria segurança.”

“Novamente?” pergunta Alexandra.

“Sim, há muitos momentos na história durante os quais a comunicação fora deliberadamente ambígua. Aqui, na atual Península Ibérica, foi utilizado em larga escala desde o início do século passado até cerca de cem anos atrás nos então estados de Portugal e Espanha, por causa das ditaduras locais.”

Francisco diz com ar pensativo: “O avô Paulo referia-o às vezes não se lembram? Se a memória não me engana, a avó Maria que nunca conhecemos Greta, viveu sob um regime assim quando ela era criança.”

Sergio observa então: “E cem anos mais tarde, depois ter havido passos em direção à melhoria em direção à democracia, voltamos pelos vistos à estaca zero. As nossas filhas nasceram sob uma ditadura moderna?”
Manuela olha-lhe e diz: “Aparentemente estás a falar a sério. E verdade seja dita, é uma loucura. Ia já te responder que não, mas talvez tens razão. Como explicar essa sociedade na qual as vossas filhas e os meus netos estão a entrar? Não ne se fala de presos políticos, mas no geral… em quase todo o continente – e aparentemente também noutros – a grande maioria da população vive em distritos dos quais não saem. Escolas e locais de reunião públicos permanecem fechados, oficialmente para controlar epidemias. A elite entrincheirou-se nos seus inexpugnáveis condomínios *Bloomcamp*. Já quase ninguém viaja. Cada um de nós sabe como é difícil lutar contra a ignorância e a muitas vezes agressiva manipulação populista... sim, talvez dá para falar de uma nova ditadura.”
Greta então diz: “Mas conseguimos converter esta casa na qual estamos neste momento. Continua a ser um centro de documentação acessível ao público. E conseguimos vincular-lhe um fundo editorial não insignificante, se me permitem dizê-lo.”
Alexandre olha para a sobrinha: “Conseguimos. Mas sejamos realistas. O público fisicamente presente provém principalmente do nosso próprio distrito. Pois bem, temos muitos visitantes graças à realidade aumentada. O nosso fundo editorial é provavelmente útil para comunidades de aprendizagem. E com a nossa cooperação dentro da rede Zafónis, as nossas contribuições são mais fáceis de encontrar. Mas não podes

ignorar o resto. Resumindo há uma tendência crescente contra a cultura do livro. Investigações sérias são tornadas suspeitas, não apenas pela elite governante, mas também pela população manipulada das megapoleis. E no fundo, no fundo sabemos pouco da realidade nas áreas rurais."

"O meu querido e sombrio irmão pode ter razão nesse ponto", diz Francisco. "Não se pode ignorar o facto de como os lobbies financeiros propagam com sucesso a sua Contra-Reforma em relação à partilha universal de todo o conhecimento e ciência."

Alexandre continua: "Verdade. Eles têm um controle cada vez maior sobre os seus governos fantoches. Por sua vez, veiculam notícias através de uma rede de informação dependendo inteiramente de financiamento privado. Formadores de opinião cuidadosamente escolhidos e atentos manipulam habilmente a população recorrendo à intimidação, desinformação e mistificação. Os mais ricos sabem muito bem como a sua absoluta hegemonia se baseia no peso da dívida e no empobrecimento do resto da população."

"Sim companheiro," diz Greta, "por mais que eu quisesse te contradizer, essa é a realidade hoje. Muitos analistas, incluindo a minha mãe e a tua, previram há muito a redução esmagadora da classe média. Os ricos estão a ficar ainda mais ricos e os pobres ainda mais pobres quando me parecia já termos atingido o limite. E, Manuela, a política de alojamento da população mais pobre em determinados distritos dos grandes centros urbanos, aliada ao medo constante sentido pelos mais privilegiados, resulta claramente na guetização e, por assim dizer, em campos de concentração. Em todos os continentes,

grandes aglomerações adjacentes foram transformadas em megapoleis. Nalgumas entre elas, a agressividade latente transforma-se em constante guerrilha urbana. Hoje os governos até tentam ocultar os acontecimentos em outros megapoleis. Basta ver como o Governo Central Europeu controla as informações oficiais e o conteúdo a circular nas plataformas de comunicação acerca de toda a antiga região americana de Nova York e Boston, hoje conhecida como *Megapple*. Através da *Hortública* estamos cientes de formas de agressividade sangrentas sem precedentes para toda aquela área."

Sergio diz: "Parece haver uma reviravolta completa nas reportagens em canais de notícias populares. Até há algumas décadas, os relatos de violência urbana eram muitas vezes exagerados para popularizar medidas opressivas. Hoje algumas destas medidas opressivas são menos eficazes e o governo prefere manter a violência urbana fora da memória colectiva, para limitar o contágio de uma megapolis para outra. Um bom estudo para o *Instituto de Doenças Endémicas Sociais*…"

Depois olha para as filhas bebé e observa: "Viram? A Joana virou-se e está a olhar para a Fernanda."

"Oh," exclama a Inês com ternura. "Elas realmente se olham, vejam, elas trabalham a sua irmandade!"

Nisso as duas meninas fazem pequenos sons ao mesmo tempo e toda a assistência ri. Depois, Greta pergunta: "Tens notícias do Paulo, Amy? Como está a Alberta?

"Ela é uma menina muito divertida. Já tem cinco anos! Francisco e eu preferiríamos claro que Paulo e o Pedro também viessem para cá, mas pronto… Compreendemos obviamente a

razão pela qual se instalaram em Megandaluslgarb enquanto investigadores marítimos. Com o casamento deles, Alberta passou a ser legalmente a filha dos dois. Eles mantêm contacto regular com mãe de gestação da Alberta. Ela própria tem dois filhos com o marido. Comemoram todos os aniversários juntos. E Alberta mostra ter todas as características dos N'Kondo."

"Não acompanhei de muito perto o namoro deles na época. Eu estava ocupado com outro jovem casal apaixonado…"

Sergio dá-lhe um empurrão brincalhão e Inês pergunta: "Fomos assim tão difíceis?"

Greta apenas levanta bem alto uma sobrancelha e continua "… mas pelo que ouvi, Paulo e Pedro tiveram sorte em encontrar aquela amiga para fazer a gestação substituta!"

"Sim," concorda Amy. "Ela é colega de Paulo e sempre se deram muito bem. Certa vez, Paulo disse-lhe como ele e Pedro gostariam muito de ter uma criança. Preferiam não adotar, mas achavam importante a criança relacionar as suas origens biológicas com as circunstâncias familiares da maneira mais natural possível. Resolveram o assunto quase imediatamente. Os dois casais tiveram uma longa e séria conversa. Com isso, a colega de Paulo fez a gestação substituta do seu bebé após inseminação artificial. Como disse, a menina é legalmente adoptada pelo Pedro. E sabemos como ambas as famílias têm um vínculo muito próximo. Não há muito tempo, Alberta referiu-me que tem dois pais, mas vem do ventre da mãe da sua melhor amiga. E ela disse-me isso com muito orgulho e alegria."

"E por que o nome Alberta?" Greta pergunta.

"A explicação não é muito clara", ri Amy. "Às vezes falam de

Alberta Mayne, atriz e ativista social da geração dos nossos pais. Mas também dizem ter escolhido o nome porque é um nome popular na comunidade negra e mestiça e portanto uma espécie de afirmação das raízes N'Kondo. Eu por mim, acho que eles simplesmente gostaram do nome."

Sergio olha para Inês e depois para a mãe. "Escolher nomes não é fácil. Enquanto pai definimos parcialmente outra pessoa. Quando nasceram as nossas gémeas, combinámos uma das meninas ser a Joana. A mãe fala tantas vezes da tia Joana e o nome surgiu naturalmente."

"E Fernanda," pergunta Amy.

Inês apoia a cabeça no ombro de Sergio e diz: "O menino querido aqui fez uma conversa tão bonita que me foi difícil mim dizer não. Ele contou-me pensar em Fernand Oury, um dos fundadores da Pedagogia Institucional. Perguntei imediatamente o que isso tinha a ver connosco e com a nossa filha. Ele respondeu-me mais ou menos: 'Lembrei-me porque os nossos pais estavam a falar de um século de pedagogia institucional naquela noite na então Barcelona, quando fomos juntos ouvir música no terraço dos teus pais, no momento em que me apaixonei profundamente por ti. Então tive a visão de um filho juntos e pensei Fernand ser um nome apropriado. E agora com as gémeas, adoro a ideia de uma das meninas receber o nome de Joana, em homenagem à minha tia-avó, mas por que não chamar a outra de Fernanda? Assim formam uma espécie de aliança entre a sociologia ignométrica e a comunidade de aprendizagem cooperativa. Não achas uma boa ideia?' E sim..."

Inês desata a rir. "Que diabo podia eu dizer contra isso?"

Todo mundo ri. Em seguida, Alexandre comenta: “Se me permitem, desenvolvo a tua visão de futuro, Sergio. Os activistas evoluem e assim esta aliança continuará a se desenvolver. A tendência para encerrar todos os edifícios escolares continua em todas as megapoleis. Na Europa, o Governo Central recomendou mais uma vez a redução do pacote de instrução obrigatório para crianças através do ensino à distância. Leitura, escrita funcional e aritmética. Sem geografia, sem história. A obrigatoriedade de instrução geral termina quando as crianças atingem 12 anos. Haverá formação profissional apenas para as atividades exigindo trabalho humano. É mais um passo em direção a uma população ainda mais ignorante. Os Sabedores são deixados por conta própria se entenderem querer educar os seus filhos. Se isso não for educação de castas, então não sei! As escolas superiores servirão apenas a um Círculo Interno. E quem tiver o poder oculto recupere talvez o controle total sobre a ciência.

Infelizmente, há muitos exemplos na história do século passado em como aqueles no poder usam os cientistas para os seus próprios interesses e afastam quem expressa comentários críticos. Temo vislumbrar as vossas gémeas a ter uma vida escondida algures pelo final deste século se levarem a sério a sua aliança crítica. E serão acompanhadas por muita gente da geração delas e da Alberta.”

A biblioteca resistente (2071-2082)

Em setembro de 2071 logo no início do ano letivo, Joana e Catherine Demeester recebem um doutoramento honorário da universidade da Megabelgium e unidade de estudos superiores de Megabarça. A cerimónia faz-se remotamente facilitando a participação anónima. Ambas as instituições contrataram os seus melhores especialistas em tecnologia informática para proteger a reunião de qualquer forma de spyware. Eles optam por pontos de acesso raramente usados e senhas muito específicas para usar uma única vez. Estes foram distribuídas pessoalmente aos convidados com meses de antecedência. Os vários movimentos clandestinos desempenharam um papel importante nisso. Como efeito colateral, todos esses movimentos estão agora interligados. Os entendidos e participantes referem-se a esta rede global como sendo a *GNet-Z* que inclui todas as redes locais *Zafónis*.

Todas as equipas de *Ignarysis* registraram os seus avatares para a cerimónia. Naturalmente, estão presentes as comunidades de aprendizagem integradas na rede *Zafónis* de Megalissipo. Abigail Blum, Catherine e Joana aparecem sob a sua própria identidade no espaço disponibilizado pela *Hortública*. Tanto Abigail quanto Joana lamentam a Ester Langlauf não estar mais entre elas para participar no momento. Ela morreu em maio. Catherine e Alberto estão muito tristes com o desaparecimento de Steven Bird. Catherine e Joana pediram a Abigail para se referir Ester e Steven durante o discurso de elogio. Abigail conta como conheceu Ester enquanto jovem doutoranda a procura de

ideias de tese. Ester apresentou-lhe o trabalho das irmãs Demeester e a *Carta do Aprendente*. De seguida dirige-se a todos os ativistas que continuam a desenvolver freneticamente, em todas as megapoleis, esforços para envolver os Novos Ignorantes e os seus filhos em comunidades de aprendizagem abrindo a mente para o pensamento crítico, apesar dos governos cada vez mais autocráticos e arrogantes. Ela também refere o importante papel desempenhado pelas bibliotecas privadas. Esses locais substituem as antigas escolas. São a base para lançar qualquer projeto educativo dialogado. Ao falar de Steven lembre que foi quem cunhou a palavra *Bloomcampers*. Ela conta como ele trabalhou nos últimos anos na realização de um dos sonhos das redes hoje unindo forças e formando a *GNet-Z*: uma conexão fechada e protegida por satélite na qual estão inseridas todas as comunidades rurais onde vivem intelectuais exilados. Abigail afirma ter informações para anunciar o arranque dessa conexão via satélite nos próximos anos.

Durante o discurso de agradecimento, Catarina destaca o sucesso de *Ignarysis*. A revista continua presente em todas as principais plataformas, apesar das tentativas regulares de fazê-la desaparecer, e continua a publicar análises sociais. Ela admite tratar-se de um sucesso relativo, considerando como cada vez menos pessoas conseguem ler artigos científicos. No entanto, ela espera que a revista continue a servir de alerta para todos os colegas atraídos pela elite Bloomberg. Joana destaca a enorme quantidade de informação a circular na comunidade *Ignarysis*. Ela descreve o trabalho de uma das comunidades de aprendizagem *Zafónis* utilizando essa informação. Durante os

últimos anos preparou uma nova atualização da matriz ignarométrica. Em seguida ela apresenta oficialmente essa versão atualizada, a *matriz 95/121* (ver anexo).

Depois da cerimónia Greta e Alexandre juntam-se. Vão preparar o calendário de atividades para 2072 na biblioteca Paulo Demeester. Ambos estão preocupados com as mensagens que lhes chegam, tanto oficialmente, na universidade onde Greta inicia um novo ano letivo, como oficiosamente através de *GNet-Z*. As Autoridades Locais confrontam-se com a dificuldade crescente de controlar grupos organizados de Ignorantes revoltados dos distritos pobres. Os protestos dirigem-se cada vez mais contra as próprias Autoridades Locais, autocráticas e arrogantes. Mas preocupa sobretudo a Greta e Alexandre estes protestos não se basearem em análises críticas resultado da participação numa comunidade de aprendizagem por exemplo. Muitas vezes são revoltas espontâneas e acríticas contra *O Inimigo* que mergulha as pessoas na pobreza. Muitas vezes o inimigo é simplesmente quem não é pobre. Os rebeldes atacam intelectuais e governantes da mesma forma. Os tumultos começam espontaneamente e tornam-se rapidamente muito violentos. Hoje em dia, há mortes com bastante frequência na maioria das megapoleis. As Autoridades Centrais e Locais temem uma espécie de generalização da situação conhecida em *Megapple*. Estão em curso trabalhos de reorganização nas grandes aglomerações. As fronteiras são reforçadas e todo movimento entre distritos está sujeito ao controle policial. Quem não têm nada a perder já não se preocupa tanto com um potencial perigo de vírus que possa existir no distrito ao lado. As

constantes reorganizações são consequência do crescente medo sentido pela nomenclatura que hoje detém 98% da riqueza total mundial. Este grupo de elite toma gradualmente consciência de ter originada uma situação explosiva cada vez mais difícil de controlar.

Em momentos como esse, até as Autoridades Centrais recorrem ao *Instituto de Doenças Endémicas Sociais*. A análise ignarométrica torna-se subitamente um instrumento valioso. De acordo com Catherine e Joana, os líderes arrogantes acham bastante interessante conseguir um lugar alto em arrogância e baixo em ignorância. Eles não se incomodam com os termos utilizados para identificar os tipos-ideais. Equipas de *Ignarysis* são contratados por cada vez mais autoridades locais para analisar certas comunidades ou complexos e propor conclusões. Mais sociólogos e economistas elaboram diferentes cenários em conjunto. Joana e Catherine recebem inúmeros convites. Isso dá-lhes a oportunidade de explicitar as linhas gerais da evolução nas sociedades.

A utopia nacionalista está gradualmente a transformar-se numa utopia totalitária na mente das pessoas, enquanto a utopia pluralista, ou, por assim dizer, a utopia empática, tende a desaparecer do pensamento colectivo. Deve-se sobretudo ao desaparecimento de todo tipo de educação em grupo presencial em que estudantes partilham uma sala de aula. A educação há muito recorre a programas puramente instrucionais. Nessas condições a educação em grupo, estando as crianças fisicamente presentes, é um factor de atenuação. O ensino a distância origina uma espécie de ruptura cultural. A ausência de contactos sociais

presenciais acarreta uma redução acentuada na partilha de conversas, nas fofocas de vizinhança, para muitos antropólogos e antropólogos aspectos fundamentais para o desenvolvimento de relações saudáveis entre indivíduos e grupos de indivíduos.
Ainda para mais os programas de ensino tornaram-se ao longo das últimas décadas antes endroutrinadores e menos coercivos encorajando assim gradualmente a aceitação de soluções totalitárias entre uma grande parte da população. O cultivo do medo é um factor importante.
Segundo as irmãs Demeester observa-se uma evolução nos tipos ideais na matriz desde a Revolução Francesa até hoje. O grupo de arrogantes ignorantes aumenta. Este grupo segue cegamente os arrogantes não-ignorantes. Em resultado, os próprios ignorantes passam a ser opressores dos ignorantes não-arrogantes. Eles continuam a fazê-lo até eventualmente ganhar consciência que são manipulados por arrogantes não-ignorantes. A percepção de serem utilizados leva tempo e resulta frequentemente do desenvolvimento dos próprios regimes totalitários. Às vezes, o gatilho é a perda de um pequeno privilégio, como não obter autorização para visitar outro distrito para um espectáculo, por exemplo. Alguns percebem mais tarde como a reclusão crescente decorre da concentração de riqueza e do consumismo nos números de valor Bloomberg 8+. Esses grupos protegem cada vez mais o seu estilo de vida opulento do resto da população sem deixar de se exibir entre si. A análise ignarométrica aponta claramente as linhas de decadência. O fim dos ciclos democráticos conduz muito mais facilmente ao totalitarismo do que ao cosmopolitismo pluralista. A arrogância

crescente é causa directa do declínio democrático. A combinação com a crescente ignorância em arrogantes governos-fantoche origina a autodestruição agressiva. A crescente ignorância entre os não-arrogantes reforça a tendência à autodestruição e muitas pessoas simplesmente renunciam. A evolução para situações fascistas é o resultado do relacionamento entre um pequeno grupo de tipos-ideais arrogantes e não-ignorantes e um enorme grupo de tipos-ideais ignorantes e não arrogantes. À medida que o grupo de pensadores críticos não-arrogantes e não-ignorantes diminui e os pequenos poderes arrogantes e ignorantes aumenta, o pluralismo evolui para tolerância e essa para intolerância.

Na altura em que receberam o *Honoris Causa*, as irmãs Demeester traçaram um retrato da sociedade mundial no final do século XX. Podia-se então sinalizar um grande grupo central de sociedades democráticas na sua fase inicial ou final e a um grupo relativamente pequeno de sociedades fascistas no canto superior esquerdo da matriz. Além disso, do lado esquerda havia modelos organizacionais utópicos de intelectuais, mesmo se vistos com suspeita pelos que estavam no poder. Um número bastante grande de Estados totalitários em desenvolvimento ocupava a metade direita da matriz. Depois de fazer uma revisão completa a tudo o que foi publicado em *Ignarysis* durante quase cinquenta anos, Sergio descreve uma regeneração um tanto optimista das democracias e das comunidades locais autónomas para o século XXI (hectoano 120).

Só muito mais tarde a Emmy Lehrman mostrará como bem pelo contrário aquele hectoano mergulhou a humanidade

directamente no hoje chamado *hectano-charneira 121* com resultado quase fatal para as sociedades humanas na primeira metade. Catherine e Liberty Auctor discutem-no em *A refundição do mundo*, o penúltimo livro da nossa saga.

Mas voltemos à segunda metade do século XXI. A análise solicitada pelas Autoridades Centrais em relação à crescente agitação social apesar de todas as medidas de endoutrinação e coerção leva a recomendações muito diferentes. Em termos gerais, os analistas distribuem-se por três linhas específicas de pensamento.

O grupo mais apreciado pelos Governos Centrais defende que a concentração da riqueza é essencial para manter o consumismo baseado no crédito. Segundo este grupo globalmente, o consumismo beneficia os pobres. Contudo para isso acontecer a parte maior da população pobre deve continuar a ter condições de crédito. As instituições financeiras centrais estão hoje demasiado relutantes para as conceder. Portanto, o trabalho filantrópico financeiro de proprietários de fundações com valor Bloomberg 9 a 11 deve ser mais bem explicitado. A activa política de apoio financeiro a pessoas pobres seleccionadas devem reter a maior atenção possível do público. Assim, as pessoas ignorantes e inquietas acreditem ainda estarem a participar no jogo económico. Logo, em vez de ver o absoluto topo financeiro como um inimigo, eles passam a vê-lo como necessário para o seu próprio progresso. Além disso, toda a agressão deve ser canalizada contra pensadores críticos extremistas que questionam a riqueza e os bens.

Um segundo grupo de analistas é apreciado sobretudo pelas

autoridades locais das megapoleis bem organizadas do continente sul-americano e sul-africano. Trata-se tipicamente de urbanizações com 3 a 15 milhões de habitantes representando democracias maduras. Estes analistas vêem a concentração de riqueza nas mãos de um pequeno grupo de indivíduos fechados em condomínios de luxo como um desastre para todo o planeta. Eles não questionam a economia de mercado. Contudo para que este sistema económico funcione argumentam eles, as Autoridades Locais devem pressionar as Autoridades Continentais Centrais em direcção a gradual implementação do *Rendimento Básico Universal*. Este grupo de analistas integra os economistas adeptos da escola Bregmaniana. Esta corrente económica baseia-se nas ideias de Rutger Bregman. Se todas as pessoas recebem um rendimento básico, todas elas terão mais tempo para se ocupar do seu próprio desenvolvimento logo haverá menos agressividade para com a parte mais rica da população. Para esses economistas um leque alargado entre rendimentos continua necessário. Isso preserva a ilusão de mobilidade. Contudo, as autoridades locais interessadas recebem pouco apoio para pôr essas ideias em prática. Mas mesmo os *Bloomcampers* de valor 11 e 10 que investem muito dinheiro em fundações pessoais vêem-no como um retorno para uma maior distribuição da riqueza mundial. Um Rendimento Básico Universal custaria mais do que aquilo que gastam actualmente em doações. Acabaria por reduzir o fosso entre ricos e pobres. Querem evitá-lo a todo custo. Além disso, existe um grande perigo de que pessoas com tempo para trabalhar no seu próprio desenvolvimento passam a integrar o grupo de

Sabedores críticos, algo a combater com todos os meios.

Finalmente, há um terceiro grupo de analistas a argumentar radicalmente que o problema é o dinheiro. O dinheiro cria um desejo de posse e dominação. Segundo esse grupo, só um mundo mais pluralista será um mundo menos agressivo. As pessoas não devem continuar a ser instruídas a reunir números abstratos em ficheiros electrónicos fazendo as acreditar que esses números são reconvertíeis em ouro ou bitcoins. Nem sequer é verdade. Mas as pessoas continuam a ser encorajadas a se fixar só nisso. Ora nenhuma pessoa com valor Bloomberg elevado como prova da sua riqueza pessoal alguma vez permitirá a outros para chegar à mesma ordem de valor. Segundo esses analistas, todo o efeito colateral das relações de poder dos opressores para com os oprimidos permanece intocado. Afirmam com convicção que grande parte da população pobre hoje regressou à condição de servo. As propostas bregmanianas são a saída do impasse, mas apenas transitoriamente e apenas se conduzem à evolução para uma sociedade sem dinheiro. Numa sociedade deste tipo as pessoas aprendem a *usar* bens e produtos em vez de querer *possuí*-los. A mudança começa com a abolição de todo tipo de propriedade pessoal de veículos, com a reintrodução do ensino geral e a restauração dos cuidados médicos gratuitos e universais. Embora os analistas transmitam as suas propostas de forma algo moderada, eles são imediatamente categorizados como um grupo muito suspeito do qual as Autoridades Locais e Centrais devem desconfiar. A redação de *Ignarysis* sente uma pressão crescente para fornecer informações pessoais sobre analistas

rotulados de subversivos. De momento, é fácil demonstrar que estes analistas não estão a encorajar a violência ou outras atitudes agressivas. Antes pelo contrário, eles indicam como a agressão é o resultado da atitude adoptada por quem está no verdadeiro poder ou nos governos fantoche face à crescente ignorância mesmo entre os membros das autoridades locais.

Fernanda e Joana fazem dois anos quando a mãe delas termina os estudos. Inês passa a trabalhar a tempo inteiro com Greta quando a tia-avó Joana se aposenta. O interesse de ambas continua a focar a informação e comunicação. Apesar de todos as alertas relativo ao risco de aumento da agressão com a implementação do ensino individual à distância, o Governo Local de Megalissipo não vê razões para continuar a apoiar a educação presencial em grupo. Depois das escolas secundárias fecham também todas as escolas primárias da metropolis. Este fecho aumenta a pressão sobre quem mantém comunidades de aprendizagem para os seus próprios filhos e para as crianças de pessoas ignorantes e descontentes. Em concreto, trata-se principalmente de crianças de quem presta regularmente serviços ou faz biscates nos distritos próximos à universidade e às outras escolas superiores ainda existentes. Em distritos mais afastados, o desejo de entrar em contacto com comunidades de aprendizagem é menor. Os grupos organizados de ignorantes manipulados costumam adotar uma atitude agressiva em relação aos *Sabedores*.

Mas quem aposta na informação e na comunicação não desiste. Inês e Greta incentivam a escrita de literatura juvenil e infantil. O fundo da Biblioteca Paulo Demeester reúne o maior número

possível de obras impressas da primeira metade do século. Hoje em dia são difíceis de encontrar. As bibliotecas que ainda possuem livros infantis emprestam-nos cada vez menos. Grupos organizados de pessoas ignorantes levam-nos sistematicamente de empréstimo fazendo-os desaparecer no lixo. À semelhança de outros, o fundo investe na publicação de versões eletrónicas de livros infantis e enciclopédias juvenis, podendo ser descarregados gratuitamente em qualquer leitor, smartphone ou tablet.

Inês e Greta integram a comunidade internacional de promoção da literatura infantil. A comunidade estabeleceu recentemente os critérios para a obtenção do selo *Zafónis* para livros infantis e juvenis. A biblioteca Paulo Demeester vincula todos os livros com esse selo à *Carta do Aprendente*. As comunidades de aprendizagem que trabalham com crianças conseguem assim uma rápida visão geral dos livros úteis para trabalhar os princípios básicos da *Carta*. É dada atenção aos pontos de vista ecológicos e inter-espécies. Também nas histórias ficcionais, a cooperação e a tomada de decisões pluralistas são elementos importantes. Depois de lerem esses livros, as crianças, acompanhadas por um adulto, são convidadas a representar o que lêem. Entre os livros que abordam as descobertas científicas, Greta e Inês destacam aqueles nos quais o pensamento crítico, a elaboração de hipóteses e a subsequente experimentação são claramente expressos. Normalmente estes trabalhos contêm uma série de sugestões para a organização do processo de aprendizagem das crianças que de outra forma se limitam aos programas de instrução e endoutrinação aprovados pelas Autoridades Locais.

Inês recorre à matriz ignarométrica de Joana e Catherine para demonstrar como quem está no poder usa a desinformação e as teorias da conspiração para impor a sua vontade.
O Sérgio está muito interessado nesta vertente do trabalho da Inês e da sua mãe. Para algumas de suas contribuições em *Ignarysis* ele articula a matriz ignarométrica com a antropogogia institucional. Ao fazê-lo, tenta demonstrar porque a ênfase deve continuar a ser um sistema educativo acessível para apoiar aprendentes e entre elas sobretudo as crianças aprendentes. Este tipo de sistema educativo é quase se não completamente clandestino nas diversas megapoleis de Erebúm, Waçúm e Vineland, consistindo de comunidades de aprendizagem subscrevendo a *Carta do Aprendente*.

Em 2075 o rumo tomado está claro para os analistas. A maioria das megapoleis segue as recomendações da escola económica clássica e só algumas as da escola moderada Bregmaniana para controlar o comportamento agressivo da população nos distritos pobres. O governo está geralmente nas mãos de oligarquias políticas que fazem tudo o que podem para agradar *Bloomcamp*. A sua principal tarefa continua a consistir em manter a classe média na ignorância e evitar a ascensão de novos *Bloomcampers*. A obrigação da instrução básica foi abolida em todos os lugares. A instrução passou de obrigatória a autorizada, mas apenas a distância e por órgãos oficialmente reconhecidos e controlados. Logo, qualquer tipo de comunidade de aprendizagem é hoje na prática ilegal. Grupos pequenas e auto-suficientes vivem dentro dos limites do seu próprio distrito. As acusações arrogantes contra aqueles que vivem fora das suas

próprias megapoleis ou mesmo fora do seu próprio distrito canalizam a crescente arrogância ignorante. A intolerância resultante espalha-se rapidamente para ter que ser canalizada por sua vez. É a razão pela qual as redes sociais só funcionam localmente. Os influenciadores recebem desinformação centralmente controlada, mas só conseguem seguidores locais. As plataformas digitais públicas que ainda divulgavam conhecimento geral são desativadas por razões de segurança. O terço da população mundial que até 2070 nunca teve acesso à rede global nunca o terá. O resto da população até então com conexão individual vê cair rapidamente as velocidades de transmissão. Quem não pertencem à elite já não consegue estabelecer ligações de uma megapolis a outra. Além dos condomínios *Bloomcamp*, apenas universidades e complexos governamentais possuem conexões locais ou globais por cabo e satélite. Mesmo o grupo ainda privilegiado de professores e estudantes universitários só tem as plataformas digitais controladas através de linhas de ligação monitorizadas centralmente. No entanto, a comunicação pessoal face-to-face continua difícil de monitorizar. As autoridades locais começam portanto a fechar cada vez mais edifícios universitários por tempo indeterminado.

Bem a tempo, os pilotos espaciais membros da *GNet-Z* conseguiram clandestinamente colocar em órbita geo-estacionária três pequenos satélites na 'sombra electrónica' de satélites controlados pelas Autoridades Centrais. Isso leva bibliotecas e comunidades de aprendizagem integrados na *GNet-Z* a fechar a maior parte dos seus canais de comunicação recorrendo a linhas

controladas. Muitos dos membros da *GNet-Z* a viver em megapoleis têm acesso às redes digitais universitárias e recomenda-se que continuem a utilizá-las. Afinal, uma súbita grande diminuição de tráfego nessas redes levantaria suspeitas. Muitos cientistas e comunidades de aprendizagem passam portanto a ter contactos duplos. Os satélites da *GNet-Z* restabelecem também a comunicação muito segura com as áreas rurais. Contudo, hoje em dia a comunicação já não é possível com todas. Alguns grupos rurais fecharam-se de certa forma na sua ignorância e subsistem principalmente de serviços de troca dentro da comunidade. Outras comunidades adotaram um modelo organizacional místico-religioso geralmente baseado em teorias da conspiração. Eles atribuem todos os males do mundo àqueles que desejam a ciência e o conhecimento. Existem também comunidades religiosas mais clássicas que deixaram as megapoleis conscientemente. Regra geral não são hostis aos intelectuais e pensadores críticos. Eles apenas informam os visitantes casuais que não estão interessados em networking ou parcerias, mas simplesmente em busca de paz e reflexão enquanto comunidade. Eles levam a vida mais simples possível, baseada na sua própria agricultura local e na produção artesanal dos utensílios de que precisam. Nenhuma dessas comunidades enfrenta dificuldades com das Autoridades Centrais. Para as autoridades todos os indivíduos que não receberam um chip ou o fizeram extrair simplesmente não existem.

Outras comunidades rurais acolhem jovens críticos que não querem que os seus filhos tenham o chip implantado à nascença. Também alguns idosos sentindo a pressão crescente

para serem implantados procuram essas comunidades. Em muitos desses grupos há conhecimento suficiente para adaptar material eletrónico deixado para trás em vilas e pequenas cidades abandonadas para conseguir a conexão com a *GNet-Z*. Em quase todos os lugares onde a rede está ativa, sente-se a onda de entusiasmo quando no final do ano de 2075 é estabelecido novamente o contacto com a comunidade rural de quem se diz que a família Hunt encontrou ai a sua casa. De acordo com a informação disponível, o grupo desenvolveu uma existência bastante estável num pequeno grupo de ilhas, algumas partes das quais estavam suficientemente altas acima do nível do mar para escapar à subida geral das águas. A comunidade Hunt e Danchecker conseguiu construir um escudo eletrónico muito eficaz em torno de sua zona. Isto foi necessário para manter contato com uma civilização não humana. Embora sempre tenha havido dúvidas sobre esses contatos, a equipa de exploradores espaciais da qual Hunt e Danchecker faziam parte encontrou o seu rastro em Ganímedes e mais tarde conseguiu contatá-los aproveitando falhas no continuum espaço-tempo. Os seres não-terrestres são às vezes chamados de Ganímedes, embora não sejam provenientes de Ganímedes. Só por isso geraram-se muitas dúvidas sobre a autenticidade dessas rumores. Essa dúvida foi incentivada pelos exploradores espaciais que fizeram o primeiro contacto. Mas os pilotos espaciais revelaram algumas informações. Tanto Alexandre quanto Greta lembram como Steven, mesmo entre amigos, primeiro negou os rumores e depois tornou-se bastante reservado acerca deles. As Autoridades Centrais autoritárias

enviam hoje de forma bastante inteligente contra-informação suficiente para retratar as histórias que circulavam como completamente falsas, enquanto os condomínios *Bloomcamp* tentam saber se existe tecnologia interessante podendo beneficiar a elite. Hoje a *GNet-Z* está-se bem ciente das comunicações estabelecidas na época com aquela civilização alienígena. Segundo a comunidade Hunt elas continuam até hoje. Ninguém ainda sabe exatamente como os outros conseguem usar o espaço e o tempo. Está em aberto se esses interlocutores vivem no nosso presente, no nosso passado ou no nosso futuro. Alguns investigadores ponderam essa a questão não ter sentido, pois tem a ver com as nossas percepções locais do tempo. E essa percepção parece não corresponder à essência da natureza na qual o tempo pode muito bem ser uma questão sem sentido.

Os anos passam. As gémeas Joana e Fernanda festejam o seu nono aniversário. Os irmãos mais novos têm cinco e quase quatro anos. Sergio e Inês receberam da família a alcunha de *casal fértil*. Afinal de contas nos círculos intelectuais de hoje é excepcional encontrar um casal com mais de dois filhos, além disso, com pais relativamente jovens. Mas Sérgio e Inês estão bastante felizes por terem tido filhos enquanto jovens e agora com trinta anos ter uma família composta por seis membros. As crianças passam muito tempo na Casa Biblioteca. Integram diferentes grupos de aprendizagem cooperada. Sergio conseguiu interessar outros pais pelo conceito. Juntos, pretendem garantir não só a instrução básica dos seus filhos, mas sobretudo que desenvolvem competências sociais em grupos de aprendizagem.

Os grupos de aprendizagem da Casa Biblioteca elaboram projetos com as crianças. Ciência, literatura e matemática desempenham um papel central. Segundo Inês, é a única resposta possível para enfrentar a inexistente educação geral, enquanto ao mesmo tempo a comunidade relativamente pequena de investigadores, cientistas e intelectuais continua a ser requisitada pelo Poder. Existe uma relação de amor e ódio por parte das oligarquias governantes iguais a si mesma. A *Bloomcamp* gasta dinheiro de fundos pessoais em projetos de pesquisa para perpetuar o seu poder e riqueza. Muitas bolsas estão disponíveis para matemática teórica e astronomia. O Fundo Muscle e o Fundo Brandad têm uma clara preferência por todos os tipos de engenharia espacial.

Depois de Joana ter ficado viúva, ela visita frequentemente Catherine que também se viu só após a morte de Alberto dois anos antes. Apesar dos 89 anos, ela ainda intervém na Biblioteca, onde gosta de observar a sua bisneta Alberta, de quase quatorze anos. Há cinco anos, a investigação marítima em Megandalusalgarb foi interrompida. Felizmente, Paulo, Pedro e Alberta obtiveram autorização para regressar a Megalissipo. Enquanto biólogo marinho Paulo reconduziu o seu talento para o desenho. Hoje é ilustrador de publicações digitais científicas e de histórias infantis. Mas Alberta herdou aparentemente o talento do avô Francisco. Ela toca vários instrumentos e sabe de cor muitas das obras do avô. Desde que regressou a Megalissipo tem estudado música e o seu avô é um professor muito paciente.

Joana procura também frequentemente a Greta. Ela é ativa no grupo de aprendizagem cooperada do qual as gémeas fazem

parte. Greta gosta especialmente de inventar histórias com as crianças. Depois lêem-nas para outros grupos. Alexandre, Francisco, Sergio e Inês contribuem voluntariamente com os seus conhecimentos para estes grupos de aprendizagem. Sentem-se cada vez mais à vontade com as iniciativas clandestinas e semi-clandestinas baseadas numa partilha pluralista de ideias. Alexandre e Francisco lembram-se ainda dos primeiros anos de aprendizagem há cinquenta anos, numa das escolas da associação *A Voz do Operário* quando ainda existiam escolas. Essa instituição continua ativa em três distritos de Megalissipo e integra um grupo local de bibliotecas privadas que orientam comunidades de aprendizagem. Há algum tempo Greta e Alexandre tiveram uma longa conversa com os atuais dirigentes. Francisco conseguiu a permissão para se deslocar com a sua orquestra de câmara e deu alguns concertos numa das dependências da associação. Na secção digital da biblioteca Greta encontrou até alguns exemplares de projetos de aprendizagem nos quais Alexandre e Francisco participaram quando eram crianças. No final da conversa ficou claro que todos os presentes estão envolvidos com a *GNet-Z*.

Graças às ligações por satélite totalmente seguras dessa rede, Sergio e Inês encontram ramos mais distantes da família. Eles ligam conhecimento com os filhos de Sebastian e Alan Hogan, cuja avó era irmã do bisavô de Sergio. A antiga cidade de Oostende já não existe. Faz parte do *Distrito da Costa Oeste* na atual Megabelgium. Os Hogan's ocuparam um pub onde costumavam ser organizados concertos de jazz. Eles agora têm uma programação limitada para comunidades de aprendizagem

subscrevendo a *Carta*. Anualmente organizam uma série de conferências digitais com amigos do distrito *Universidade Sul de Ciências Aplicadas* da qual faz parte a antiga cidade de Gent e com investigadores que vivem no complexo Local-Bruxelas. As conferências realizam-se sob a supervisão do *Instituto de Doenças Endémicas Sociais*. Foi graças a Abigail Blum que os parentes distantes se encontraram ou reencontraram.

Os membros da *GNet-Z* das maiores megapoleis mencionam a intolerância crescente de um certo grupo de ignorantes em relação aos locais de encontro mantidos por não-ignorantes e não-arrogantes. São principalmente habitantes de distritos periféricos e não frequentando comunidades de aprendizagem subscrevendo a *Carta do Aprendente*. Há indícios claros de que as autoridades locais e centrais encorajam tal intolerância. Segundo esses governos a ciência só deva ser praticada em universidades controladas centralmente e apenas estar disponível para *Bloomcamp*. As autoridades locais conhecem a localização de vários locais de encontro para grupos de aprendizagem crítica e suspeitam da existência da rede subterrânea, mas não conseguem controlá-la. A política geral é manter os ignorantes fora desses lugares através da dissuasão. Nas megapoleis onde existe o Rendimento Básico Universal as respectivas autoridades locais espalham informações falsas de que os intelectuais querem ver esses rendimentos abolidos. A população também é constantemente avisada em como esses locais são visitados por quem está vinculado a universidades e, portanto, muitas vezes viaje para outros distritos e poleis. Portanto, argumenta-se as bibliotecas e os grupos de

aprendizagem são o local perfeito para adquirir qualquer nova doença. De acordo com algumas contra-informações oficiais, pode até haver locais onde as doenças são deliberadamente espalhadas para dar aos investigadores a oportunidade de experimentar todo o tipo de medicamentos e vacinas em pessoas comuns. Assim como outros fazem em outros lugares, Greta e Alexandre decidem enveredar para um ponto de encontro mais clandestino. A Casa Biblioteca é adaptada para ser um museu bastante inocente. Os visitantes só são admitidos nos grupos de aprendizagem após controlo minuciosa. Eles sentem-se na obrigação de proceder dessa forma, especialmente para proteger os seus filhos e o filho de Francisco. Todos eles pertencem à geração de intelectuais pluralistas que integram a *Terceira Linha de Pensamento*. Defendem a abolição da economia de mercado baseada no dinheiro. Este é claramente o grupo mais visado pelas autoridades. Tal como a redação de *Ignarysis*, eles escondem a sua atividade clandestina. Mas os responsáveis pelo *Cemitério de Livros Esquecidos* continuam a recomendar a utilização dos canais de comunicação oficiais. A comunidade da Casa Biblioteca Paulo Demeester fá-lo para manter o estatuto de consultor da autoridade local. Assim continuam autorizados para fazer uso da rede RESULT (***RES***tricted ***UL***trafast ***T***ransport em inglês), o que lhes dá a oportunidade de conhecer pessoalmente membros da *GNet-Z* em outras as universidades existentes, às custas da elite financeira.

Tal como Greta em tempos, Sergio e Inês procuram levar os filhos de viajam para outros distritos universitários sempre que têm oportunidade em fazê-lo. Este ano estão juntos em

Megabelgium onde participarão numa conferência no distrito de LocalBrussels no *Instituto de Doenças Endémicas Sociais*. Os netos de Sebastiaan en Alan Hogan participam presencialmente. Passam fins de tarde reunidos na companhia de Sérgio para juntar a informação de cada lado acerca de John Demeester, pai de um de seus respectivos bisavós. Sergio fica fascinado com o que aprende acerca da ligação de John com os fundadores da Pedagogia Institucional, mais tarde baptizada de Antropogogia Institucional. Um dos netos de Sebastiaan trouxe um exemplar de um livro da biblioteca do avô com uma colecção de escritos de John e amigos dele. A compilação é principalmente em holandês e foi publicada postumamente por seu filho e sua filha. Sergio passa várias noites a traduzir certas partes para o inglês e para o hoje popular ibérico.

A conferência é uma experiência enriquecedora para Sergio e Inês. Sergio está muito animado quando se reencontra com Abigail Blum. Juntos preparam dois números temáticos de *Ignarysis*, lançando uma 'call for papers' sobre a influência de quem se caracteriza através dos tipos ideais da parte superior direita da matriz ignarométrica 95/121 no crescimento dos governos locais e centrais totalitários e fascistas. Ao mesmo tempo, pedem pesquisas adicionais para completar ou reorganizar os tipos-ideais da parte superior esquerda. Eles estão particularmente interessados em investigar como comparar o grau de arrogância dos *Bloomcampers* com o grau de arrogância de outros arrogantes não-ignorantes. Estudos adicionais podem lançar mais luz sobre como eles se situam em relação aos senhores de guerra. A história recente do século actual revelou

que nem todos os financiadores continuam a considerar a indústria da guerra um bom investimento para a elite Bloomberg. Investigações recentes sobre o século passado e a primeira metade deste século parecem indicar só ter havido um certo tipo de líderes a fomentar a guerra. Entre eles havia os senhores de guerra estratégicos. A sua principal preocupação consistia em proteger-se contra processos judiciais em curso, colocando-se estrategicamente acima da lei. Tinham a habilidade de convencer outros líderes e até financiadores de que eram insubstituíveis enquanto durasse a guerra, logo intocáveis. À medida que desapareceram os Estados nas áreas mais ricas para dar lugar a megapoleis sob uma Administração Central continental geral ou ao deserto, estes senhores de guerra estratégicos perderam a razão de ser. Alguns desapareceram apenas para reaparecer mais tarde enquanto líderes fascistas ou de seitas em pequenas áreas rurais. Continuam a utilizar técnicas de intimidação, contra-informação ou força bruta. Outros ficaram nas megapoleis e tornaram-se líderes partidários. Mas, de acordo com Sergio, o quadro actualmente tem pouco para entender a relação entre o poder até pouco tempo invisível da elite Bloomberg e aqueles que usam publicamente técnicas para controlar a agressão dos Ignorantes contra si, por um lado, e para canalizá-la para Ignorantes menos agressivos e *Sabedores* contemplados na matriz.

Entretanto, Inês faz vários contactos com quem se interessa pelo estudo da comunicação a partir de diferentes ângulos. Há muito interesse em compreender os fenómenos de empobrecimento da

linguagem em geral. O rápido aumento do número de Ignorantes provoca uma simplificação do vocabulário utilizado. Há estudos não só em relação à lingua falada no dia a dia, mas também acerca das mensagens escritas e da linguagem na indústria do entretenimento. Outro fenómeno é a crescente preguiça no uso do vocabulário próprio de uma língua. Segundo filólogos e sociólogos, essa preguiça é uma das razões pelas quais o ibérico está rapidamente a substituir o português, o espanhol, o catalão e o galego. Na Megabelgium, os muitos dialectos do holandês e do flamengo são cada vez mais anglicizados. Não se trata de evoluir para uma língua mundial. No entanto, o vocabulário está a diminuir em todas as famílias linguísticas e palavras que expressam nuances subtis já não são de conhecimento geral. O fenómeno para o qual o romancista Orwell cunhou o termo *Novilíngua* há mais de um século espalha-se rapidamente e instala-se em todas as megapoleis. Com uma linguagem menos diversificada, a comunicação não se torna mais transparente, pelo contrário, torna-se mais opaca. Todos os líderes populistas totalitários usam avidamente uma linguagem simplificada para manter as massas ignorantes sob controlo. A Inês está preocupada em ver como até membros da *GNet-Z* enfrentam dificuldades de comunicação de vez em quando. Aparentemente a própria *Novilíngua* leva os críticos a duvidar da necessidade do uso matizado das palavras. Assemelha-se a uma reedição adaptada de toda a confusão originada pelo movimento *woke* no início deste século. A então chamada direita radical não só conseguiram criar uma espécie de movimento anti-*woke*. Muitas pessoas com hábitos de

pensamento crítico e diferenciada fizeram uma análise bastante simples. Deixou-se de perceber se tinham *acordados* ou antes *adormecidos* ao reduzir o movimento *woke* na sua totalidade a um grupo fundamentalista incapaz de colocar as coisas em perspectiva. Naquela altura, como agora, era por vezes necessário dedicar tanta energia para restabelecer a comunicação entre pensadores críticos como para a criação de grupos de aprendizagem com o objectivo de desmascarar argumentos populistas. Inês fala com Sérgio sobre as suas preocupações. Ele relaciona as suas observações com uma certa preguiça perceptível em grupos de aprendizagem com crianças. Essa ociosidade não se limita apenas ao vocabulário e à linguagem, segundo ele vê. Questiona a facilidade com a qual muito é aceite. Parece suficiente um grupo de aprendizagem, ou os responsáveis dum grupo de aprendizagem com crianças, assinar a *Carta do aprendente* para todos assumirmos em como o trabalho cooperativo está garantido, como se fosse uma simples questão de rotina. Segundo ele, os adultos não prestam atenção suficiente a certas atitudes desafiadoras das crianças entre si. Ele lembra-se de uma passagem de um livro de Fernand Oury que acabou de discutir com o neto de Sebastiaan. Oury lembra a importância do objeto de mediação em caso de conflito. É tarefa do adulto esclarecer a relação triangular entre duas crianças em conflito e o objeto do conflito em cada situação concreta. Só uma tal análise leva a encontrar em conjunto uma solução satisfatória. Para restabelecer a relação de confiança entre as crianças, o grupo envolvido evita cair na armadilha do estar certo ou errado, um agir bem ou agir mal, centrando-se sobre o

próprio objeto do conflito. Não só a preguiça específica da língua, mas também a preguiça específica da organização são um perigo para todo o design de qualquer comunidade de aprendizagem.
De regresso em Megalissipo, Sérgio e Inês partilham as suas preocupações sobre os vários tipos de preguiça intelectual com outros membros dos grupos de discussão nos quais participam. Concorda-se que a rede deverá estar mais vigilante para reconhecer rapidamente os sintomas dessa preguiça. O grupo de *Ignarysis* quer chamar a atenção toda a *GNet-Z* em futuras reuniões.

Uma mensagem do grupo rural no qual vive a família Hunt torna subitamente toda a discussão acerca da vigilância da preguiça uma prioridade por outros motivos. Primeiro a notícia provoca reações de incredulidade, mas gradualmente existe o perigo de uma espécie de euforia paralisante. Ninguém sabe exatamente como, mas esse grupo rural tem provas concretas dum projeto muito secreto dos *Bloomcampers*. Eles cultivam a ideia de construir uma grande cidade espacial no *Ponto de Lagrange 3* do sistema sol-terra, portanto aproximadamente a duas UA do planeta Terra. Já existem esboços de planos. A descrença crítica baseia-se principalmente em argumentos técnicos e financeiros. Para muitos membros da *GNet-Z* todo o projeto não passa de uma invenção de líderes espirituais que leram antigos textos de Filolau e ressuscitaram *Antichthon*. O porque contudo não está muito claro. Mas mais informações surgem nos meses seguintes. O topo Bloomberg estaria a colocar uma pressão crescente sobre os seus principais detentores de

fundos para financiarem apenas projectos universitários tornando tal projecto viável. Os gestores do fundo Muscle parecem ser os principais lobistas. O projeto também tem nome. Ninguém sabe exatamente a origem. Vem de *Bloomcamp* ou será um nome irónico inventado por brincalhões da *GNet-Z*? Afinal, o termo *Elysium* lembra uma cidade espacial de um filme bastante popular há mais de cinquenta anos. A história baseava-se no tipo de cenário apocalíptico que servia de pano de fundo para quase todos os filmes de acção da época. Os membros das comunidades locais da rede clandestina descobrem pouco a pouco que a maioria das Autoridades Locais e mesmo algumas Autoridades Centrais não sabem nada acerca dos planos a surgir por trás dos muros dos condomínios fechados de *Bloomcamp*. A cidade espacial proporcionaria um refúgio só para os *Bloomcampers,* uma elite da qual os líderes totalitários nem por sombras fazem parte. Apenas alguns Líderes Centrais do continente De Vineland e do Nordeste do Continente de Waçúm têm um número de valor Bloomberg dando-lhes entrada neste grupo selecto. Mas estes fazem com que os seus colegas governantes menos abastados não aprendem nada acerca de todo o projeto.

Uma vez confirmados os rumores a resposta foi no mínimo notável. Uma parte significativa dos membros de *GNet-Z* consideram tratar-se de uma boa notícia. Agora todos saberão como a elite Bloomberg está a trair os seus próprios fantoches. Fará com que os modelos de governo totalitário desaparecerão automaticamente dizem. A esse raciocínio Greta e Inês chamam euforia paralisante. Resulta de uma espécie de exagero de

pensamento positivo segundo elas. Há um aspecto contraditório. Ninguém acredita que cientistas em todo o mundo estejam a trabalhar num projeto tão monstruoso, tão secreto sem se aperceber, mas a euforia continua. O projecto irá avançar de seja como for e significará o fim dos populistas totalitários, diz-se. De forma bastante inconsistente, as pessoas aceitam a veracidade das provas, mas negam que isto esteja a ser trabalhado em todo o mundo. Parece que a cidade espacial salvadora terá algum tipo de origem milagrosa. Nas comunidades de aprendizagem, as discussões por vezes tornam-se muito acaloradas. O conteúdo de algumas destas discussões parece confirmar as preocupações de Sérgio e Inês sobre a preguiça institucionalizada.

Catherine Demeester falece em outubro de 2080, pouco antes de completar noventa e cinco anos. É um duro golpe para toda a família, mas Joana em particular está a passar por momentos difíceis. Greta e Sergio tinham explicado a Catherine apenas algumas semanas antes como planeavam experimentar iniciativas de pequena escala baseadas na democracia directa. Para o fazer convidaram o já bastante numeroso grupo de amigos da Casa Biblioteca Paulo Demeester. Eles também acordaram com quatro comunidades *Zafónis* locais como se consultar acerca dos métodos de trabalho desses respectivos grupos. Catherine referiu então a importância em envolver Joana e Inês. Rindo, observou que ao fazer assim, a experiência iria reunir conhecimentos acerca da comunicação abrangendo três quartos de século.

Inês e os membros do seu grupo de trabalho rapidamente se tornam consultores permanentes para iniciativas de democracia

direta. Naturalmente, estas experiências de democracia directa são tratadas com discrição. Afinal, a democracia e a interacção são completamente inadequadas nos olhos do Poder Local e Central. Para os participantes nas experiências é doloroso de ver como ainda há tantas pessoas entre os seus pares que pensam nada ter de fazer, pois os modelos de governo totalitários irão arruinar-se sozinhos e substituídos por processos de decisão pluralistas avançados graças à fantasia *Elysium* dos *Bloomcampers*. Joana segue as experiências de democracia direta e tomada de decisão cooperada o melhor que pode. Ela considera um exemplo de iniciativa maravilhoso, parecido com aquilo por ela intuído quando propôs o *Carta do Aprendente* pela primeira vez. Ela alerta Inês em como as rotinas podem tomar conta do pensamento criativo. Ao fazê-lo, relembra uma piada sobre a rotina paradoxal de manter instituinte a instituição instituinte para evitar uma instituição instituinte institucionalizada. Joana também não se preocupa tanto como os outros com o optimismo de muitos membros da comunidade *GNet-Z*. Embora esteja firmemente convencida de que o pluralismo não se desenvolve espontaneamente, não considera improvável que os residentes de *Bloomcamp* possam sem querer ajudar para o seu desenvolvimento. O futuro trará uma resposta a esta questão, diz ela, talvez até muito em breve.

Joana falece em 2082. De certa forma a sua previsão estava correta. Mas levará pelo menos mais setenta anos para o perceber. Uma confirmação imediata se olharmos a partir de uma perspectiva histórica geral, uma confirmação que leva tempo se contamos gerações.

Neste mesmo ano todos os edifícios escolares em todo o mundo fecham permanentemente. Como repetidamente aconteceu desde os primeiros assentamentos humanos, o manto da ignorância e do dogma cobre mais uma vez a humanidade.

O sequestro dos intelectuais (2083-2090)

Com o desaparecimento das duas irmãs Demeester, inicia-se uma nova fase para *Ignarysis* e para todos os cooperantes na rede ignométrica em constante expansão. Muitos grupos que fazem parte de *GNet-Z* estão intimamente envolvidos em todas as pesquisas científicas humanas que utilizam ignarometria. Sergio e Inês são conhecidos como valiosos conselheiros para iniciativas baseadas na democracia direta. O trabalho académico de Joana e Ester Langlauf acerca da comunicação é de valor inestimável. Inês dá todo o apoio à Greta na elaboração de pequenos resumos de todas as publicações do seu pai e dos investigadores com quem ele trabalhou. A sua abordagem à auto-aprendizagem, '*machine learning*' e à interacção entre a inteligência artificial — ao qual ele sempre chamou inteligência electrónica — e a inteligência biológica é muito valiosa na implementação de comunidades de acordo com as regras da democracia directa. Não só as comunidades conseguem aprender a tomar decisões sem que todos tenham o mesmo conhecimento aprofundado sobre um determinado assunto. Existem também comunidades cujos membros residem em locais distantes uns dos outros, seja no complexo de uma megapolis ou numa área rural. Em ambos os casos, a comunicação transparente é de extrema importância.

Em todas as comunidades de democracia direta, todos os participantes estão conscientes saberem mais acerca de determinados assuntos do que acerca de outros. Sabê-lo aumenta a consciência de não se poder simplesmente presumir

que todos percebem a sua importância quando apoiam ou rejeitam uma qualquer proposta.

As comunidades sabem muito bem como os decisores populistas e arrogantes impõem as suas próprias propostas proclamando alegremente de se tratar de uma escolha consciente de toda a população. É hoje bastante claro como a manipulação dos Ignorantes passivos beneficia os *Bloomcampers*, enquanto todos os ecossistemas da Terra estão cada vez mais em desagregação. Muitas das decisões aclamadas por serem vendidas como boas à primeira vista tiveram consequências desastrosas no longo prazo. Por isso os grupos *Zafónis* e comunidades de aprendizagem subscritoras da *Carta do Aprendente* gastaram muito tempo para desenvolver uma comunicação transparente. Em muitos casos, a inteligência eletrónica é uma mais-valia para a inteligência biológica mais emocional, tanto para quem defende uma proposta como para quem tem dúvidas acerca da mesma. A interação entre inteligências ajuda os membros dessas comunidades a serem mais abertos uns aos outros e a obterem uma melhor compreensão mútua.

Decidir em democracia direta leva tempo. É absolutamente claro que qualquer forma de arrogância é um obstáculo a este modelo de consulta e tomada de decisão. Em quase todas as comunidades com democracia directa, os membros do grupo, mais cedo ou mais tarde, compreendem como a tomada de decisões é motivada pelo benefício da vida comunitária em geral. Os obstáculos são geralmente de natureza económica ou dogmáticos. Embora os próprios grupos garantam a diversidade e certamente não defendam o nivelamento igualitário, a

democracia directa é difícil quando certos membros do grupo procurarem vantagens egoístas. Essas vantagens tem geralmente a ver com dinheiro. Greta lembra-se das intervenções comunitárias da mãe e de Hypolite d'Ailleurs. Duas gerações depois Sérgio e Inês vivenciam uma forte democracia direta na comunidade local na qual estão incorporados. Começou juntando um condomínio fechado de cidadãos ricos com uma comunidade de moradores locais poucos recursos. Tornou-se possível encarar o financiamento de projetos mesmo pessoais como sendo de grupo. Ultimamente essa consciência foi especialmente importante no financiamento de viagens permitidas. Quando a burocracia se mostra do seu pior lado e decide conceder autorização de viagem a alguém que não seja a pessoa designada pelo grupo por exemplo. Diz também respeito a decisões de grupo que vão contra a política do financiador na escolha de participantes em reuniões internacionais. Na comunidade de Inês e Sergio é comum preferir não enviar ninguém em vez de um elemento não eleito em grupo mas com permissão de viagem. A comunidade sempre pode usar as satélites da *GNet-Z* para garantir a participação daqueles escolhidos pela própria comunidade.

Naturalmente, os líderes totalitários das megapoleis vêem como os *Sabedores* conseguem envolver Ignorantes nas suas comunidades de democracia directa. Os *Bloomcampers* vivem literalmente no seu próprio mundo e atribuem pouca importância a esses comunidades. Eles apenas monitorizam os administradores locais por serem os seus fantoches. No seu círculo de seleccionados, a discussão em curso é sobre um

reduto de luxo como destino intermédio em antecipação do sonhado *Elysium*. Hoje, no seu íntimo *Bloomcamp* não considera uma ameaça a população mundial. Essa população não tem recursos suficientes para ameaçar algo ou alguém. Um punhado de Ignorantes recebendo formação e educação, mesmo numa comunidade de aprendizagem subscrevendo a *Carta*, não faz diferença. Não, apenas os líderes totalitários e o seu círculo de pequenos privilégios permitidos podem hoje representar uma ameaça. Eles não são ignorantes o suficiente para serem facilmente manipulados, especialmente porque eles próprios se tornaram mestres da manipulação. São eles a fabricar a maioria das teorias da conspiração. De momento, as teorias sobre o supremo inimigo apontam todas para os Não-Ignorantes, os *Sabedores*. Para os Ignorantes Não-Agressivos é quem conseguir uma boa educação, graças à rede de comunidades de aprendizagem. Os ignorantes habituais e seguidores entusiastas dos líderes populistas, são levados a acreditar em como os intelectuais e as comunidades de aprendizagem são os verdadeiros privilegiados. Os residentes de Bloomcamp, pelo contrário, recebem uma certa auréola romântica. Mas os seguidores dos líderes totalitários populistas não o sabem e os próprios líderes não querem saber como o topo inacessível continua a apoiar discretamente cientistas e até os investigadores mais críticos. É completamente irónico como alguns desses cientistas parecem ignorar o propósito desse apoio discreto. Embora a riqueza da elite exclusiva seja alvo de muitas críticas, a comunidade intelectual aceita de boa fé doações de fundos pessoais. Em última análise, mesmo os satélites ocultos

de *GNet-Z* são mantidos com financiamento fornecido por *Bloomcamp*. Parece uma espécie de dupla negação da qual os terráqueos mais ricos são outra vez quem beneficia mais.

Os filhos de Sérgio e Inês e da restante família recebem uma boa educação, assim como todas as outras crianças da sua comunidade. A qualidade deve-se às suas próprias comunidades de aprendizagem. Nenhuma escola gratuita alguma vez proporcionou esta qualidade, mesmo durante a esperançosa mas curta *Era dos Aprendentes*. Muita atenção é dada aos interesses e talentos pessoais. Parte da formação vem de coaching pessoal ou do trabalho remoto em pequenos grupos espalhados pelo mundo.

Fernanda e Joana Mestre interessam-se particularmente pelas ciências naturais. Mas quando Fernanda entra em contato com Victor Hunt Jr. o seu interesse muda por completo para a matemática. Enquanto a irmã gémea se concentra mais na física e na química, Fernanda estuda espaços de Hilbert, matemática e mecânica quântica sob a orientação de Hunt. Mesmo antes de completar 18 anos, ela analisa todo trabalho de Claude Cohen-Tannoudji.

De visita em casa do tio-avô Francisco, este pergunta: "Por que esse interesse pela matemática?"

Fernanda começa logo: "Só me interessa uma pequena parte da matemática, tio Francisco. A pesquisa de Cohen, Steven Chu e William Phillips trouxeram-me de volta às ciências naturais, em certo sentido, mas apenas à interpretação quântica da natureza, tanto com a química quântica quanto com a biologia quântica."

"Interpretação quântica… ciências naturais. Saudades de

trabalhar com a tua irmã gémea?" pergunta o seu tio.
Fernanda ri e diz: "Joana e eu estamos a percorrer cada um dos carris da ferrovia da ciência. De vez em quando trocamos informações através de uma das travessas."
"Digamos que entendo a palavra travessa, sobretudo nas refeições em família", brinca Francisco. "Mas estás falar de alimentação cerebral que me ultrapassa um pouco. E passatempos?"
Fernanda continua entusiasmada: "Recentemente iniciei discussões com um grupo de estudiosos da abordagem teórica de hidretos binários supercondutores. Essa abordagem tem interesse para o desenvolvimento da inteligência electrónica recorrendo à utilização de computadores quânticos. Uma refrigeração mais eficiente desse tipo computadores usados no espaço tornava os mais potentes e melhorava muito as capacidades da inteligência electrónica. Levaria portanto a menos erros a serem corrigidos por intervenção humana. As refrigerações Raman e Sísifo são boas mas muito caras e ainda não são processos totalmente confiáveis para manter a temperatura estável a alguns microKelvin. Conseguindo o nosso propósito, o próximo passo será de criar uma estação retransmissora totalmente automática para naves espaciais, sondas e outros equipamentos de observação em *Lagrange 3* no sistema Terra-Sol. Tem havido grande interesse nesse ponto permanentemente invisível da Terra desde o início do século."
"Pode-se dizer também que antes mesmo de o definir matematicamente esse ponto já interessava à antiguidade…" observa Francisco.

"É verdade", responde Fernanda, "mas queria dizer que penso no próprio computador quântico enquanto espécie de cérebro quântico. Por isso estudo análise funcional e grupos quânticos, e especialmente álgebra de Hopf o que em inglês chamamos *braid groups*. Na verdade procuro parceiros para desenvolver ainda mais o computador quântico topológico. As tranças quânticas são muito mais estáveis quando comparado com as partículas quânticas aprisionadas num computador quântico 'clássico', e se os *anyons* pudessem ser melhor controlados, tudo mudava depressa. Mas talvez isso só seja possível em temperaturas de zero graus Kelvin."

Ao ver a careta que o tio faz, Fernanda ri e acrescenta: "E isso, tio, explica o meu passatempo…"

As explicações de Fernanda acerca dos seus interesses matemáticos não são muito compreensíveis para nenhum membro da família. Em breve a matemática em si que ela desenvolve não o será para os colegas com quem ela trabalha também não. Não demora muito para as suas investigações chamarem a atenção dos gestores do Fundo Azos para Matemática Teórica. Fernanda não sabe mas dois matemáticos do grupo universitário da Megabelgium acompanham de perto as publicações ainda um pouco imaturas da talentosa estudante.

É inevitável; gradualmente aumenta o fosso separando os *Bloomcampers* dos líderes autoritários dos governos centrais e locais. Hoje, os moradores dos condomínios *Bloomcamp* veem o mundo apenas como um tabuleiro de xadrez tendo controlo absoluto sobre o jogo em curso. Entre eles possuem todos os meios de produção, recursos e fundos de investimento. Eles

expressam esse ativo em três moedas utilizadas em todo o mundo. Transações de pequeno e médio porte podem ocorrer em megapoleis mas somente com quem tenha um chip de identificação implantado. Todas as restantes transações efectuam-se exclusivamente num dos condomínios *Bloomcamp* e estão sujeitas a verificação de íris.

Nas comunidades rurais, as pessoas voltaram ao escambo há muito. Algumas comunidades optaram por melhorar a democracia direta. O conceito económica de comércio aqui já não tem sentido. Cada um tem as suas atividades. Os escassos recursos disponíveis tornaram-se propriedade comum, se ainda se pode considerar a existência de propriedade. Cada um utiliza e usa apenas o necessário para a sua atividade. As famílias ou comunidades de aprendizagem têm hortas comunitárias. A criação de aves, ovelhas e cabras garante as proteínas necessárias. As comunidades tendo acolhido imigrantes com alto nível de escolaridade ou provenientes de um grupo de aprendizagem *Zafónis* salvaguardaram-se de cair na ignorância enquanto comunidade. Esses seus imigrantes têm a capacidade técnica para garantir a infra-estrutura necessária. A cooperação existente na *GNet-Z* garante a entrega de certos equipamentos sofisticados a algumas comunidades quando solicitados. A sua construção é feita por equipas trabalhando em locais diferentes. Em cada pool universitário há elementos da rede clandestina administrando de forma criativa as doações e receitas de fundos de investimento. Assim conseguem ajudar as comunidades rurais. Os regimes totalitários toleram até certo ponto desníveis detectados sob pressão de *Bloomcamp*. No entanto, quando a

acção de alguns indivíduos se torna demasiado claro o Governo Central obriga-lhes oficiosamente a fazer uma escolha: perder todos os privilégios e mudar-se sob controlo para um distrito periférico ou desaparecer pela sua própria iniciativa para uma comunidade rural. O chip de identificação é ajustado no primeiro caso, removido no segundo. Regra geral essas pessoas escolhem pela segunda alternativa e recebem um estatuto de *out law*. Nesses casos, oficialmente a pessoa morreu.

As Autoridades Centrais não ganham nada com acções agressivas contra as comunidades rurais. *Bloomcamp* considera essas comunidades completamente desprovidas de significado económico. Logo não representam perigo. Os líderes totalitários dispõem de extensos recursos de espionagem e filtram as informações que enviam às autoridades locais das megapoleis. Nenhuma menção é feita relativo a outros intelectuais que optaram por se mudar para uma comunidade rural. As políticas seguidas pelas três maiores Autoridades Centrais (a *AC das Megapoleis Americanas Unidas*, a *AC das Cidades Estaduais Europeias Unidas* e a *AC das Megapoleis Unidas Asiáticas*) só auxiliam as Autoridades Locais se forem incomodadas por grupos organizados de ignorantes pobres. Os pobres continuam a ser levados a crer de só eles próprios terem culpa da própria pobreza. É da sua responsabilidade se não conseguem pagar cuidados médicos especializados, se não estão autorizados a viajar e se só conseguem comprar produtos de qualidade inferior. Mas mesmo o rígido controlo dos distritos pobres falha ocasionalmente. Os administradores locais eles próprios cada vez mais ignorantes continuam convencidos de que exercem

realmente o poder e querem a todo custo evitar perdê-lo. Sem perceber a amplitude do seu papel de fantoche, atribuem a si próprios uma dupla tarefa. Fazem relatórios tranquilizadores porque pensam assim convencer a Administração Central e a *Bloomcamp* a continuar a financiá-los uma vez que são os melhores. Ao mesmo tempo querem manter uma multidão crescente potencialmente agressiva o mais longe possível de si próprio.

A bem desenhada rede de ilusão da egoísta nomenclatura do dinheiro parece funcionar perfeitamente. Consegue manter as autoridades locais na ilusão de estarem no controlo. Hoje sabemos ter sido precisamente esta rede de ilusão que levou a uma catástrofe económica sem precedentes através da qual o dinheiro se tornou um conceito sem significado na Terra. Mas ainda não era bem assim há um século e meio.

Os proprietários mundiais retirados em *Bloomcamp* vivem eles próprios a ilusão de conseguir atrair toda a riqueza para si através das maquinações do mercado de acções e de investimento que controlam, tendo isso só efeitos positivos para o seu enriquecimento. Os arrogantes e ignorantes líderes dos governos locais com os seus relatórios tranquilizadores ajudam a manter a ilusão. Entretanto, localmente os governos desenvolvem teorias da conspiração com a intenção de fazer dos intelectuais a fonte de todo o mal. Isto é necessário para ocultar os seus próprios privilégios. A cortina de fumo funciona bem: não são exatamente os intelectuais o grupo com todos os privilégios só porque vivem nos distritos universitários? Não significa isso que eles obtêm vistos de saúde para viajar quando

esses vistos são negados a outros trabalhadores da megapolis? Não fazem os intelectuais sempre alertas acerca de tudo e todos? Mudanças climáticas, infecções, pragas, rebeliões, há muito por escolher, não estão por detrás disso tudo. Entretanto, eles vivem tranquilamente melhor do que o resto da população.

De repente as coisas entortam. Os distantes *Bloomcampers* realizam-se tarde demais como os Administradores Locais apoiam de várias formas Ignorantes Destrutivos conhecidos como *Counter Measure for Culture and Library Clans* ou *Cou-Clib-Clans*. Aqueles *Cou-Clib-Clans* são de facto apoiantes bem organizados, arrogantes e incondicionais das teorias da conspiração contra investigadores e intelectuais e por isso protectores das administrações locais. Eles surgem em todo lado queimando livros. Não são só ignorantes incitadas localmente, são incendiários bem dirigidos. Eles próprios têm a convicção de pertencer a um círculo purificador secreto. Os primeiros ataques direcionados contra investigadores específicos muito perigosos aos olhos dos Administradores Locais eram deixados invisível. Quando hoje alguns gestores de fundos de *Bloomcamp* manifestam a sua preocupação pelo desaparecimento de investigadores importantes para eles, as Autoridades Locais expressam hipocritamente o seu pesar. Eles apontam para as revoltas selvagens dos queimadores de livros levando investigadores para a clandestinidade e dizem que farão tudo o que estiver ao seu alcance para evitar novos episódios. Mas ficam apenas pelas palavras…

Fernanda Mestre vive esta hostilidade turbulenta para com a

ciência e os intelectuais, sendo cada vez mais frequentes os ataques arrogantes. Tanto na própria Autoridade Local de Megalissipo como no *Cou-Clib-Clan* da zona a desconfiança não pára de aumentar em relação às famílias Demeester, Mestre e N'Kondo. Como outras famílias que interessem a elite *Bloomcamp*, elas passam a ficar mais bem protegidas ao mais alto nível sem o saber. Pois hoje os *Bloomcampers* só se interessam para os investigadores imediatamente úteis para eles próprios. Qualquer investigação sem benefício directo é interrompida. Mas qualquer coisa promissora não deve ser tocada. Atingir a família Mestre nesta altura teria um afastamento definitivo nos actuais membros da Autoridade Local como resultado, isso foi deixado bem claro ao Presidente da Polis, sem dar pormenores.
A Razão? Segundo os gestores do fundo Azos o ramo da matemática no qual Fernanda está a trabalhar e hoje a desenvolver quase sozinha não incide apenas nos problemas técnicos que ela própria tem em mente. Talvez também revolucione a forma de trabalhar com os limites físicos impostos pelas leis de massa, facilitando as viagens espaciais.

Passaram dois anos. Fernanda viaja de comboio de alta velocidade para *Western University Junction*, na Megabelgium. Ela tem 19 anos e será a participante mais jovem de um *think tank* organizado por aquela universidade central. Ela teve o convite depois de receber o *Prémio Novas Fronteiras Maryam Mirzakhani* para a sua tese de doutoramento *'New hypothese to approach Wightman axioms for d=4'* tendo a terminado em tempo recorde. O encontro acontece no distrito de *Bradin*. O

nome do distrito lembra uma das cidades citadas pelo escritor do século XX Thijsen na saga de ficção científica tendo a exploração espacial como pano de fundo. Ela juntar-se-á um grupo de matemáticos para partilhar ideias relacionadas às deslocações ultra-rápidos. A gravidade quântica é um elemento importante de discussão. Fernanda aproveita a viagem para reler Carlo Rovelli e revisitar a obra de Zefram Cochrane. Poucos anos antes de Fernanda nascer, este último descreveu a possibilidade técnica de mover uma massa à velocidade da luz por meio de um tipo específico de Propulsão Alcubierre. É frequentemente afirmado entre investigadores acerca do campo da gravidade quântica que o desaparecimento de Cochrane se deve a uma viagem espacial da qual ele mesmo anunciou que iria ser mais rápida que a luz. Logo, o estranho desaparecimento parece mostrar a quem permaneceu na Terra que tecnicamente o problema não foi resolvido. Para muitos investigadores a descrição matemática conhecida era e continua a estar incompleta. O próprio Cochrane poderá secretamente ter feito alterações, talvez fatais. Outros dizem ele ter confiado no efeito Casimir e simplesmente morreu tentando fazer algo pela qual não tinha a tecnologia necessária.

Na viagem de volta para casa, Fernanda sente-se renascida de várias maneiras. O grupo de reflexão deu-lhe ideias para continuar a trabalhar no conceito matemático que, em última análise, poderá tornar possível a propulsão *WARP*. Mas ela quer também desenvolver as suas próprias ideias acerca de computadores quânticos *anyonicos*. Entusiasmada, visita a avó quando chega a casa.

Greta escuta pacientemente. Depois diz: “Estou muito orgulhosa da minha neta que se tornou um génio na matemática. Querida filha, mantém a tua irmã gémea bem informada acerca das tuas pesquisas. Sabes como ela gosta de frequentar os círculos do presidente da Autoridade Local de Megapolis. Ela claramente tem uma queda pelo filho mais velho dele.”

“Por que dizes isso agora, avó?” pergunta Fernanda.

“Dúvida saudável, mais nada”, responde Greta. “Sabes-lo bem. Os teus tios-avós e eu não podemos dizer fazer parte do círculo de amigos das Autoridades Locais. O teu pai eternamente optimista continua a minimizar qualquer mal possível. Contudo, pergunto-me a razão de ser dessa súbita aproximação entre a tua irmã e o filho do presidente. Claro, talvez sé se trata de um namoro. Mas como Alexandre e eu o observamos, as acções daqueles no poder nunca são isentas de uma segunda intenção. Não será uma estratégia para obter informações confidenciais acerca do trabalho da nossa casa biblioteca e das comunidades de aprendizagem? Vocês as duas são um exemplo excepcional do valor educacional das comunidades de aprendizagem para as nossas crianças. As autoridades centrais e locais geralmente não se importam com as comunidades rurais. Mas será bem melhor para ti, elas não saberem muito acerca dos teus contactos com amigos como Hunt Jr e outras figuras importantes da ciência. Sabes como eles são muito críticos ao que se passa, razão pela qual vivem fora das megapoleis. E aqui entre nós, os muitos vírus e conflitos locais não mudam nada ao facto de a nossa área continuar muito sobrepovoada. A nossa megapolis está presta de explodir. A água torna-se escassa. Em geral, todas as

megapoleis têm produtos racionados, também a nossa. Regularmente há escassez de alimentos básicos. Tu sabes, embora nós pessoalmente não experimentemos muito a falta de produtos. Lembras-te também que estamos entre as poucas famílias não ricas a receber tratamento prioritário em todas as questões de saúde. Nas áreas rurais, os cientistas são geralmente muito críticos em relação a *Bloomcamp*. Não somos tão ingénuos, o Governo Local sabe dos nossos laços com *GNet-Z* e mesmo assim deixam-nos mais ou menos tranquilos. Pertencemos ao grupo de investigadores que interessam às universidades. Não te esqueces que a principal tarefa das universidades é de ajudar as autoridades locais e centrais. É um tanto estranho não sermos mais atacados. Mas se as nossas relações com a população rural mais crítica e não ignorante viessem à luz, a nossa situação talvez mude! As autoridades têm medo das consequências das revoltas arrogantes e ignorantes. Eles próprios são especialistas em manipulação e através de si próprio conhecem o mundo. Quem sabe, eles presumirem que nossas comunidades de aprendizagem são principalmente para manipulação."

"E achas que minha irmã está a ser usada?"

Greta suspira. "Estou um pouco preocupada, mas claro são as preocupações de uma velha. Sinto como não só a tua irmã gémea, mas também os teus irmãos mais novos se afastam da nossa família. Sim, sim, eu sei, esses dois estão no meio da crise da puberdade, mas ainda assim... se eles não tivessem nenhum privilégio, eu entenderia a sua atração pelos círculos de autoridade. Mas tal como tu, eles não são nada ignorantes. Às

vezes pergunto-me se a escolha dos amigos não se deve simplesmente ao desejo por objetos de luxo. O resto da família não mostra muito interesse nesse campo."

Fernanda tem muito para fazer. O pequeno círculo de matemáticos talentosos mantém-na cada vez mais ocupada. Existem algumas confirmações em relação à hipótese proposta na tese dela, mas há colegas a apontar ambiguidades na prova matemática. Juntos, tentam eliminar incongruências. Por fim, o pequeno grupo de matemáticos teóricos que estudam os espaços de Hilbert, Abelianos e não-Abelianos aceitam a hipótese como a *Hipótese de Mestre*. O grupo confia em como em breve a hipótese será definitivamente comprovada tornando se teorema.
Entretanto, ninguém questiona realmente o facto de tanto o complexo de Bradin da Universidade Megabelgium como a a Universidade de Boston em Megapple continuar a obter generosos recursos financeiros. A maioria dos investigadores estão simplesmente empolgados por ter a possibilidade de trabalhar indefinidamente nos problemas matemáticos tornando a propulsão de Alcubierre uma realidade técnica, talvez no início do próximo século. Contudo existem regras rígidas para a utilização dos fundos. Nenhum enriquecimento pessoal de seja quem for é tolerado. Alguns colegas de Fernanda, em particular da Megapple, têm dificuldade em cumprir as regras e por duas vezes um investigador de ponta desaparece completamente de circulação.

Fernanda tem hoje conversas mais frequentes com Victor Hunt Jr. através da linha de satélite da *GNet-Z*. Terminando uma conversa técnica no final de janeiro de 2090, ela refere

casualmente o desaparecimento de mais um jovem matemático com quem mantinha frequentemente videoconferências. Há um longo silêncio do outro lado da linha. Hunt Jr. fala então da praga da espionagem industrial e geopolítica tendo causada grande ansiedade financeira na maioria das bolsas de valores mundiais durante a primeira metade do século.

Fernanda fica confusa. "Estou a falar do desaparecimento de um colega hoje, por que falas de espionagem no passado?"

De forma um tanto enigmática, Hunt Jr. responde: "Velhos hábitos não se perdem facilmente. Sabemos hoje em como os moradores dos condomínios *Bloomcamp* geralmente estão mais bem informados do que pensávamos. Embora as Autoridades Locais ou Centrais dão prova da sua ignorância muitas vezes sem o perceber, seria um erro pensar que aqueles só preocupados com riqueza e poder não estejam particularmente bem informados."

Fernanda pergunta, rindo: "As teorias da conspiração também são populares nas comunidades rurais hoje em dia?" Ela faz um gesto com as duas mãos para colocar o início da frase entre aspas.

Hunt Jr. então diz. "Penso que sabes o que quero dizer. Mantém-te sempre discreta e concentra-te apenas nos problemas matemáticos em questão. Eles são de extrema importância para nós." E finaliza com uma advertência: "Fernanda, tem cuidado quando discutes o teu trabalho na presença de alunos quando mostram não serem realmente matemáticos de ponta."

Ambos os avatares abraçam-se e desconectam.

No condomínio de Windsor, dois números Bloomberg 10

altamente especializados entreolham-se depois de desligar a linha espiã que usaram para interceptar a conversa entre Fernanda e Victor Hunt Jr..

“Aquele Victor Hunt Jr. acaba por ser tão incómodo como era o pai dele.”

“Era? Ele morreu mesmo entretanto?”

“Não conseguimos descobrir. Alías, nem sabemos se Vitor Hunt Jr. é mesmo filho dele… Quem fala deles não revela nada. E tentámos por três vezes obter a confirmação in loco enviando alguém, mas até hoje os informadores simplesmente não voltaram.”

“Pessoas do nosso *Condomínio Windsor*? E não voltam????”

“Não, claro que não. Ninguém é louco o suficiente para sair daqui para sempre, especialmente porque ajustamos os nossos critério e raramente permitimos números Bloomberg 8 a ficar. Mas ainda assim, eles eram funcionários valiosos.”

“Ok, no final das contas é um problema secundário. Deveríamos fazer algo em relação à Fernanda Mestre?”

“Bem. Temos que proceder com muito cuidado. Se as nossas informações estiverem corretas, Fernanda é atualmente uma das promessas mais valiosas para resolver o problema de *anyons* e assim dar um enorme impulso para inteligência artificial. Os utópicos do *warp* querem principalmente tornar concretas as suas fantasias de viagens espaciais. Não estamos nem um pouco interessados nisso, pelo menos hoje já não. Queremos ver se esses investigadores de topo encontrem as soluções necessárias para concretizar rapidamente o nosso projeto *Elysium*.”

“Vai mesmo ser realizado?”

“Olha. Temos de encontrar uma solução antes do final do século. E isso é o mais viável se não encontramos um lugar seguro na própria Terra. E isso parece cada vez mais impossível. Partes do planeta são inabitáveis, seja devido à desertificação ou aos constantes furacões e inundações. Aquela maldita Thunberg dos anos 2010 e 2020 estava quase certa em tudo. Alguns dos nossos condomínios *Bloomcamp*, incluindo Windsor, terão um escudo electromagnético no próximo ano, mas já se pode prever como vai haver falhas de controlo com grandes tumultos. Além disso, existem relatórios perturbadores sobre os Subgovernos da *Federação Anglo-Saxónica*, da *Federação Eurocentro*, do *Reino do Meio* em da *Federação Unida de Cidades Americanas*.”

“*De* ou *sobre*?”

“*Sobre*, Acerca de! Líderes autocráticos insistem em querer pertencer eles próprios à classe alta.”

“Como assim? Não ficou claro os dois serem incompatíveis durante os primeiros anos dos regimes totalitários? Não se pode fazer parte de Bloomberg 9+ e ser conhecido publicamente como político ao mesmo tempo. Lembras-te como alguns dos melhores da década de 2020 de repente caíram quando o seu egocentrismo desenfreado os lançou na política pública. Eles saíram-se muito mal.”

“Sim. Aqui temos uma espécie de caminho oposto. Alguns dos nossos fantoches querem esconder-se e fugir connosco. Por isso querem primeiro enriquecer, muitas vezes com meios ilícitos.”

“Existem também maneiras legítimas para conseguir ficar tão rico e avançar para 9+?”

“Olá!!! Estás a ser influenciado pelos críticos que espias? Estás a

utilizar uma linguagem perigosa, amigo."
"Ok, ok, foi oficiosamente. Mas portanto *sobre* e não *de*?"
"Sim, talvez tenhamos que remover alguns líderes e substituí-los por outros mais ignorantes e mais arrogantes. Uns a seguir cegamente as nossas indicações."
"E o controle dos intelectuais? Recentemente ouvi como *Cou-clib-Clans* começaram a aparecer e causar destruição em centros e distritos do nosso interesse."
"Correto. Esse é o principal problema. Não sei o vimos a tempo, pode ser tarde demais. Esses clãs podem facilmente pensar que são independentes, até nós próprios pensávamos isso durante algum tempo. Mas na verdade eles são habilmente controlados. Enquanto pensávamos em como eles apenas adotavam as teorias de conspiração mais selvagens inventadas pelas autoridades locais, convencemo-nos de que as coisas iam bem. Mas em vez de simplesmente seguir as nossas diretrizes, alguns governos pretendem hoje realmente prejudicar-nos para ficar com um pedaço do bolo. Hoje em dia sabemos como aqueles subgovernos que acabei de mencionar financiam o *Cou-clib-clans* com o dinheiro nosso, imagine só! Enquanto atacavam bibliotecas privadas e comunidades de aprendizagem, não sabíamos o que estava a acontecer, mas agora também atacam investigadores e universidades financiados por nós. Apesar de tudo, alguns líderes dos governos centrais e locais começaram a pensar e por vezes tiraram conclusões perigosas… daí a começar a chantagear vai um pequeno passo."
"OK. Agora entendo. E voltando para Fernanda Mestre."
"Bom. Toda aquela família é terrivelmente perigosa, claro. Eles

são os líderes absolutos do grupo *Ignarysis*. Esse grupo é-nos muito útil para estudar e compreender como funciona a oposição a *Bloomcamp* e à nossa visão económica. Infelizmente, existem elementos indispensáveis nos dois ramos familiares que descendem de Joana e Catherine Demeester para manter o grupo *Ignarysis* a funcionar. Além disso, Megalissipo parece ser terreno fértil para formar investigadores muito interessantes. A própria Fernanda Mestre é exemplo proverbial. Temos mantê-la a trabalhar sem ela se aperceber que trabalha principalmente para nós. Devemos permitir alguns problemas entre a Administração Local e a família. Não pode ficar demasiado ruim, porque nesse caso toda a família vai decidir de desaparecer como muitos *Sabedores* estão a fazer hoje em dia. Mas também não podemos ser demasiado brando, pois isso levantaria suspeitas. Nem a Autoridade Local nem a família devem perceber que estão a ser poupados em absoluto."

"E aquela comunidade rural com a família Hunt?"

"Concordo, eles são realmente perigosos. Ouviste o quão precisas são as informações transmitidas por Hunt Jr. a Fernanda. Mas aquela maldita *GNet-Z* tem melhores técnicos do que nós. E eles pertencem àquela pequena comunidade de humanistas pluralistas empáticos e altamente educados. Não é simplesmente possível subordiná-los. Não há como rastrear aquela comunidade Hunt. Eles simplesmente não existem electronicamente, não sei como o fazem."

"E isso significa?"

"Isso significa, meu caro jovem colega, que nunca conseguimos descobrir a localização geográfica correta dos grupos rurais mais

pro-activos. Sabemos apenas que são pequenas comunidades que vivem entre os trópicos. Mas trata-se duma área enorme. Na verdade, grande parte dela é dificilmente ou simplesmente inacessível para os Ignorantes. Quem circula naquelas zonas não tem o mínimo conhecimento para encontrar esses locais a não ser por pura sorte. E quando acontece, o mais provável é ficarem incluídos num grupo rural com raramente mais de cinquenta mil indivíduos."

"Não podemos simplesmente tornar toda aquela área inabitável? No século passado, foram desenvolvidas muitas armas químicas e biológicas que provaram o seu valor."

"Não, não podemos. Estamos falando de uma área terrestre com mais de 53 milhões de quilómetros quadrados, pouco mais de um terço da área de solo total do planeta. Antes dos grandes surtos de infecção das décadas de 2050 e 2060, cerca de metade da população mundial vivia ali. Hoje não temos ideia de quantas comunidades ainda existem entre os trópicos. Por uma questão de probabilidade deve haver mais grupos no continente africano. Mas é só adivinhar, simplesmente porque África (*hoje Alkebulan, nota de redação*) compreende dois quintos da massa terrestre tropical. Destruir tudo quimicamente ou erradicar tudo biologicamente seria a sentença final de morte para todos nós. Portanto, não podemos pensar nisso antes de deixarmos a Terra e, neste caso, só se estivéssemos de acordo para sair para sempre. Ninguém está preparado para isso…"

"Portanto, continuamos a reinar e dividir, permanecendo-nos na sombra."

"Nós?"

“Quero dizer, nós, a elite Bloomberg 9+.”
“Sim, só ela importa.”
Os colegas riem-se e saem da sala de observação.

Greta entra na biblioteca. Alexandre está a adaptar a sala de reuniões para apresentar duas histórias infantis de Manuela. As crianças de uma das comunidades de aprendizagem supervisionadas pela casa biblioteca virão assistir ao espetáculo dentro de uma hora. Alexandra ajuda. Ela coloca as almofadas nas quais as crianças se vão sentar, sob o protesto do pai querendo mostrar o quanto ainda é flexível. Greta reorganiza os livros da biblioteca infantil. Todas as informações abordadas nas histórias de hoje estão ao seu alcance. A primeira história fala de limpadores do planeta. Um grupo de jovens assume a tarefa de proteger uma plantação florestal na sua região. Eles conhecem alguns filhos de pessoas analfabetas e ignorantes e incluem-nos nas brincadeiras. Com os seus novos amigos começam a tratar da floresta e colocam os respectivos pais em contacto uns com os outros. A segunda história é uma espécie de fábula. Três crianças partem em viagem de exploração e deixam seu distrito na megapolis. Elas encontram um urso falante e mais tarde um golfinho falante. Os dois animais levam-nas até um grande parque mágico onde pessoas e animais vivem juntos. Animais e pessoas cuidam em cooperação de animais, pessoas e plantas, tornando o grande parque mágico cada vez mais saudável.
Greta junta livros, desenhos e curtas-metragens com informações sobre o planeta Terra. Trata-se da natureza, da incompreensão provocada pela ignorância em relação à conservação da natureza e da desinformação sobre o estado

atual do planeta. Como muitas das atividades de biblioteca, Greta e Alexandre querem ajudar as crianças a treinar o seu espírito crítico.

Após a apresentação, Manuela e Alexandra assumem a liderança da conversa com as crianças. Recomendam livros e vídeos disponíveis em função do interesse demonstrado por cada uma das crianças e começam a circular entre elas para as acompanhar na leitura ou no visionamento de documentos.

Greta e Alexandre vão para a parte privada da casa e fazem-se um chá de ervas. Não há café disponível há várias semanas em todo o distrito universitário. Este ano houve muitos problemas com a colheita. Os grãos torrados ficaram quase todos para os condomínios *Bloomcamp*. Existe um café substituto feito de raízes torradas, mas geralmente é de baixa qualidade.

"Acompanhaste os relatos das comunidades rurais de *GNet-Z* da África Central e da América Equatorial nos últimos meses?" pergunta Greta ao primo.

"Os escudos eletromagnéticos dos condomínios *Bloomcamp*? Ouvi uma conversa entre Alberta e Fernanda há pouco tempo sobre o assunto. Para ser honesto, não as consegui acompanhar, a conversa era bastante técnica."

Greta sorri. "Não, quando elas estão juntas, muitas vezes não consigo entrar na conversa… Mas eu estava a pensar noutra coisa. Aquelas notícias sobre esconderijos para Não-Ignorantes. Estariam a ser criados locais de refúgio para quem deseja preservar a ciência e a cultura."

"Lugares de refúgio. Sim, ouvi algo sobre isso. Mas francamente, não entendi o porquê. Nós temos a nossa *GNet-Z* e ainda temos

as sugestões do *Cemitério de Livros Esquecidos* para proteger livros e obras de arte. E não existem também bibliotecas digitais?

"Bem, os membros mais pessimistas dos nossos grupos veem os novos ataques de queimadores de livros como uma ameaça global, até mesmo para um *Cemitério de Livros Esquecidos* e para a informação digital."

"Eles também vão queimar salas de servidores agora?"

"Não literalmente, pelo menos de momento. Embora dizemos frequentemente *Queimadores de livros*, não nos podemos esquecer que estamos a falar de grupos centralmente bem organizados, cujo objectivo é destruir a ciência e a cultura."

"*Cou-clib-Clans*, sim, eu sei, claro."

"Bem, os escudos eletromagnéticos de que falaste há pouco não são apenas para proteção contra ameaças do espaço. Certos *Cou-clib-clans* planeiam atacas contra instituições específicas. *GNet-Z* está tentando descobrir quais. Mas também devemos levar a sério a ameaça de destruição por tempestades eletromagnéticas vindas do espaço. As profundas perfurações subterrâneas acompanhadas de explosões nucleares para extrair minérios metálicos do manto terrestre parecem causar perturbações no magnetismo da Terra. Estas perturbações são suficientes para tornar partes da superfície da Terra mais sensíveis ao vento solar."

"Então não apenas *Cou-clib-clans* mas também a própria natureza destruída passa ser uma ameaça real ao património científico humano?"

"Basicamente. Por enquanto, ninguém sabe o que sobreviverá

ou não à agressão ao longo das próximas décadas."
"Não é muito bom."
"Não é nada bom. Os grupos rurais da *GNet-Z* apelam a todos os membros para memorizar integralmente uma obra da sua escolha e levar sempre consigo pelo menos duas cópias da mesma obra: uma versão escrita ou impressa e uma cópia digital em cartão de memória ou outro dispositivo de fácil proteção. O objetivo da memorização é recuperar o conteúdo da obra conforme ela foi escrita, mesmo se as cópias impressas e digitais forem parcial- ou totalmente destruídas."
"E aqueles membros memorizadores procurariam de seguida esses locais de refúgio?"
"Não procurariam, procuram. O movimento já está em andamento. Recentemente ouvi pela primeira vez a expressão *Livres Vagantes*. São membros de uma comunidade de democracia direta a mudar-se para esse local de refúgio."
"*Livres Vagantes*!"
"Sim, alguns são acompanhados por *Cuidadores de Documentos*."
"O quê?"
"Se bem entendi, aqueles *Cuidadores* comprometem-se a absorver documentos — e isso literalmente, através da implantação de certos dispositivos — que não existem sob forma escrita... fotografias, filmes digitais, reproduções de obras de arte, é só imaginar…"
"Isso não é muito extremo? É como um retorno ao *Res Pública Litteraria*, mas sob forma *oral*, pelo amor de Deus!
"Não foi a *Hortública* e não é toda a *GNet-Z* uma espécie de versão moderna daquela República das Letras? Ainda segundo

os nossos membros mais pessimistas, vamos mesmo encarar situações extremas. Querem evitar a todo custo que a humanidade volte a cair em algum tipo de estado bárbaro. Eles pintam cenários apocalípticos superando os filmes de ficção científica mais violentos. Consideram a proposta de memorização apenas como uma interpretação prática do nosso compromisso geral de protecção da ciência e da cultura. Mas também há propostas menos extremas."

"Ah! Agora entendo o apelo dirigido aos detentores de bibliotecas para armazenar os documentos mais sensíveis com segurança em abrigos subterrâneos, de preferência em recipientes estanques à radiação."

"Sim. E, Alexandre, perdoas-me, mas penso que não devemos demorar. O *Cou-clib-clans* estão a tornar-se cada vez mais agressivos mesmo em locais até hoje relativamente tranquilos como Megalissipo. Sugiro organizar o nosso próprio armazenamento subterrâneo para tudo o que diz respeito à ignarometria e para *Ignarysis*. Poderemos então disponibilizar fac-símiles às comunidades de aprendizagem."

Dois meses depois a Casa Biblioteca está totalmente adaptada. O piso do subsolo recebeu um revestimento resistente à radiação. Livros, revistas, arquivos e dispositivos digitais são transferidos para a cave após serem tratados com material resistente à humidade. Todo o subsolo foi hermeticamente fechado. Sergio Mestre supervisionou os procedimentos. Durante esses dois meses ele quase não esteve em casa. Inês e ele receberam nesse período só uma vez a visita dos dois filhos. Quando a conversa abordou a Casa Biblioteca, os dois irmãos

reagiram de forma muito hostil. O mais velho afirmou que este tipo de casas desacreditam o bom trabalho das Autoridades Locais e deveriam simplesmente serem destruídas. Ele avisara os pais de não propor a Alberta em mudar-se para a Casa Biblioteca Paulo Demeester. Segundo ele, a Autarquia irá fechar definitivamente a casa quando Manuela e Alexandre se dispõem a abandoná-la. E isso, acrescentara, deve-se ao sentimentalismo do irmão mais novo, que quebrou uma lança para a avó. Embora os dois rapazes estejam convencidos em como a avó está errada acerca da maioria dos assuntos políticos, na velhice ele não quer fazê-la passar pela dor de não poder voltar para a casa onde passou muito tempo na juventude.

Inês e Sérgio ficam chocados com o entusiasmo com que ambos os filhos, de quem ninguém suspeita serem ignorantes, relatam a política do oligarca local como um exemplo de compromisso com o povo de Megalissipo. Ambos os rapazes informaram os pais ter se candidatado a um cargo de alto funcionário público na *Administração Central da Federação Europeia para Assuntos Ibéricos*. Se forem aceitos, mudarão para o distrito fechado EuroBruxelas na Megabelgium. Eles então tornar-se-ão virtualmente inacessíveis. Só eles próprios poderão estabelecer conexões de vídeo para fora. Mas quem quiser contatá-los deverá enviar um pedido ao despacho central. A rede RESULT dispõe de carruagens, ver comboios próprios, para quem viaja para a EuroBruxelas. Sérgio e Inês não poderão visitar os filhos no local. Nenhum visto de visitante é fornecido para esses tipos de distritos fechados como se fossem cidades proibidos. Quando Sérgio comenta com desdém em como o Governo Central e os

seus responsáveis se escondem muito bem da população que afirmam servir de forma exemplar, o seu filho mais novo encolhe os ombros e diz saberem todos há muito tempo que os pais dificultam as coisas em relação a tudo.

Fernanda lamenta os seus irmãos desejar viver tão isolados. Ela continua a viajar regularmente para Megabelgium e já pensava passar a vê-los com mais frequência se fossem aceites. Mas o oposto é verdadeiro. Existe uma separação completa entre EuroBruxelas e LocalBruxelas. Todos os distritos em redor de EuroBruxelas simplesmente fazem parte de Megabelgium. Os altos funcionários residentes em EuroBruxelas só estão autorizados em viajar para a sua região de origem e são controlados diariamente. Fernanda observa haver pouca diferença entre um alto cargo da Federação Europeia e um detido com pulseira electrónica. Os seus irmãos parecem querer viver numa jaula. Ambos encolhem mais uma vez os ombros. Eles gostam bastante da ideia de talvez passar a viver numa jaula dourada.

Pouco antes do verão, os rapazes recebem a confirmação como foram seleccionados por especial recomendação do Administrador Local do Megalissipo. Encantados, partem para sua jaula dourada. Pouco antes de saírem de Megalissipo, entra em vigor um novo decreto regulamentando o *direito à não participação*. Os rapazes consideram a proposta como sendo uma proposta maravilhosa no contexto das regulamentações democráticas. A liberdade individual é um direito, argumentam, e esta proposta vai ao encontro desse direito. Todos devem ter o direito de se retirarem de qualquer tomada de decisão colectiva.

Além disso, assim promove-se o trabalho governamental profissional. Sergio e Inês veem o decreto como mais uma medida incentivando a população à passividade. As pessoas ficam ainda mais afastadas da política. É o oposto da democracia. Mas quem subscreve o decreto não raciocina assim. Todos podem participar, e ao oficializar este direito todos ficam protegidos das obrigações de voto ou da participação obrigatória em determinadas atividades.

Sergio e Inês contam a Greta que os seus netos defendem o direito à não participação. Ela fala das contradições da democracia representativa.

"Parece mais uma vez aquele paradoxo clássico sobre a democracia", começa Greta. "Se as pessoas têm o direito de participar, esse direito pode também significar não fazê-lo na tomada de decisões democráticas?"

"Participar é, em última análise, uma escolha pessoal, não é, mãe", diz Sergio. "E já discutimos isso, quando abordamos o pluralismo. Para mim ele ultrapassa os limites da democracia presa na regra da maioria... Tenho a convicção em como num sistema verdadeiramente pluralista, todos *gostam* participar. Quanto menos hierarquia administrativa houver, mais útil fique a contribuição de todos. Nos sistemas democráticos representativos a dificuldade é mesmo essa. As pessoas desistem quando não se sentem realmente representadas."

"Mas os meus netos não estão a pensar apenas nas escolhas pessoais suspeito eu", continua Greta.

"Concordo contigo", diz Inês. "O meu querido marido, eterno optimista, falou. Eu não sou tão optimista. Quando ouvi os

nossos rapazes, reconheço o raciocínio preferido dos líderes populistas: a participação não é necessária. Para muitas pessoas participar é uma perda de tempo, principalmente quando o governo já cuida de tudo. Tornar possível de evitar a perda de tempo com um direito à não participação é um instrumento político para enfraquecer as pessoas."

"Mas alguém pode invocar o seu direito à não participação para determinados assuntos e não para outros, certo?" pergunta Sérgio.

"O direito à não participação é uma falácia. Leva as pessoas a não pensar em nenhum assunto," continua Greta. "Quando existe a necessidade de tomar uma decisão complexa essa envolve geralmente muitos aspectos técnicos. Entender essa parte técnica é difícil tanto para quem representa quanto para quem é representado. Quem toma as decisões pode recomendar não participar, para não perder tempo em dar explicações, por exemplo, ou para evitar que um grupo muito grande tenha que estudar o assunto, ou… "

"Isso não é um pouco improvável, mãe?" pergunta Sérgio.

"Não acho filho. Uma lei desse género é mais barato e mais subtil do que criar campanhas de desinformação. Lembrem-se os chamados governos do povo na primeira metade do século passado na Europa, Ásia e África [*Erebúm, Waçúm e Anahuac, nota de redação*] quando os continentes ainda estavam divididos em estados. Esses governos alegavam tudo ser feito pelo povo e em nome do povo. Alguns representantes realmente acreditaram nisso. Na maioria dos casos, uma de duas coisas aconteceu. Ou a participação não era necessária nem desejável e

opiniões divergentes simplesmente não eram tidas em conta. Portanto, não era necessário procurar compromissos. As decisões majoritárias geralmente atraíam um 'apoio' de mais de 99% dos 'representantes'. Ou então o direito à não participação incluía um convite para sair do país a quem não quisessem participar. É certamente mais humano do que prender ou matar opositores, como aconteceu frequentemente no primeiro caso, mas continua a ser uma solução arrogante. Menos drástico, mas arrogante. Além disso, tal solução não era isenta de perigos para os próprios líderes do povo autocráticos. Quem não participava dentro do Estado e vivia fora das suas fronteiras podia agir de lá fora. E muitas vezes o faziam originando ações com contornos violentos. Não, excluir as pessoas em nome do seu próprio bem-estar e do bem-estar dos outros não me parece uma boa solução a longo prazo. Hoje há uma diferença adicional e não insignificante. Temos muitas informações em como os líderes populistas autocráticos a tomarem hoje assento nos governos central e local nem sequer governam em nome do povo, dizem eles seja o que for. Eles governam em nome de *Bloomcamp* e, de certa forma, em nome de si próprio."

Fernanda entra e ouve esse último comentário da avó. Depois diz: "Nos nossos grupos de investigação muitos colegas dizem acreditam que os líderes mais ignorantes dos governos locais não governam sequer em nome próprio. Eles são nomeados apenas para controlar a população urbana e servir e proteger *Bloomcamp*."

"Esse é o entendimento da maioria das comunidades rurais de *GNet-Z*. Vejam a comunidade Hunt, por exemplo. Segundo eles,

a elite do *Bloomcamp* controla já tudo", observa Inês.
"E podem bem estar certos, receio", diz Greta. "Temos indicações já algum tempo de que, quando a coisa aperta mesmo, a população urbana e os seus líderes locais são marginalizados."
"Ou mais sinistro ainda. Existem epidemias biológicas ou sociais em locais mais rebeldes, controladas e até originadas por *Cou-Clib-Clans*," continua Fernanda.
"Não estás a exagerar agora?" pergunta Sérgio. "Parece uma espécie de teoria da conspiração como aquelas adoptadas pelos Ignorantes."
"Pai, talvez seja melhor abrir um pouco os olhos. Os *Cou-Clib-Clans* prestar em última análise um serviço aos líderes populistas. Como eles parecem surgir em todos os lugares, menos grupos de aprendizagem iniciam hoje."
"Mas entretanto ainda há interesse pela pesquisa científica, não há? Tu não és um bom exemplo?"
"Correto. Mas afirmo não ser isso do interesse das Autoridades Locais, provavelmente nem seguir das Centrais, mas sim do próprio *Bloomcamp*. Por essa razão motins são interrompidos aqui e ali. Isso explica também por que às vezes até um distrito administrativo é afectado."
"Com uma epidemia? Filha, meu Deus! Estamos a lidar com alguma variação de eugenia, achas isso?" Confuso, Sérgio balança a cabeça.
Inês percebe a confusão de Sergio e tenta mudar o rumo da conversa: "Mas estávamos a falar acerca do significado do direito à não participação".

“Se bem me lembro”, diz Greta agora, “os *Cou-Clib-Clans* atacam principalmente Não-Ignorantes não pertencendo aos círculos administrativos. Fernanda fala de informações divulgadas pela *GNet-Z* em como essas epidemias específicas possivelmente controladas ocorrem principalmente quando há risco de revolta por parte do próprio poder local.”

“Portanto, um Governo Central seria então responsável por certas epidemias biológicas ou sociais. Essas não afectam distritos administrativos, a menos que haja razões para acreditar em como uma determinada autoridade local possa ser uma ameaça. O grau de apoio ao direito à não participação é uma espécie de barómetro. Se não houver um número suficiente de ignorantes a aceitar esse direito, pode haver perigo. Parece-me o cenário de um filme de ficção científica barato,” responde Sergio.

Greta olha para o filho por um momento. Depois ela diz: “A oferta educacional chegou ao seu ponto mais baixo. Não existe hoje nenhum corpo docente ou nenhuma faculdade em lugar algum no campo da educação. Iniciar uma democracia direta leva cada vez mais tempo e torna-se cada vez mais difícil. Entretanto, há cada vez mais locais onde o direito à não participação é incluído como um direito democrático na legislação local. Nesses locais, iniciar um processo para a democracia direta num grupo de aprendizagem ou numa pequena comunidade torna-se mais difícil.”

Inês acena em sinal de concordância. “Certamente leste o último número de *Ignarysis*. Cada vez mais deixa-se ao critério dos pais se uma criança deva aprender a ler e escrever. Hoje em dia essa aprendizagem também é um direito pessoal. Mas as crianças são

novamente totalmente *in fans*, sem o direito de falar por si. Digo isto porque este direito pessoal dos pais tem obviamente consequências de longo alcance para aqueles que não foram autorizados em escolher a sua aprendizagem enquanto criança. Obviamente a escolha também tem um lado económico. Distritos como o nosso com comunidades de aprendizagem gratuitas ou quase gratuitas são raros. A única oferta educativa oficial para ensinar as crianças a ler, contar e escrever foi totalmente privatizada e robotizada. Cada pacote de nível deve ser alugado separadamente mensalmente ou anualmente. É caro e muitos pais não conseguem ou não querem dar dinheiro para investir em tais pacotes."
Greta então diz: "Na maioria dos distritos a sobrevivência é mais fácil só obtendo alimentos básicos e alguns bens necessários. Muito pouco conhecimento geral e ciência são necessários. As pessoas são forçadas a marginalizar-se economica- ou socialmente. O direito à não-participação soa bem neste contexto, faz uma pessoa se sentir bem. Exerça o seu direito de ser pobre e ignorante! A certa altura, é mais fácil ser um gato de apartamento, como diziam a minha mãe e a tia Joana quando interpretavam socialmente a matriz ignarométrica."

Nos meses seguintes, Fernanda retira-se novamente para o seu mundo matemático. Novas ideias surgem em relação à sua hipótese. O *think-tank* com o qual trabalha sugeriu uma abordagem diferente. Eles tornam a prova matemática mais simples. Uma prova matemática assim simplifica também a interpretação física. Isso ajuda por sua vez os engenheiros de ciência da computação a aproximar-se de um modelo viável

para algo como a propulsão *warp*. Fernanda ainda acha esse tipo de propulsão um tanto rebuscado mas o modelo matemático a descrever a interação de *anyons* tornou-se mais consistente. A hipótese agora aceite como o *teorema de Mestre* representa um progresso para a computação quântica. Por isso, Fernanda está de volta ao complexo de Bradin por um curto período.

Enquanto Fernanda está em Megabelgium ela reserva algum tempo para perceber até que ponto os processos de democracia direta no local estão ou não limitados à cooperação científica. Ela fica um pouco decepcionada.

Aparentemente, o grupo *Zafónis* de Megalissipo como um todo é uma estrutura localmente coesa para as várias pequenas comunidades *GNet-Z*. As reuniões cooperativas conduzindo à tomada de decisões têm uma concepção bastante eficiente. Existe um processo de vaivém e todas as propostas vinculativas podem sempre ser suficientemente revistas por todos. Pode-se realmente falar de ampla consulta para cada decisão. Os limites do consenso estão a ser discutidos. Até que ponto pode uma decisão ser bloqueada quando a oposição à mesma é muito pequena e até que ponto pode não ser tomada uma decisão quando uma maioria esmagadora é a favor dela? Não existem regras gerais. Muito tem a ver com o impacto de uma qualquer decisão sobre quem não concorda e com o impacto de não decidir sobre quem concorda com a proposta. A orientação geral é procurar acordos dando a todos a oportunidade de aproveitar a vida e de trabalhar, sozinhos ou em grupo, sem impedir outros de desfrutar da própria vida e o seu trabalho. E isso nem sempre

é fácil quando, como dizem os antropogogos institucionais, é necessário lidar com instituições externas, em primeiro lugar o dinheiro e o poder.

Embora desiludida, Fernanda percebe a comunidade Bradin. Ela limita todas as discussões às decisões tendo impacto nas diversas investigações em curso. Isso por si só já cria tensões. Aqui o financiamento externo deve ser levado em conta, e bem. As instituições internas podem mesmo ser prejudicadas pelo que é determinado fora da comunidade.

Fernanda discute frequentemente as instituições internas e externas com os pais. Eles costumam levar a mesma discussão para as reuniões no mundo de realidade aumentado. Com outros avatares de quem reside em Megapple, Megaludein e Comunidades do Reino do Meio, eles analisam as rotinas de participação ajudando a quebrar o auto-isolamento. O trabalho preparatório com aqueles vindo de distritos com grande percentagem de Ignorantes parece ser uma tarefa muito delicada. É muito fácil criar a sensação em como um grupo de aprendizagem *Zafónis* seja um grupo pedante. Nesse caso acordos muito simples para certas regras dão pelo torto, em grande parte devido à Novilíngua introduzida por líderes populistas. A preocupação constante em continuar a promover, fortalecer e interiorizar valores cosmopolitas e pluralistas por parte de todos numa comunidade é um grande desafio. Um dos aspectos mais difíceis é aprender a compreender em como todas as regras podem ser discutidas continuamente, desde que estejam asseguradas as condições básicas para todos terem acesso à informação necessária. *Ignarysis* é regularmente uma

boa plataforma para obter clareza sobre como abordar determinados tópicos.

O modo lento e ponderado de tomar todas as decisões depois de estarem abertas à discussão na comunidade continua a perder contra os Governos Centrais que encorajam grandes grupos de Ignorantes a assinarem uma declaração do seu direito à não-participação. Há polis onde a assinatura dessa declaração envolve uma pequena compensação monetária. Depois de receber essa compensação, o dossier da pessoa é ajustado, restringindo o acesso a determinadas atividades ou profissões. Além disso, o uso de 'drogas de bem-estar' é agora completamente legal. Sergio e Inês vêem com tristeza os seus filhos a tornar-se burocratas nesse novo programa de controle dos gatos de apartamento através da manipulação.

O Poder Local mostra cada vez mais abertamente que a Biblioteca Paulo Demeester não tem valor. As duras críticas às comunidades de aprendizagem e à nelas associada prática de Sérgio e Inês afastam ainda mais os seus filhos. Hoje comportam-se de forma abertamente hostil em relação aos pais. Joana, a irmã gémea de Fernanda, diz não se importar com tudo isso, desde que tenha liberdade de movimento suficiente.

Fernanda é dos quatro filhos a única a continuar a dar um apoio incondicional aos pais na luta contra a ignorância e a arrogância. Ela lamenta claro a distância criada agora também pela irmã. Recorre à avó para a ajudar a fazer perceber a Joana que a sua liberdade de movimentos e a capacidade de utilizar a rede *RESULT* são uma consequência do estatuto de investigadora tanto dos seus pais como da sua irmã. Isso por si

só é um privilégio. Joana então lembra quão facilmente os irmãos poderão declarar os pais *persona non grata* perdendo todos os seus privilégios. Ela mesma nunca faria nada contra os pais, ela só quer ser deixada em paz. Pouco depois, Joana muda-se para Megapple onde vai viver fisicamente com um amigo de quem o avatar dela conhece o seu.

Na primeira conversa com a irmã após a mudança para o outro lado do oceano, Joana fala da gala no qual participou após a entrega das Medalhas Fields deste ano. Os participantes obviamente sabiam que Joana e Fernanda são gémeas. Joana foi informada dos rumores persistentes no comité Fields em como Fernanda poderá ser uma das laureadas de aqui quatro anos.

Embora Fernanda fique satisfeita com o boato, ela diz à irmã que a matemática a fascina completamente seja como for. Ela não precisa de nenhum prémio, apenas da oportunidade de continuar a trabalhar.

Mas seria bom abraçar-se em Megapple daqui a quatro anos. Por que não?

Posfácio ao volume 10

Até hoje pouco sabemos do trabalho de Sergio e Inês. Temos dois pequenos ensaios que suspeitamos terem sido escritos por eles. Talvez Fernanda os tenha trazido para *Paraíso dos Livros*. Embora Lev Auctor tivesse quase trinta anos quando a sua avó Fernanda morreu, ele diz nunca a ter ouvido falar dos ensaios. As duas redações podem ser cópias, rescritas pelos alunos de Sérgio e Inês, depois de ter memorizado os originais para os trazer ao *Paraíso dos Livros*.

Mas Fernanda explicou Lev em como os elementos mais críticos da *GNet-Z* gradualmente se dividiram em dois grupos. Um grupo juntou sobretudo membros de comunidades rurais, liderados pela família Hunt. Este grupo em particular desapareceu pouco antes do final do século, sem deixar rasto na altura. Os outros membros da *GNet-Z* presumiram mais uma vez em como esse grupo poderia de alguma forma usar a hipotética propulsão *warp* ou uma qualquer alternativa viável. Essa alternativa teria sido oferecida por aqueles misteriosos Ganymedianos, cuja existência todos suspeitam, mas que nunca ninguém viu. Naquela época, Fernanda perdeu alguns de seus interlocutores mais importantes. Aqueles que aceitaram a existência dos Ganymedianos estavam convencidos se tratar de uma espécie com matemáticos muito mais avançados na modelação da natureza, provavelmente em parte porque entre eles a evolução da descrição dos objectos matemáticos aconteceu de uma forma completamente diferente em comparação com a evolução na Terra.

O projet *Elysium* estava firmemente estabelecido entre a elite *Bloomcamp* no final do período que aqui descrevemos.

A crónica falta de novos medicamentos para as sucessivas vagas de vírus maliciosos a surgir subitamente em quase todo o planeta não era estranha a isto. Foi disponibilizado muito dinheiro para continuar a investigação sobre medicamentos e vacinas protectoras, mas os investigadores muitas vezes não tinham tempo suficiente.

Além disso, os *Bloomcampers* com número de valor 10 e 11 tinham muita pressa em procurar todos os meios possíveis como prolongar a vida pessoal. Mas nem a tecnologia e equipamento biofísico toda podia competir com um vírus agressivo fazendo colapsar quase instantaneamente os pulmões, o coração ou o pâncreas.

Em 2090, Fernanda e alguns dos seus colegas ainda não sabiam como as suas pesquisas eram financiadas com o único propósito de tornar a cidade espacial *Elysium* possível para reunir todos os condomínios *Bloomcamp* sob o mesmo 'tecto'.

Fim do livro 10

Uma estranha carta

Caro Pascal

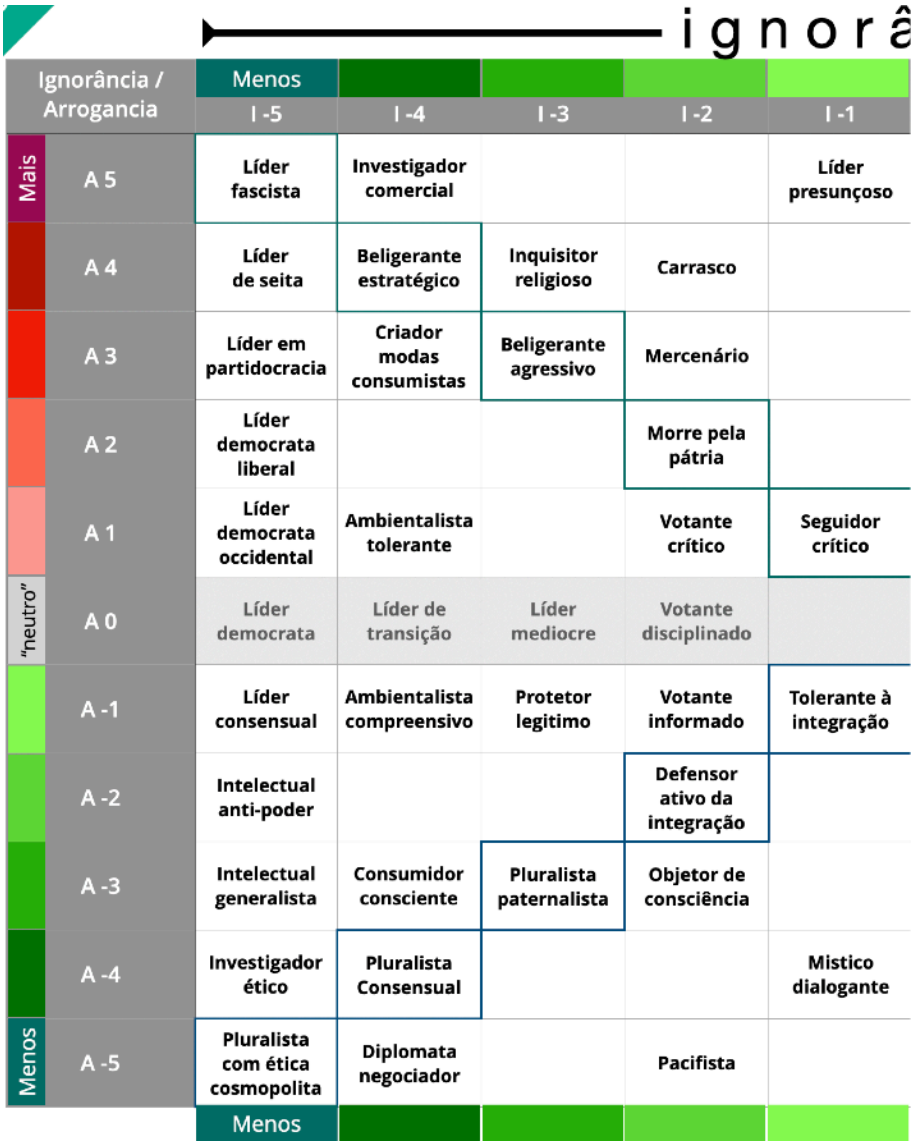
Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

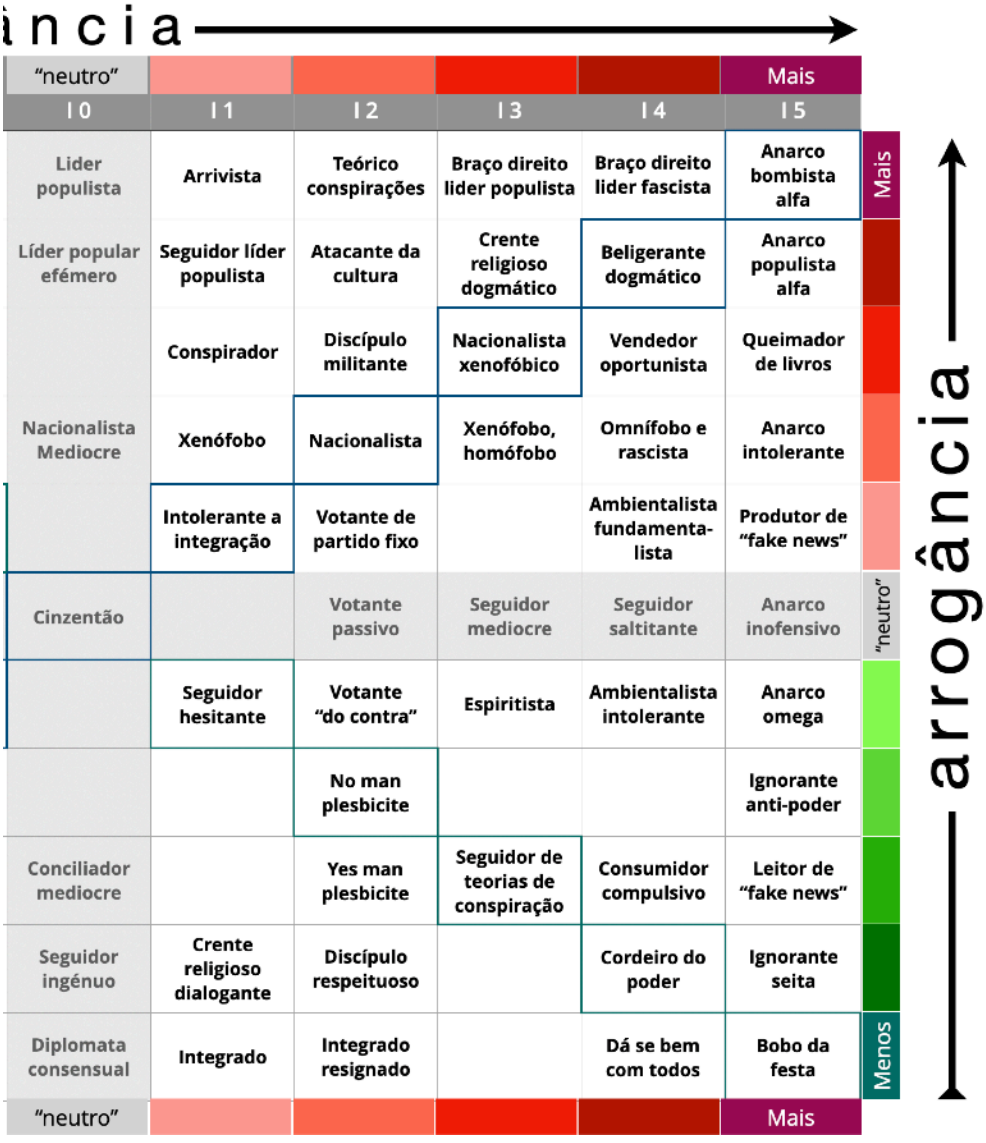
A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Anexo: matriz 95/121




ância
arrogância
"neutro"
Mais
I 0
I 1
I 2
I 3
I 4
I 5
Lider populista
Arrivista
Teórico conspirações
Braço direito lider populista
Braço direito lider fascista
Anarco bombista alfa
Mais
Líder popular efémero
Seguidor líder populista
Atacante da cultura
Crente religioso dogmático
Beligerante dogmático
Anarco populista alfa
Conspirador
Discípulo militante
Nacionalista xenofóbico
Vendedor oportunista
Queimador de livros
Nacionalista Mediocre
Xenófobo
Nacionalista
Xenófobo, homófobo
Omnífobo e rascista
Anarco intolerante
Intolerante a integração
Votante de partido fixo
Ambientalista fundamenta-lista
Produtor de "fake news"
Cinzentão
Votante passivo
Seguidor mediocre
Seguidor saltitante
Anarco inofensivo
"neutro"
Seguidor hesitante
Votante "do contra"
Espiritista
Ambientalista intolerante
Anarco omega
No man plesbicite
Ignorante anti-poder
Conciliador mediocre
Yes man plesbicite
Seguidor de teorias de conspiração
Consumidor compulsivo
Leitor de "fake news"
Seguidor ingénuo
Crente religioso dialogante
Discípulo respeituoso
Cordeiro do poder
Ignorante seita
Diplomata consensual
Integrado
Integrado resignado
Dá se bem com todos
Bobo da festa
Menos
"neutro"
Mais

Pablo investiga o fenómeno dos “novos ignorantes”. Isto se refere à ignorância geral criada que surgiu desde o início da implementação do modelo de aprendizagem baseado no ensino remoto.
Sayen está interessada na aprendizagem dialógica e na orientação do processo de aprendizagem de crianças pequenas. Utilizando o legado Demeester, Sayen investiga a reciprocidade entre a influência de certos modelos de aprendizagem e o modelo social geral anterior à Refundição.

Durante a segunda metade do hectoano 120 (século XXI no calendário gregoriano), a Era do Aprendente chegou abruptamente ao fim. Estabelece-se gradualmente uma ordem mundial governada por uma pequena elite rica que se retira para Bloomcamp. Esta elite é assistida por autoridades centrais e locais. As escolas fecham. No final do século, apenas algumas universidades albergam a investigação científica para a qual a Bloomcamp disponibiliza dinheiro.
Acompanhamos as três primeiras gerações da terceira dinastia Magister-Auctor. Greta Campos, o seu filho e os netos e netas vivem num mundo onde a população em geral se encontra cada vez mais presa na sua própria ignorância e distrito.
No entanto, os Não-Ignorantes conseguem resistir e organizam-se numa rede clandestina de intelectuais críticos.